

**PATRÍCIA FABIANE AMARAL DA CUNHA**

**POSSESSIVOS DE TERCEIRA PESSOA NA LÍNGUA  
PORTUGUESA NOS SÉCULOS XIII E XIV**

**BELO HORIZONTE  
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG  
2007**

**PATRÍCIA FABIANE AMARAL DA CUNHA**

**POSSESSIVOS DE TERCEIRA PESSOA NA LÍNGUA  
PORTUGUESA NOS SÉCULOS XIII E XIV**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Lingüística

Orientadora: Profa. Dra. Jânia Martins Ramos

BELO HORIZONTE

2007

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos

Tese intitulada “Possessivos de terceira pessoa na língua portuguesa nos séculos XIII e XIV”, de autoria da doutoranda Patrícia Fabiane Amaral da Cunha, aprovada no dia 09 de abril de 2007 pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Jânia Martins Ramos – UFMG (orientadora)

Profa. Dra. Célia Regina dos Santos Lopes – UFRJ (titular)

Prof. Dr. Mário Roberto Lobuglio Zágari – UFJF (titular)

Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte – UFMG (titular)

Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonca Cohen – UFMG (titular)

Profa. Dra. Maria do Carmo Viegas – UFMG (suplente)

Profa. Dra. Tânia Conceição Freire Lobo – UFBA (suplente)

Dedico este trabalho à minha família,  
que me apoiou incondicionalmente,  
sempre transformando as dificuldades  
em estímulo.

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Jânia Ramos, minha orientadora, pelo seu constante apoio, mostrando-se indescritivelmente disponível e amável. Seu acompanhamento atento e suas intervenções pontuais foram imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG e a todos os professores que tive pela formação recebida.

Aos colegas pelas reflexões compartilhadas.

Ao meu pai, Marco Aurélio, e à minha mãe, Maria Delourdes, que são, indubitavelmente, os responsáveis diretos pelo amor e pela dedicação que tenho à minha formação acadêmica.

Ao meu irmão, Marcos, por estar sempre presente nos momentos de conquista.

Ao Alexandre, esposo e companheiro, pelo carinho e pelo incentivo.

E a todos aqueles que, direta ou diretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

Esta tese trata dos possessivos de terceira pessoa. Com base em dados referentes ao português medieval, investigamos a implementação do possessivo 'dele' e a variação entre as diferentes realizações dos pronomes.

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001), mostramos terem sido concomitantes o aumento na frequência de uso do artigo definido, a queda dos possessivos átonos de terceira pessoa e o aumento de frequência da variante 'dele'.

Com o propósito de explicar a concomitância dos três processos, buscamos na teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981, 1989, 1994) a noção de categoria D. Argumentamos, nesse sentido, que a competição entre os possessivos átonos de terceira pessoa e os artigos definidos pela posição de núcleo da categoria D estaria diretamente relacionada à implementação do possessivo 'dele'.

## **ABSTRACT**

This thesis analyses third person possessives. Based on data representing Medieval Portuguese, we investigate the implementation of ‘dele’ and the variation among the different realizations of pronouns.

Based on theoretical assumptions of the variationist sociolinguists (cf. LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001), we demonstrate that the increasing of definite articles usage frequency, the decreasing of clitic possessives and the increasing of ‘dele’ usage frequency would be concomitant.

To explain the co-occurrence of these processes, we analyse the D category based on Principles and Parameters Theory (cf. CHOMSKY, 1981, 1989, 1994). We argue that the competition between clitic possessives and definite articles for the same position would be related to the implementation of ‘dele’.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO I – Possessivos de Terceira Pessoa na Língua Portuguesa .....</b>	<b>21</b>
<b>1.1. Dos Possessivos .....</b>	<b>22</b>
<b>1.1.1. ‘Seu’ e ‘Dele’ no Português Contemporâneo .....</b>	<b>22</b>
<b>1.1.2. ‘Seu’ e ‘Dele’ no Português Trecentista e Quatrocentista .....</b>	<b>27</b>
<b>1.2. A Favor da Variação .....</b>	<b>29</b>
<b>1.3. Contra a Variação .....</b>	<b>45</b>
<b>1.4. Conclusões .....</b>	<b>50</b>
<b>CAPÍTULO II – A Análise Quantitativa .....</b>	<b>53</b>
<b>2.1. A Amostra: Constituição e Caracterização .....</b>	<b>54</b>
<b>2.2. Métodos e Procedimentos .....</b>	<b>56</b>
<b>2.3. Tratamento Quantitativo dos Dados .....</b>	<b>68</b>
<b>2.4. A Propósito da Origem das Variantes em Análise .....</b>	<b>70</b>
<b>2.4.1. Uma Breve Nota sobre as Origens do Possessivo ‘Seu’ .....</b>	<b>70</b>
<b>2.4.2. Sobre a Origem das Formas Átonas .....</b>	<b>73</b>



2.4.3. Uma Breve Nota sobre as Origens do Possessivo ‘Dele’ ..74	
2.5. Os Grupos de Fatores Condicionadores .....	79
2.6. Variantes Independentes Internas .....	82
2.6.1. NP Possuidor [+/- Concreto] .....	82
2.6.2. NP Possuidor: [+/- Humano] .....	83
2.6.3. NP Possuidor [+/- Específico] .....	85
2.6.4. NP Possuidor [+/- Animado] .....	86
2.6.5. Número do NP Possuidor .....	87
2.6.6. Posição no DP Possessivo .....	89
2.6.7. Presença/Ausência de Artigo Definido no DP Possessivo .....	90
2.6.8. NP Possuidor: Sujeito / Não-sujeito .....	91
2.6.9. Fator Pragmático: Status do NP Possuidor .....	93
2.7. Variáveis Independentes Externas .....	95
2.7.1. Fator tempo .....	95
2.7.2. Tipo de texto .....	96
2.8. Conclusões .....	98
CAPÍTULO III – Análise dos Dados .....	100
3.1. A Variável Possessivo ‘Seu’ x Possessivo ‘Dele’ .....	100
3.1.1. Os Grupos de Fatores Seleccionados pelo Varbrul .....	101
3.1.1.1. NP Possuidor [+/- Humano] .....	101

3.1.1.2. Presença/Ausência de Artigo Definido no DP Possessivo .....	103
3.1.1.3. NP Possuidor: Sujeito / Não-sujeito .....	105
3.1.1.4. Número do NP Possuidor .....	107
3.1.1.5. NP Possuidor [+/- Concreto] .....	109
3.2. As Variantes Átonas x Tônicas do Possessivo ‘Seu’ .....	111
3.2.1. Os Grupos de Fatores Seleccionados pelo Varbrul .....	113
3.2.1.1. Tipo de Texto .....	113
3.2.1.2. NP Possuidor [+/- Específico] .....	114
3.2.1.3. Fator Tempo .....	116
3.2.1.4. NP Possuidor: Sujeito / Não-sujeito .....	119
3.2.1.5. Fator Pragmático: Status do NP possuidor .....	121
3.3. Possessivo ‘Dele’ x Variantes Átonas do Possessivo ‘Seu’ .....	123
3.3.1. Os Grupos de Fatores Seleccionados pelo Varbrul .....	123
3.3.1.1. NP Possuidor: [+/- Humano] .....	123
3.3.1.2. Presença/Ausência de Artigo Definido no DP Possessivo .....	125
3.3.1.3. NP Possuidor: Sujeito / Não-sujeito .....	129
3.3.1.4. Tipo de Texto .....	130
3.4. Conclusões .....	132
 CAPÍTULO IV – Investigando a Implementação do Item ‘Dele’ .....	 133
4.1. A Queda dos Possessivos Átonos e a Definição de um Percurso de Mudança .....	134

4.1.1. A Cliticização dos Possessivos Átonos de Terceira Pessoa .....	135
4.1.2. A Posição Estrutural dos Possessivos Átonos de Terceira Pessoa .....	142
4.1.3. O Redobro dos Possessivos de Terceira Pessoa: a Transição da Mudança .....	152
4.2. A Definição de um Perfil Ascendente para os Possessivos Tônicos .....	158
4.3 Construções Possessivas e Partitivas .....	164
4.3.1 Da Estrutura Gramatical dos Partitivos .....	166
4.3.1.1 Construções Partitivas no Momento Atual .....	167
4.3.1.2. Propostas de Análise .....	170
4.3.1.3. As Construções dos Séculos XIII e XIV .....	182
4.3.2. A Reanálise do Item ‘Dele’ .....	195
4.3.2.1. As Etapas da Reanálise .....	196
4.3.2.2. O Conteúdo da Categoria D° .....	202
4.4. Conclusões .....	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	215
BIBLIOGRAFIA .....	219

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência de uso do possessivo ‘dele’ em dois períodos de tempo e em dois dialetos em Silva (1982) .....	29
Tabela 2 – Frequência de uso do possessivo ‘dele’ em <i>corpora</i> atuais no português brasileiro em Silva (1982) .....	30
Tabela 3 – Aplicação do possessivo ‘dele’ quanto à variável personalização em quatro períodos de tempo e em dois dialetos em Silva (1982) .....	38
Tabela 4 – Aplicação do possessivo ‘dele’ quanto à variável combinação do número de possuidor e possuído em quatro períodos de tempo e em dois dialetos em Silva (1982) .....	39
Tabela 5 – Aplicação do possessivo ‘dele’ quanto à variável tipo de discurso em dois períodos de tempo e em dois dialetos em Silva (1982) .....	40
Tabela 6 – Aplicação do possessivo ‘dele’ quanto à variável grau de ambigüidade em quatro períodos de tempo e em dois dialetos em Silva (1982) .....	41
Tabela 7 – Tipo semântico do sintagma nominal antecedente em relação à forma possessiva que corresponde à sua retomada em Almeida (1993) .....	44
Tabela 8 – Número de ocorrências de itens possessivos de acordo com sua realização gráfica no <i>corpus</i> .....	59
Tabela 9 – Frequência do item ‘dele’ em DPs possessivos com e sem artigo antes do nome .....	64
Tabela 10 – Distribuição das formas em análise com base na interpretação semântica .....	67
Tabela 11 – Distribuição das ocorrências por tipo de realização gráfica .....	69

Tabela 12 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável NP possuidor [+/- humano] .....	101
Tabela 13 – Cruzamento do fator NP possuidor [+/- humano] com o fator tempo na aplicação da variante ‘dele’ .....	102
Tabela 14 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à presença de artigo definido no DP possessivo .....	103
Tabela 15 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor .....	105
Tabela 16 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável número do NP possuidor .....	107
Tabela 17 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável NP possuidor [+/- concreto] .....	109
Tabela 18 – Frequência das variantes de ‘seu’ conforme sua posição em relação ao núcleo nominal .....	112
Tabela 19 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável tipo de texto .....	113
Tabela 20 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável NP possuidor [+/- específico] .....	114
Tabela 21 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável tempo .....	116
Tabela 22 – Frequência das variantes nos três séculos .....	118
Tabela 23 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor .....	119
Tabela 24 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável <i>status</i> do NP possuidor .....	121
Tabela 25 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável NP possuidor [+/- humano] .....	123
Tabela 26 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável presença ou não de artigo definido no DP possessivo .....	125
Tabela 27 – Frequência das variantes antecedidas por artigo definido .....	127

Tabela 28 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor .....	129
Tabela 29 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável tipo de texto .....	130
Tabela 30 – Distribuição do item ‘dele’ em três tipos de construções .....	164
Tabela 31 – Etapas da reanálise do item ‘dele’ nos séculos XIII, XIV e XV .....	201

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Realizações gráficas e fonológicas dos possessivos .....	27
Quadro 2 – <i>Corpora</i> analisados em relação aos séculos XIII e XIV .....	55
Quadro 3 – Distribuição dos pronomes possessivos no latim clássico .....	70
Quadro 4 – Representação gráfica dos possessivos singulares a partir do latim vulgar .....	73
Quadro 5 – Funções sintáticas desempenhadas pelos casos no latim clássico ..	75
Quadro 6 – <i>Corpora</i> analisados em relação ao século XV .....	117

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável NP possuidor [+/- humano] .....	101
Gráfico 2 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à presença de artigo definido no DP possessivo .....	104
Gráfico 3 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor .....	106
Gráfico 4 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável número do NP possuidor .....	107
Gráfico 5 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável NP possuidor [+/- concreto] .....	110
Gráfico 6 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável tipo de texto .....	113
Gráfico 7 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável NP possuidor [+/- específico] .....	115
Gráfico 8 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável tempo .....	116
Gráfico 9 – Distribuição dos possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII, XIV e XV .....	118
Gráfico 10 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor .....	120
Gráfico 11 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável <i>status</i> do NP possuidor .....	122
Gráfico 12 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável NP possuidor [+/- humano] .....	124



Gráfico 13 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável presença ou não de artigo definido no DP possessivo .....	125
Gráfico 14 – A correlação entre o número total de possessivos átonos e o aumento na freqüência do artigo definido .....	127
Gráfico 15 – A correlação entre o aumento na freqüência do artigo definido, a queda dos possessivos átonos e o aumento na freqüência das formas tônicas	128
Gráfico 16 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor .....	129
Gráfico 17 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável tipo de texto .....	131
Gráfico 18 – A freqüência das formas tônicas com artigo definido .....	161
Gráfico 19 – Distribuição de ‘dele’ partitivo e ‘dele’ possessivo .....	165

## LISTA DE ABREVIATURAS

NP (Noun Phrase)

IP (Inflexional Phrase)

VP (Verb Phrase)

PP (Prepositional Phrase)

DP (Determiner Phrase)

AgrP (Agreement Phrase)

Spec (Posição de Especificador)

PossP (Possessive Phrase)

NumP (Number Phrase)

D° (Posição de Núcleo de DP)

## INTRODUÇÃO

Esta tese trata de construções de posse no português medieval realizadas através dos possessivos tônicos ‘seu(s)’, ‘sua(s)’, dos possessivos átonos ‘se’, ‘sse’, ‘sa(s)’ e ‘ssa(s)’ e das formas ‘ele(s)’, ‘ela(s)’, sendo essas sempre precedidas pela preposição ‘de’. Sob o enfoque teórico-metodológico da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001), as realizações de posse acima foram analisadas como variantes, tomando-se como *corpora* textos escritos no português medieval. Nosso propósito foi investigar a implementação do pronome ‘ele’ como possessivo, já que nossos resultados mostram que ‘dele’ aparece, inicialmente, em construções partitivas e só posteriormente em construções de posse. A seguir, faremos uma síntese dos objetivos específicos que nortearam a elaboração de cada um dos capítulos desta tese.

No capítulo I, serão apresentados e discutidos os principais trabalhos que versam sobre a distribuição dos possessivos de terceira pessoa com o objetivo de identificar lacunas e de levantar questões que ainda não foram abordadas. É nosso intuito mostrar que, embora esse tema tenha sido bastante explorado, ele ainda não se encontra satisfatoriamente investigado, uma vez que os trabalhos já realizados não se dedicam a analisar a implementação da expressão ‘de + ele’

como possessivo e a estabelecer os fatores que teriam acarretado mudanças no uso variável dos possessivos de terceira pessoa ainda no português medieval.

No capítulo II, procederemos a uma caracterização dos *corpora* referentes aos séculos XIII e XIV que foram objeto de análise neste trabalho. Além de apontarmos os critérios que nortearam o levantamento de dados, também detalharemos o tratamento quantitativo que lhes foi conferido com base na aplicação do programa estatístico para computadores GOLDVARB/VARBRUL 2001. A partir de exemplos que constituem os *corpora* selecionados para a pesquisa, será justificada a escolha de cada uma das variáveis independentes internas e externas que integrarão a análise variacionista realizada neste trabalho.

No capítulo III, serão apresentados e discutidos os resultados da análise quantitativa da distribuição dos possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII e XIV. Nosso propósito é investigar a distribuição das variantes.

No capítulo IV, discutiremos o percurso que teria caracterizado a implementação do possessivo 'dele' na língua portuguesa. Argumentaremos, nesse caso, a favor da reanálise partitivo > possessivo, situando-a no português medieval. Diante das evidências encontradas, buscaremos comprovar que haveria encaixamento entre o aumento no uso do artigo definido, a queda dos possessivos átonos 'sa', 'ssa', 'se', 'sse' e a definição de um perfil ascendente para os possessivos tônicos.

Na conclusão, faremos uma síntese de nossos resultados e apontaremos tópicos de pesquisa futura.

# CAPÍTULO I

## POSSESSIVOS DE TERCEIRA PESSOA NA LÍNGUA PORTUGUESA

Diversos estudos têm se centrado na análise dos possessivos de terceira pessoa no português. Restringindo-nos ao português do Brasil, podemos apontar a existência de trabalhos que investigam o uso dos possessivos de terceira pessoa sob uma perspectiva variacionista, avaliando os fatores lingüísticos e sociais que estariam diretamente relacionados ao emprego das variantes 'seu' e 'dele' (SILVA, 1982, 1984, 1991, 1998a, 1998b; ALMEIDA, 1993). Por outro lado, há trabalhos que rejeitam estarem estes itens em variação e assumem que estes manifestam especialização de uso (NEGRÃO & MÜLLER, 1996). Há ainda os trabalhos que discutem a posição estrutural destes itens nas sentenças, oferecendo uma descrição sintática das seqüências em que eles ocorrem (CERQUEIRA, 1993, 1996; MÜLLER, 1997, 1998).

Neste capítulo, faremos uma breve síntese dos principais trabalhos que versam sobre o tema. É nossa intenção identificar lacunas e, ainda, levantar questões que não foram, até então, respondidas.

## 1.1. Dos Possessivos

### 1.1.1. ‘Seu’ e ‘Dele’ no Português Contemporâneo

Na língua portuguesa contemporânea, há as seguintes construções com pronomes possessivos<sup>1</sup>:

- (1) Maria saiu com o *seu* cachorro.
- (2) Maria saiu com o cachorro *seu*.
- (3) Maria saiu com o cachorro *dela*.

O pronome possessivo ‘seu’ pode ocorrer em posição pré-nominal, como em (1), ou em posição pós-nominal, como em (2). O pronome ‘ele’, precedido de preposição, ocorre apenas pós-nominalmente. Nesta tese, vou me referir à seqüência ‘de+ele’ como um item lexical. Teremos, assim, duas formas possessivas de terceira pessoa: ‘seu’ e ‘dele’.

Do ponto de vista da concordância nominal, uma diferença substancial se observa: o possessivo ‘seu’ concorda em gênero e número com o objeto possuído

---

<sup>1</sup> Há ainda um quarto tipo de construção já documentado no português brasileiro não-padrão, a saber, (i) (4) *Eu tava na minha casa com a Cláudia e ela começou a me contar tudo. Contô que comprô com a irmã dela um presente lindo. Eu mais do que dipressa perguntei: Isso é pra amiga “suas”? Aqui o possessivo na posição pós-nominal concorda com o possuidor em número e gênero. Embora importante, não tratarei dessa construção aqui.*

e concorda com o possuidor apenas em relação ao traço pessoa. Já o possessivo 'dele' manifesta o gênero (no caso da terceira pessoa) e o número do possuidor e não apresenta nenhuma relação de concordância em relação ao objeto possuído (cf. CERQUEIRA, 1996).

No que diz respeito à interpretação semântica, o possessivo em posição pré-nominal seria argumental (sintaticamente, um sujeito) e equivaleria a um artigo definido, delimitando a classe determinada pelo nome. Por outro lado, o possessivo pós-nominal apresentaria uma função predicativa, atuando sintaticamente como um adjunto, e possuiria apenas um valor predicativo. Tal diferenciação é apontada por Müller (1998) a partir das seguintes evidências sintáticas.

A primeira é que apenas o pronome pós-nominal aceita a modificação por um advérbio, o que reforçaria o argumento de que os possessivos, quando pós-nominais, exerceriam a função de predicativo, como se pode ver em (5) e (6):

(5) a. Lá eu tinha um jardim gostosamente meu.

b. \*Lá eu tinha um gostosamente meu jardim.

(6) a. Jorge fez uma daquelas intervenções bem suas.

b. \*Jorge fez uma daquelas bem suas intervenções.

A segunda diferença é que os pronomes possessivos pós-nominais teriam um comportamento semelhante ao dos adjetivos, uma vez que estes também só

aceitam modificações de segunda ordem quando se encontram na posição pós-nominal, conforme aparece em (7) e (8):

(7) a. Lá eu tinha um jardim bem antigo.

b. \*Lá eu tinha um bem antigo jardim.

(8) a. Jorge fez uma daquelas intervenções bem divertidas.

b. \*Jorge fez aquela bem divertida intervenção.

A terceira diferença é que a coordenação com um adjetivo só é possível com o possessivo pós-nominal, mas não com o possessivo pré-nominal. O contraste entre (9a) e (9b) viria reforçar a função predicativa do possessivo pós-nominal:

(9) a. Foi uma vitória gerativista e minha quando o grupo da Teoria Gramatical conseguiu as primeiras classificações no concurso de monografias.

b. \*Foi uma grande e minha vitória quando o grupo da Teoria Gramatical conseguiu as primeiras classificações no concurso de monografias.

Esse conjunto de evidências permite concluir que, embora o possessivo pronominal possa ocupar diferentes posições em relação ao nome, seu comportamento semântico não é o mesmo.



Outra conclusão é que o item 'dele' se comporta como o possessivo pós-nominal, pois os mesmos contrastes se observam ao se substituir o possessivo pré-verbal por 'dele'. Vejam-se os pares abaixo:

- (10) a. Lá eles tinham um jardim gostosamente deles.  
b. \*Lá eles tinham um gostosamente deles jardim.
- (11) a. Jorge e Pedro fizeram uma daquelas intervenções bem deles.  
b. \*Jorge e Pedro fizeram uma daquelas bem deles intervenções.
- (12) a. Foi uma vitória gerativista e dele quando o grupo da Teoria Gramatical conseguiu as primeiras classificações no concurso de monografias.  
b. \*Foi uma grande e dele vitória quando o grupo da Teoria Gramatical conseguiu as primeiras classificações no concurso de monografias.

Entretanto, o fato de o item 'dele' se comportar como predicativo em relação aos testes não impede que tenha uma interpretação semelhante à do possessivo pré-nominal, funcionando como um artigo e exibindo um papel delimitador. Uma prova disso é que é possível haver paráfrases como (13):

- (13) Maria<sub>i</sub> saiu com o seu<sub>i/k</sub> cachorro.  
(13') Maria<sub>i</sub> saiu com o cachorro dela<sub>i</sub>.  
(13'') Maria<sub>i</sub> saiu com o cachorro de terceiros<sub>k</sub>

Veja-se que (13) e (13') são paráfrases. Mas, quando se suprime o artigo definido, a paráfrase se desfaz:

(14) Maria<sub>i</sub> saiu com *seu<sub>i/k</sub>* cachorro.

(14') Maria<sub>i</sub> saiu com cachorro *dela<sub>i</sub>*.

Em (14), continua havendo delimitação da classe referida pelo nome, mas em (14') a referência do nome é genérica. Um fenômeno muito curioso se manifesta quanto um artigo indefinido é inserido no par acima:

(15) Maria<sub>i</sub> saiu com um *seu<sub>i</sub>* cachorro.

(15') Maria<sub>i</sub> saiu com um cachorro *dela<sub>i</sub>*.

A paráfrase desaparece. Há incompatibilidade entre 'um' e 'seu', mas não há incompatibilidade entre 'um' e 'dela', já que esse último é interpretado como quantificador, equivalendo a 'um dos cachorros dela'.

Em resumo, verificamos que, no português contemporâneo, o pronome 'seu' pré-nominal e o item 'dele' só são paráfrases quando o nome, seguido por 'dele', aparece precedido por artigo definido. Essa conclusão se mostrará relevante na discussão que se seguirá nesta tese quanto à discussão de que 'seu' e 'dele' seriam ou não variantes lingüísticas.

Feita uma breve descrição do uso dos possessivos na língua portuguesa atual, passemos a uma descrição preliminar destes itens na língua portuguesa dos séculos XIII e XIV, que serão nosso objeto de estudo nesta tese.

### 1.1.2. 'Seu' e 'Dele' no Português Trecentista e Quatrocentista

Ambos os itens 'seu' e 'dele' estão presentes nos textos dos séculos XIII e XIV. Diferentemente do que ocorre nos textos hodiernos, tais itens apresentam diferentes realizações gráficas e fonológicas. Veja-se o quadro abaixo:

Quadro 1 – Realizações gráficas e fonéticas dos possessivos

'seu'	'dele'
<b>seu(s)</b>	<b>del</b>
<b>sseu(s)</b>	<b>delj</b>
<b>sua(s)</b>	<b>dely</b>
<b>ssua(s)</b>	<b>dele(s)</b>
<b>se</b>	<b>delle(s)</b>
<b>sse</b>	<b>delhe(s)</b>
<b>sa(s)</b>	<b>dela(s)</b>
<b>ssa(s)</b>	<b>della(s)</b>
	<b>delha(s)</b>

Outra diferença é que ocorrem construções com redobro, como em (16):

(16) E pore~ ma~dou e outorgou esse G(onça)lo moniz q(ue) depos **ssa morte dele** fiq(ue) liure e q(ui)the esse meyo desse casal. a esse Moest(eir)o de villari~o. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

Há também diferenças em relação à concordância, à posição relativa ao núcleo nominal e à interpretação semântica. Tais especificidades serão descritas no capítulo II desta tese. Por ora, interessa-nos chamar a atenção sobre a presença destes itens e formular a seguinte questão: estariam estes itens em variação neste período? Para responder a essa questão, faremos uma descrição detalhada de 2.438 ocorrências identificadas em nossa amostra. Desde já, gostaríamos de chamar a atenção para o caráter predicativo ou delimitador destes itens no sintagma e para a importância da presença de artigo, quer definido quer indefinido no sintagma nominal que contém estes itens. Atentos a esses aspectos, vamos apresentar nossa amostra e nossa análise no capítulo II.

Antes, porém, de encerrarmos este capítulo, faremos a seguir uma breve resenha da discussão relativa ao caráter variável das formas 'seu' e 'dele' presente na literatura sobre o português.

## 1.2. A Favor da Variação

Há alguns trabalhos que abordam o uso dos pronomes possessivos de terceira pessoa sob o escopo teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista e que tratam, portanto, dos fatores lingüísticos e sociais que condicionam o emprego das variantes ‘seu’ e ‘dele’ no português brasileiro.

Silva (1982), que toma como objeto a ocorrência dos possessivos ‘seu’ e ‘dele’ em *corpora* escritos – que vão do século XV ao século XX – e em um *corpus* oral<sup>2</sup>, obteve os seguintes resultados:

Tabela 1 – Frequência de uso do possessivo ‘dele’ em dois períodos de tempo e em dois dialetos

<i>Corpora</i> diacrônicos	N.º	%
Século XV a XX (Portugal)	202/1731	11.7%
Século XVII a XIX (Brasil)	126/780	16.5%

(*apud* Silva, 1982:185)

<sup>2</sup> Os *corpora* escritos compreendem textos produzidos em Portugal e no Brasil. No caso do português europeu, foram analisados textos compreendidos entre os séculos XV e XX. Já para o português brasileiro, foi analisado o período compreendido entre os séculos XVII e XX. Na seleção dos *corpora* escritos, foram considerados dois tipos de texto (teatrais e documentos) para cada século até o século XIX e, para o século XX, foram selecionados textos variados, como jornais, revistas em quadrinhos e fotonovelas. Já o *corpus* oral compreende dados obtidos no Projeto de Competência Básica MOBREAL e se encontra sob custódia do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua).

Tabela 2 – Frequência de uso do possessivo ‘dele’ em *corpora* atuais no português brasileiro

<i>Corpora</i> atuais	N.º	%
<i>Corpus</i> oral	485/647	75%
<i>Corpus</i> escrito	314/2228	14.1%

(*apud* Silva, 1982:179)

Como pode ser observado nas tabelas acima, a autora encontrou 202 ocorrências do possessivo ‘dele’ no período compreendido entre os séculos XV e XIX em Portugal e 126 ocorrências do século XVII ao século XIX no Brasil. Em relação aos *corpora* atuais, observou 485 ocorrências no *corpus* oral e 314 ocorrências no *corpus* escrito, o que corresponde, respectivamente, aos percentuais de 75% e 14.1%. Conclui-se, desse modo, que o possessivo ‘dele’ somente supera o uso de ‘seu’ no *corpus* oral do PB atual. Uma questão que se coloca é: qual teria sido a distribuição das variantes ‘seu’ e ‘dele’ antes do século XV? Assim, se poderia investigar o momento em que a forma ‘dele’ foi introduzida na língua portuguesa. Essa, portanto, é a tarefa que será empreendida nos próximos capítulos.

Em sua análise, Silva (1982) concluiu que, na variação entre os possessivos de terceira pessoa, estariam principalmente envolvidos fatores que

têm por finalidade minimizar a ambigüidade<sup>3</sup> causada pela aplicação da forma ‘seu’ à segunda e à terceira pessoas do singular e do plural:

“Achamos que ‘dele’ tem geralmente um papel desambiguador, embora não obrigatoriamente, e esse caráter de não obrigatoriedade é justamente o que caracteriza a variação.” (cf. SILVA, 1982:151)

A autora atribui a origem dessa ambigüidade à introdução da forma ‘você’ no sistema pronominal do português, por volta do século XVII<sup>4</sup> (cf. SILVA, 1982:224): como essa forma concorda morfológicamente com a terceira pessoa gramatical, o possessivo ‘seu’ teria se tornado ambíguo, podendo fazer referência tanto à forma pronominal ‘você’ como, de acordo com a norma-padrão, à forma pronominal ‘ele’ (e flexões). Nesse caso, a análise realizada pela autora em *corpora* orais revelou que o pronome ‘seu’ provocaria três diferentes tipos de ambigüidade:

---

<sup>3</sup> Segundo Maia (1986), o possessivo ‘dele’ e flexões, já no português arcaico, atuaria como um recurso de desambigüização, uma vez que os pronomes ‘seu’ e “sua” podiam referir-se a um ou a vários possuidores.

<sup>4</sup> Sobre a introdução da forma pronominal ‘você’, Ramos (1997), baseando-se em Said Ali (1976), analisa o percurso diacrônico apresentado por esse item e considera que a locução ‘vossa mercê’ teria sofrido uma série de mudanças que tiveram como resultado a forma ‘você’: vossa mercê > vossemecê > vosmecê > vosm’cê > voscê > você. Segundo a autora, por volta do século XIV, a locução ‘vossa mercê’ aparece em requerimentos assinados por quem dependia de ‘mercê’ ou ‘graça’ do soberano. Mais tarde, a locução ‘vossa mercê’ passou a ter como referência a pessoa do soberano, sendo usada com verbo na segunda pessoa do plural e, às vezes, com verbo na terceira pessoa. Já no século XVII, ‘vossa mercê’ aparece como título honorífico, com verbo apenas na terceira pessoa do singular. Já por volta do século XVIII, a referência por ‘vossa mercê’ é estendida a fidalgos e ao rei passa a ser dedicado um tratamento diferente: Senhoria e Alteza e, posteriormente, Majestade. Posteriormente, a forma ‘vossa mercê’ se estendeu à classe humilde e, sendo uma expressão um tanto longa e tendo de ser repetida a cada instante, passou por reduções fonológicas que levaram a ‘você’.

a) ambigüidade em relação à pessoa, já que, teoricamente, a forma 'seu' serve tanto para fazer referência às segundas como às terceiras pessoas:

(17) Encontrei João beijando *sua* namorada.

b) ambigüidade em relação ao número, uma vez que a variante 'seu' serve tanto para a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do singular quanto para a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do plural:

(18) João, Maria e *seu* filho vieram.

c) ambigüidade provocada por dois referenciais, ambos de terceira pessoa, concorrendo para possíveis possuidores:

(19) Luiz falou com João que encontrou *seu* livro.

Silva (1982:233) também concluiu que a ocorrência da estrutura possessiva duplicada 'seu...dele' seria decorrente dessa necessidade de desambigüização. A autora assume que esse tipo de construção seria usado em casos ambíguos, causados "seja pela combinação de número de possuidor e possuído, seja por haver mais de uma pessoa passível de ser o possuidor". Vejamos exemplos dos dois contextos ambíguos apontados pela autora:

(20) "[...] tomando lhe as suas fermosas mãos antre *as suas delle*"  
(Bernardim Ribeiro – Séc. XVI *apud* SILVA, 1982:233)



(21) “E em aquel derribar que o Iffante fez, lhe deu com o bulhom que lhe dera *seu* irmão *della*” (Fernão Lopes – Séc. XV *apud* SILVA, 1982:233)

Em (20), Silva representa a ambigüidade que seria decorrente da combinação de número do possuidor e do possuído, visto que a ambigüidade estaria relacionada ao possuidor no singular e ao item possuído no plural. Já em (21), a ambigüidade decorreria da existência de mais de uma pessoa passível de ser o possuidor. Para reforçar que a duplicação seria um recurso de desambigüização, a autora aponta que, além da construção ‘seu...dele’, também são encontrados casos em que a ambigüidade apresentada pelo possessivo ‘seu’ levaria ao uso da estrutura ‘de + N’ para indicar quem seria o possuidor:

(22) “[...] das mercadorias que *seu* dono *das naos*” (Fernão Lopes – Séc. XV *apud* SILVA, 1982:234)

(23) “Conveo a Tesbian dizer a Lamentor que na caravela ficava *seu* pai *de Belise*” (Bernardim Ribeiro – Séc. XVI *apud* SILVA, 1982:234)

Com o intuito de comprovar se, na variação entre ‘seu’ e ‘dele’, estariam principalmente envolvidos fatores que têm por finalidade minimizar a ambigüidade, Silva (1982) considerou, em sua análise quantitativa, as seguintes variáveis independentes:

a) personalização

Na análise deste fator, Silva (1982:173) distinguiu possuidores [+ humanos] e [- humanos]. Nos *corpora* das revistas em quadrinhos que foram avaliados para o século XX, como foram encontrados muitos possuidores animais, a autora os incluiu entre os possuidores [+humanos], pois todos eram humanizados. Vejamos exemplos arrolados pela autora:

(24) a. Dr. Caramujo e uma de *suas* pílulas.                    [+ humano]

          b. Você fez a poção mágica, pois                    [- humano]  
              prove os efeitos *dela*.

b) combinação do número do possuidor e do possuído

Considerando que a maneira de possuir, se coletivamente ou distributivamente, também poderia influir, Silva (1982:174) trabalhou com seis números de combinações: a) um possuidor tendo um possuído; b) um possuidor com dois ou mais possuídos; c) dois ou mais possuidores tendo um possuído em comum; d) dois ou mais possuidores tendo cada um um possuído; e) dois ou mais possuidores tendo dois ou mais possuídos em comum; f) dois ou mais possuidores tendo cada um mais de um possuído.

A autora exemplifica essas combinações entre número do possuidor e do possuído da seguinte maneira:

(25)

- |   |  |
|---|--|
| a. João e <i>seu</i> nariz.                                   | Um possuidor tendo um possuído                                 |
| b. João e <i>seus</i> olhos.                                  | Um possuidor com dois ou mais possuídos                        |
| c. Ele, a esposa e <i>seu</i> filho moram no Rio.             | Dois ou mais possuidores tendo um possuído em comum            |
| d. João, Paulo e <i>seus</i> narizes.                         | Dois ou mais possuidores tendo cada um um possuído.            |
| e. Ele, a esposa e <i>seus</i> filhos.                        | Dois ou mais possuidores tendo dois ou mais possuídos em comum |
| f. João e Paulo feriram <i>suas</i> duas pernas num acidente. | Dois ou mais possuidores tendo cada um mais de um possuído     |

c) tipo de discurso

A autora trabalhou com uma distinção entre diálogos, comentários e monólogos, já que seu interesse era comprovar se a ambigüidade e o conseqüente uso da variante 'dele' aumentavam quando se tratava de

diálogos. Esse fator, entretanto, não pôde ser analisado em todos os *corpora*, inclusive os diacrônicos, uma vez que não constavam as três modalidades de discurso. Vejam-se os exemplos de Silva (1982:175):

- |   |            |
|---|------------|
| (26) a. – Então você não passou de uma aventura na vida <i>dele</i> ?                     | Diálogo    |
| b. Finalmente Renato e Gilda uniram <i>seus</i> caminhos para sempre                      | Comentário |
| c. Houve uma rainha nesta casa. Mas a rainha morreu e ninguém pode tomar <i>seu</i> lugar | Monólogo   |

d) grau de ambigüidade

Na análise do grau de ambigüidade, Silva (1982:178) trabalhou com a distinção [+ ambíguo] e [- ambíguo], como se pode ver a seguir:

- |  |             |
|--|-------------|
| (27) a. Este rapaz não está em <i>seu</i> juízo. | [- ambíguo] |
| b. Lamentor, a esposa e a <i>sua</i> irmã.       | [+ ambíguo] |

e) definição do referente

Em relação ao fator definição do referente, Silva (1982:243) operou uma diferenciação entre referentes “definidos” e “indefinidos”:

(28)	a. <i>Todos</i> vão para os <i>seus</i> lugares	indefinido
	b. <i>João</i> vai para o lugar <i>dele</i>	definido

A seguir, apresentaremos os resultados da análise quantitativa realizada pela autora.

Em relação ao primeiro fator testado, Silva (1982) observou um nítido favorecimento da variante ‘dele’ com possuidores [- humanos] nos *corpora* diacrônicos. A inibição da variante ‘dele’ com possuidores [+ humanos] é encontrada, nesse caso, tanto no português europeu, no período compreendido entre o século XV e o século XX, como no português brasileiro, entre os séculos XVII e XIX. Esse resultado apenas se altera nos *corpora* sincrônicos analisados para o português brasileiro, já que foram encontrados, respectivamente, os percentuais de 28.6% e 11.3% para possuidores [+ humanos] e possuidores [- humanos]. Vejamos os resultados encontrados por Silva (1982) para a variável em questão:

Tabela 3 – Aplicação do possessivo ‘dele’ quanto à variável personalização em quatro períodos de tempo e em dois dialetos

<i>Corpora</i>	[+ humano]			[- humano]		
	N.º	%	PR	N.º	%	PR
Século XV a XVII (Portugal)	10/726	1.4%	.16	93/170	54.7%	.71
Século XVIII a XX (Portugal)	51/630	8.1%	.39	41/169	24.3%	.61
Século XVII a XIX (Brasil)	45/619	7.3%	.21	81/146	55.5%	.79
Século XX (Brasil)	783/2734	28.6%	.73	16/141	11.3%	.27

(*apud* Silva, 1982)

Com base nesses resultados, Silva (1991:92) concluiu que, nos *corpora* diacrônicos, a utilização da variante ‘seu’ com referentes [+ humanos] seria tão estabelecida que, quando havia alguma ambigüidade a ser esclarecida na referência a possuidores humanos, o falante acrescentaria a forma ‘dele’ para desambigüização, sem, contudo, omitir a forma ‘seu’, que era a única aceita, até então, para humanos. Diante dessa necessidade de desambigüização, ocorreria, portanto, a estrutura possessiva duplicada ‘seu...dele’.

A tabela a seguir apresenta os resultados de Silva (1982) para o fator combinação do número do possuidor e do possuído:

Tabela 4 – Aplicação do possessivo ‘dele’ quanto à variável combinação do número de possuidor e possuído em quatro períodos de tempo e em dois dialetos

<i>Corpora</i>	1 possuidor tendo 1 possuído		1 possuidor com 2 ou mais possuídos		2 ou mais possuidores tendo 1 possuído em comum		2 ou mais possuidores tendo cada um 1 possuído		2 ou mais possuidores tendo 2 ou mais possuídos em comum		2 ou mais possuidores tendo cada um mais de 1 possuído	
	Freq.	PR	Freq.	PR	Freq.	PR	Freq.	PR	Freq.	PR	Freq.	PR
Século XV a XVII (Portugal)	51/530 9.6%	.49	8/135 5.9%	.28	6/32 18.8%	.58	34/135 25.2%	.70	0/16 0%	.00	4/48 8.3%	0.37
Século XVIII a XX (Portugal)	49/465 10.5%	.39	13/280 6.5%	.22	8/33 24.2%	.48	18/62 29%	.62	1/16 6.2%	.14	3/23 13%	0.16
Século XVII a XIX (Brasil)	83/495 16.8%	.48	9/143 6.3%	.24	10/32 31.2%	.64	20/59 33.9%	.68	0/5 0%	.00	4/26 15.4%	0.49
Século XX (Brasil)	504/1952 25.8%	.38	94/646 14.6%	.30	88/131 67.2%	.95	46/162 28.4%	.73	10/39 25.6%	.68	7/56 12.5%	.68

(*apud* Silva, 1982)

Para os *corpora* diacrônicos do português europeu compreendidos entre os séculos XV e XVII, Silva (1982) encontrou o favorecimento da variante ‘dele’ com o fator em que cada possuidor tem, em separado, um possuído, já que foi encontrado o peso relativo de .70. Os demais fatores se mostraram inibidores da variante em questão. O mesmo resultado foi encontrado para os *corpora* portugueses do século XVIII ao século XX, visto que o fator em que cada possuidor tem, em separado, um possuído continuou a favorecer a ocorrência da variante ‘dele’. Em relação aos *corpora* diacrônicos analisados para o português brasileiro, além do fator em que cada possuidor tem, em separado, um possuído,

se mostrou também favorecer da variante ‘dele’ o fator em que dois ou mais possuidores apresentam um item possuído em comum. Para o português brasileiro contemporâneo, a autora encontrou um resultado bastante diferente, já que os únicos fatores que desfavorecem a variante ‘dele’ seriam aqueles em que a relação de posse é constituída por apenas um possuidor.

Na tabela abaixo, se encontram os resultados do fator tipo de discurso. Silva (1982:192) destaca que, como são raros *corpora* que apresentam todos os tipos de discurso, foi possível analisar esta variável apenas em relação ao português europeu do século XVIII ao século XX e ao português brasileiro do século XX:

Tabela 5 – Aplicação do possessivo ‘dele’ quanto à variável tipo de discurso em dois períodos de tempo e em dois dialetos

<i>Corpora</i>	Monólogos			Diálogos			Comentários		
	N.º	%	PR	N.º	%	PR	N.º	%	PR
Século XVIII a XX (Portugal)	1/10	10%	.50	17/63	27%	.77	17/143	11.9%	.23
Século XX (Brasil)	7/28	25%	.57	269/1464	18.4%	.81	15/313	4.8%	.15

(*apud* Silva, 1982)

Silva (1982:292) encontrou, nos resultados de sua análise, um nítido favorecimento da variante ‘dele’ em diálogos. Segundo a autora, os diálogos



seriam favorecedores de contextos com ambigüidade, o que levaria, conseqüentemente, ao uso da forma ‘dele’ como recurso de desambigüização.

Para a variável grau de ambigüidade, a autora observou, tanto nos *corpora* diacrônicos como nos sincrônicos, o favorecimento da variante ‘dele’ pelo fator [+ ambíguo]. Esse favorecimento é nítido principalmente nos *corpora* do português europeu compreendidos entre os séculos XVIII e XX, para os quais foi encontrado o peso relativo de .83:

Tabela 6 – Aplicação do possessivo ‘dele’ quanto à variável grau de ambigüidade em quatro períodos de tempo e em dois dialetos

<i>Corpora</i>	[+ ambíguo]			[- ambíguo]		
	N.º	%	PR	N.º	%	PR
Século XV a XVII (Portugal)	14/98	14.3%	.59	88/803	10.9%	.41
Século XVIII a XX (Portugal)	36/71	50.7%	.83	56/728	7.7%	.17
Século XVII a XIX (Brasil)	17/76	22.4%	.55	109/688	15.8%	.45
Século XX (Brasil)	750/2668	28.1%	.74	49/207	23.7%	.28

(*apud* Silva, 1982)

Em relação à variável independente definição do referente, Silva (1982) encontrou a inibição categórica da variante ‘dele’ com referentes indefinidos, o que a fez não computar os dados na forma de tabela. Essa inibição do possessivo ‘dele’ com referentes indefinidos foi constante tanto nos *corpora* atuais (0/20 no

*corpus* oral e 0/29 no *corpus* escrito) como nos *corpora* antigos (0/41 do século XV ao século XVII, 0/39 do século XVIII ao século XX em Portugal e 0/20 do século XVII ao século XIX no Brasil).

Como atestou a autora, a generalidade do possuidor leva ao uso do possessivo 'seu', como em "*Todos vão para os seus lugares*", ao passo que um possuidor específico condiciona o uso da variante 'dele', como em "*João vai para o lugar dele*". De acordo com Silva (1982:243), a forma 'seu' não é marcada quanto ao gênero e é pouco nítida quanto ao número – o que, inclusive, provocaria ambigüidade, segundo ela. Por outro lado, a forma 'dele' é individualizadora, o que a torna indesejável quando o referente é indefinido.

Perini (1985) segue a mesma linha de análise apresentada por Silva (1982, 1998a), já que ele também atribui o uso do possessivo 'dele' à ambigüidade decorrente da introdução da forma 'você' no sistema pronominal do português. Segundo o autor, a aplicação do possessivo 'seu' à segunda e à terceira pessoas do singular e do plural estaria relacionada ao aparecimento de sintagmas possessivos na forma 'de + N', 'de vocês', 'dele' e 'deles'. Em sua análise, o autor propõe a atuação de dois princípios: a) dentro do sistema de possessivos, formas ambíguas devem ser evitadas; b) quando um sistema é alterado para atender ao primeiro princípio, apenas alterações mínimas são admitidas. Perini (1985:8) faz uso desse segundo princípio para demonstrar por que os possessivos não-ambíguos 'meu' e 'nosso' não são substituídos por construções 'de + N': \*pai de mim e \*pai de nós.

Como veremos a partir da análise proposta no capítulo IV, essa explicação funcional perde seu sentido quando verificamos que, desde o século XIII – ou seja,

bem antes da introdução da forma ‘você’ no sistema pronominal do português –, já são atestadas ocorrências do item ‘dele’ como possessivo.

Outro estudo variacionista sobre os itens ‘seu’ e ‘dele’ é o de Almeida (1993)<sup>5</sup>. Ao analisar a distribuição dos possessivos de terceira pessoa, a autora conclui haver estabilidade na freqüência de uso dos pronomes de terceira pessoa, visto que ‘seu’ e ‘dele’ apresentaram uma freqüência, respectivamente, de 46% e de 54%. Além disso, a autora correlacionou os possessivos de terceira pessoa a seus respectivos sintagmas nominais antecedentes, que haviam sido classificados conforme seu tipo semântico, ou seja, conforme o tipo de denotação que possuíam em seu respectivo contexto:

a) sintagmas nominais específicos (nomes próprios e sintagmas nominais definidos e indefinidos com referência explícita):

(29)“(...) foi a primeira peça que o *Ziembinski* apresentou em toda a vida *dele* na carreira *dele*.” (NURC/SP)

b) sintagmas nominais não-específicos (sintagmas nominais definidos e indefinidos que não possuem uma referência específica):

(30)“(...) às vezes *um estudan::um rapaz* que paga *seus* estudos com sacrifício ele não pode ter dinheiro nunca para ir ao teatro.” (NURC/SP)

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma pesquisa de iniciação científica realizada com bolsa do PIC, convênio USP/CNPq, sob a orientação de Ana Lúcia Muller e Esmeralda Vailati Negrão. O *corpus* utilizado para a pesquisa de Almeida (1993) compõe-se de gravações do Projeto NURC realizadas no estado de São Paulo.

c) sintagmas nominais genéricos (sintagmas nominais que têm por referência uma classe, e não um ou mais indivíduos ou entidades específicas):

(31) “(...) o *telégrafo* vai até perdendo *sua* importância.” (NURC/SP)

Ao estabelecer uma correspondência entre os tipos semânticos dos sintagmas nominais e a forma possessiva utilizada para sua retomada, Almeida (1993) chegou à conclusão de que a forma ‘seu’ retomaria sintagmas nominais genéricos, ao passo que a forma ‘dele’ retomaria sintagmas nominais específicos, como se pode verificar na tabela abaixo:

Tabela 7 – Tipo semântico do sintagma nominal antecedente em relação à forma possessiva que corresponde à sua retomada

Antecedente							
Forma possessiva	Específico		Não-específico		Genérico		Total
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	
Dele	51	76%	36	54%	4	6%	91
Seu	11	24%	22	46%	44	94%	77
Total	62		58		48		168

(*apud* ALMEIDA, 1993)

Tal como Silva (1982), Almeida (1993) igualmente conclui que 'seu' retomaria sintagmas nominais genéricos, ao passo que 'dele' retomaria sintagmas nominais específicos e não específicos. Ademais, vale ressaltar que a autora não realizou análise no tempo aparente, o que permitiria mostrar, com mais clareza, o processo de transição dessa mudança. Outro problema de seu trabalho é que a mera distribuição mostrada na tabela acima não é suficiente para afirmar que está havendo estabilidade de uso. Veja-se que, diferentemente de Silva (1982), o total de 'seu' com antecedente genérico não é categórico. Há 6% de ocorrências do possessivo 'dele' com antecedente [+genérico].

Outro dado relevante é que há 24% de ocorrências da forma 'seu' com antecedente específico. Nesse caso, esse resultado não só difere do de Silva (1982) como também sinaliza haver uma maior complexidade na distribuição dos possessivos de terceira pessoa.

### **1.3. Contra a Variação**

Passemos agora a um estudo que, embora utilize informações de natureza quantitativa, rejeita a hipótese de que os itens 'seu' e 'dele' estariam em variação no português atual. Negrão & Müller (1996), ao interpretarem os dados de Almeida (1993), sustentam que os pronomes possessivos de terceira pessoa estariam se especializando de acordo com tipo semântico do NP antecedente, já que a

variante 'seu' retomaria, primordialmente, sintagmas nominais genéricos, ao passo que a variante 'dele' se referiria a sintagmas nominais específicos. Essa análise está ancorada no conceito de especialização de uso proposto por Hopper (1991:17-35). A especialização, um dos princípios que regem o processo de gramaticalização, diz respeito à redução da possibilidade de escolha e ao modo pelo qual um número reduzido de formas assume sentidos mais gerais. Ou seja, há um estreitamento da variedade de escolhas, fazendo com que as formas em uso ocorram em contextos lingüísticos específicos e diferentes.

De acordo com essa perspectiva, para que os possessivos de terceira pessoa apresentassem um uso especializado no português brasileiro, não poderiam constar nos dados nenhuma ocorrência do possessivo 'dele' para retomar um sintagma nominal genérico e nenhuma ocorrência do possessivo 'seu' para se referir a um sintagma nominal específico. Entretanto, as autoras afirmam que está ocorrendo uma especialização de uso dos possessivos de terceira pessoa, e não que esse processo já tenha ocorrido. Baseando-se nos resultados da pesquisa de Almeida (1993), as autoras sustentam o seguinte:

“Nosso ponto de partida para pensar a distribuição das formas possessivas de 3.<sup>a</sup> pessoa foram os resultados da pesquisa de Almeida (1993). Seu trabalho investiga a possibilidade de as formas possessivas *seu(s)*, *sua(s)* em seu uso de terceira pessoa não estarem sendo substituídas pela forma *dele(s)*, *dela(s)*. A substituição de uma forma por outra tem sido assumida como um fato consumado nos trabalhos sobre o assunto. (...) Os fatos empíricos expostos nos levam à hipótese de que possivelmente o que está ocorrendo com as formas possessivas de 3.<sup>a</sup> pessoa é uma especialização de uso”. (cf. NEGRÃO & MÜLLER, 1996:146)

Em sua tese de doutorado, Müller (1997) também trabalha com a hipótese de que a distribuição dos possessivos de terceira pessoa seria caracterizada por um processo de especialização de uso. Com o objetivo analisar a sintaxe e a semântica das formas possessivas no português brasileiro, a autora concentra-se em três questões específicas: (a) a relação anafórica entre as formas possessivas *seu/dele* e seus antecedentes; (b) a relação entre os pronomes possessivos e os argumentos genitivos de um sintagma nominal; (c) as diferentes funções sintáticas e semânticas do pronome possessivo conforme sua posição no sintagma nominal<sup>6</sup>.

A partir de estudos baseados em *corpora* de língua oral que tratam da alternância *seu/dele* no português do Brasil, a autora defende que a distribuição dos possessivos de terceira pessoa seria reflexo do tipo semântico do sintagma nominal antecedente, a saber, antecedentes genéricos ou específicos.

Müller (1997:55) destaca que, embora diversos trabalhos considerem a substituição da forma 'seu' por 'dele', haveria fortes evidências de que os dois itens apresentam uma considerável frequência de uso no português brasileiro. A autora discorda de que a causa da substituição de 'seu' por 'dele' seria a grande ambigüidade da forma 'seu', que afeta tanto a recuperação da pessoa do antecedente (que pode ser de segunda ou de terceira pessoas) quanto o gênero e número desse (cf. SILVA, 1982, 1986).

---

<sup>6</sup> Não detalharemos aqui todas as questões abordadas por Müller (1997) em seu trabalho. Neste momento, interessa-nos tratar especificamente da análise empreendida pela autora acerca da especialização de uso dos possessivos de terceira pessoa no português brasileiro, já que este é o tema deste trabalho.

Müller (1997) faz um levantamento de alguns estudos quantitativos sobre as formas possessivas de terceira pessoa com o intuito de demonstrar que seus resultados seriam, em certa medida, convergentes com os resultados obtidos em Almeida (1993). Ao discutir o trabalho de Neves (1993), baseado em dados do NURC, Müller (1997:66) afirma que os seus resultados apontam também para uma alta frequência de uso do possessivo 'seu', o que iria ao encontro da hipótese de que essa forma não estaria em processo de desaparecimento e/ou de substituição no português brasileiro. Entretanto, Müller apresenta o trabalho de Neves (1993) de maneira bastante superficial, deixando de arrolar uma série de informações que seriam, inclusive, relevantes para confirmar sua hipótese. Um exemplo disso é o fato de Müller não ter mencionado que Neves (1993:130) chama a atenção para a possível relação entre o possessivo de terceira pessoa utilizado e grau de referencialidade do sintagma nominal antecedente.

Já em relação ao trabalho de Silva (1982, 1984, 1991), que trata do aumento da utilização do possessivo 'dele' como recurso de desambigüização, Müller (1997:67) aponta que foi encontrado um percentual de 25% de ocorrências da forma 'seu' no total das formas possessivas de terceira pessoa, o que viria a reforçar a sua tese de que esse possessivo não estaria passando por um processo de desaparecimento no português brasileiro.

Müller também destaca que os dados em que se baseia Silva (1982) seriam da década de 70 e pertenceriam a *corpora* bastante diversificados<sup>7</sup>. Diante do *corpus* analisado por Silva (1982), Müller considera que as conclusões da autora

---

<sup>7</sup> Os *corpora* analisados por Silva (1982) são compostos por gravações realizadas pela Profa. Dra. Maria Marta Scherre a partir de entrevistas concedidas por universitários e por dados obtidos no programa MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização.



acerca do desaparecimento do possessivo 'seu' no português brasileiro devem ser tratadas com uma certa restrição, já que os dados analisados não representariam o português brasileiro como um todo. No entanto, essa ressalva de Müller (1997:70) em relação à análise de Silva (1982) deveria também ser estendida ao estudo de Almeida (1993), uma vez que este também, como já apontamos anteriormente, se baseia em um *corpus* bastante restrito, utilizando dados obtidos na cidade de São Paulo para caracterizar o português brasileiro como um todo. Portanto, a ampliação do *corpus* utilizado se torna essencial para que seja possível, inclusive, discutir o alcance das conclusões a que chegaram Müller (1997) e Silva (1982).

Apesar dessas pequenas restrições, os resultados de Müller (1997) contribuem para iluminar o problema de uso de 'seu/dele', permitindo formular as hipóteses de que o item 'dele', em sua fase de implementação, poderia ter sido usado tanto com núcleos nominais genéricos tanto com núcleos nominais não-genéricos e de que, nesta fase, teria havido variação entre 'seu' e 'dele'. Estas hipóteses poderão ser testadas na presente tese. Além disso, se há, de fato, uma tendência à especialização de uso hoje, isso não invalidaria o tratamento variacionista em momentos anteriores.

Com base nesse panorama dos estudos sobre 'seu' e 'dele' no português brasileiro, podemos perguntar: a especialização é uma tendência presente desde quando? Teria havido contextos de variação em algum momento? Se houve, quais foram? E quais foram os contextos não-variáveis?

Se a especialização é ainda uma tendência no momento atual, então podemos desde já concluir que há contextos variáveis, caso contrário teríamos

não uma tendência, mas sim resultados categóricos. Em vista disso, analisaremos no próximo capítulo os contextos variáveis, de modo a responder às questões colocadas no parágrafo anterior.

#### **1.4. Conclusões**

Neste capítulo, realizamos um levantamento dos principais trabalhos que tratam da distribuição dos possessivos de terceira pessoa com a intenção de identificar lacunas e de levantar questões que não foram, até então, respondidas. Foram identificados estudos que oferecem uma descrição sintática das seqüências em que estes itens ocorrem (cf. CERQUEIRA, 1996; MÜLLER, 1998) e estudos que discutem se os possessivos ‘seu’ e ‘dele’ representariam ou não um caso de variação lingüística (cf. SILVA, 1982, 1991; ALMEIDA, 1993; NEGRÃO & MÜLLER, 1996; MÜLLER, 1997, 1998).

Dentre os trabalhos analisados, o único que realiza um estudo diacrônico das formas possessivas é o de Silva (1982), que toma como objeto a variação entre os possessivos ‘seu’ e ‘dele’ em *corpora* do português europeu e do português brasileiro compreendidos entre os séculos XV e XIX. Não há, portanto, trabalhos que tratam sistematicamente dos possessivos de terceira pessoa em um período anterior ao século XV.

Como veremos no decorrer desta tese, a análise de *corpora* anteriores ao século XV permite investigar o momento em que a forma ‘dele’ foi introduzida na língua portuguesa e levantar os fatores que concorreram para que essa variante tivesse sua frequência de uso aumentada com o passar do tempo.

Além disso, outra questão altamente relevante também não foi abordada por Silva (1982) em seu trabalho: a distribuição das variantes átonas de ‘seu’. Como destaca Nunes (1956:241-242), apesar da progressiva substituição das formas átonas pelas tônicas em posição proclítica, ainda em textos do século XV, é possível encontrar vestígios de formas átonas. Essa será, portanto, uma das tarefas empreendidas nos próximos capítulos.

Neste trabalho, tratamos também de uma questão que não foi levantada por Müller (1997, 1998) e que, como veremos no capítulo II, é de extrema importância para a definição dos contextos sujeitos ou não à variação no português arcaico.

Como vimos, a autora considera que o possessivo em posição pré-nominal equivaleria semanticamente a um artigo definido, delimitando a classe determinada pelo nome, e que o possessivo pós-nominal possuiria apenas um valor predicativo. Entretanto, verificamos que o fato de o item ‘dele’ se comportar como predicativo em relação aos testes propostos por Müller (1997, 1998) não impede que tenha uma interpretação semelhante à do possessivo pré-nominal, funcionando como um artigo e exibindo um papel delimitador. Conforme demonstramos neste capítulo, no português contemporâneo, o pronome ‘seu’ pré-nominal e o item ‘dele’ são paráfrases quando o nome, seguido por ‘dele’, aparece precedido por artigo definido.

Além disso, a discussão de Müller (1997, 1998) acerca da especialização dos possessivos 'seu' e 'dele' no português contemporâneo permite formular as hipóteses de que, em sua fase de implementação, o item 'dele' poderia ter sido usado com núcleos nominais genéricos e não-genéricos e de que 'dele' teria concorrido com 'seu' em sua fase inicial. Estas hipóteses serão também testadas nesta tese.

Nos próximos capítulos, trataremos das questões colocadas acima.

## CAPÍTULO II

### A ANÁLISE QUANTITATIVA

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001) e na utilização do programa estatístico para computadores GOLDVARB/VARBRUL 2001, realizamos um levantamento de dados que recobre os séculos XIII e XIV. Fizemos um levantamento das ocorrências dos itens 'seu' e 'dele' e descrevemos contextos de uso a partir da avaliação da força de fatores condicionadores internos e externos.

A seguir, apresentaremos uma caracterização dos *corpora* que foram utilizados na análise da distribuição dos possessivos de terceira pessoa tanto no século XIII como no século XIV. Também apontaremos detalhadamente o tratamento quantitativo conferido aos dados, verificando a frequência de uso das variantes sob análise.

## 2.1. A Amostra: Constituição e Caracterização

Os estudos de mudança lingüística, que objetivam avaliar o percurso da mudança através de séculos, acabam se defrontando com uma grande dificuldade: a ausência de *corpora* que representem adequadamente o estado da língua em tempos pretéritos. Em casos como esse, em que o estudo da mudança lingüística busca atestar o momento do aparecimento e/ou do desaparecimento de uma determinada variante lingüística, a busca por textos escritos que se aproximem o máximo possível da linguagem vernácula se torna um instrumento indispensável. Em análises diacrônicas, como a realizada neste trabalho, os textos escritos acabam por se tornar a única evidência disponível para a caracterização da língua.

Com intuito de avaliar a distribuição dos possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII e XIV, adotamos alguns critérios na escolha dos *corpora*, a saber:

- 1) foram analisados textos que totalizassem o mesmo número de palavras para cada século, para que fosse mantida uma uniformidade na pesquisa e para que se evitassem interferências nos resultados obtidos. Nesse caso, os textos utilizados totalizam 100.000 palavras em cada um dos séculos;
- 2) os textos foram subdivididos em textos notariais e textos não-notariais, totalizando 50.000 palavras para cada modalidade. Empregamos esse

critério com o objetivo de observar alguma possível disparidade na distribuição das variantes em tipos textuais distintos.

Com base nesses critérios, foram selecionados os seguintes *corpora* para os séculos XIII e XIV:

Quadro 2 – *Corpora* analisados em relação aos séculos XIII e XIV

Século XIII	Notícia do Torto – 1214 (CINTRA, 1990)
	Foro Real - 1280 (FERREIRA, 1987)
	Foros de Garvão – 1267a1280 (GARVÃO, 1992)
	Dos Costumes de Santarém – 1294 (RODRIGUES, 1992)
	Textos Notariais - sem data ou datados entre 1243 e 1274 (MARTINS, 2000)
Século XIV	Crónica de Afonso X in <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i> (CINTRA, 1951)
	Dos Costumes de Santarém - 1340-1360 (RODRIGUES, 1992)
	Foros de Garvão - sem data (GARVÃO, 1992)
	Textos Notariais - sem data ou datados entre 1304 e 1397 (MARTINS, 1994)

Como destacam Martins (1994) e Penna (2002:72), a escolha de textos notariais como *corpus* representa uma novidade, já que os documentos notariais têm sido pouco utilizados e podem fornecer evidências do vernáculo que caracterizava o português medieval.

Além disso, os documentos notariais, por sua própria natureza de instrumentos legais, são sempre datados (com mês e dia da execução), apresentando vantagem em relação a outros tipos de documentos – mesmo em relação a outros tipos de textos jurídicos, dos quais restaram apenas cópias manuscritas e cuja datação exata depende de análises históricas e filológicas. Os documentos notariais têm também a seu favor o fato de serem escritos por um só indivíduo (no caso, o tabelião ou notário que o registra, na maioria das vezes, autografando-o). Já os documentos não originais – isto é, copiados, ou mesmo traduzidos – trazem o problema da transmissão, do cruzamento e da contaminação entre as diversas versões.

## **2.2. Métodos e Procedimentos**

Realizada a seleção dos *corpora*, procedemos a um levantamento das ocorrências dos possessivos de terceira pessoa, identificando-se seus sintagmas nominais antecedentes. O antecedente em questão foi buscado no texto como um todo, e não apenas na sentença que continha a forma possessiva. Quando o antecedente imediato era uma forma pronominal, a busca prosseguia até ser encontrado o sintagma nominal pleno capaz de esclarecer o conteúdo semântico desse antecedente.



No levantamento de dados, foram identificadas 2.371 ocorrências do item ‘seu’ em suas diversas realizações gráficas e 301 ocorrências do item ‘dele’ em suas diversas realizações gráficas.

Pudemos observar que todas as ocorrências de ‘seu’ eram indicadoras de posse, mas apenas 67 ocorrências do item ‘dele’ o eram. Fizemos, então, um primeiro recorte, excluindo as ocorrências não possessivas de ‘dele’.

Os casos de uso de ‘dele’ não possessivo podem ser agrupados em duas classes: (a) complementos verbais e (b) partitivos, respectivamente exemplificados a seguir.

(a) complemento verbal

(32) [...] estas h(er)dad(e)s mi~as p(er) tal p(r)eyto q(ue) volas ayades en toda vosa uida (e) poys a vosso pasame~to **faz(er)des delas** o q(ue) toda vossa voo~tad(e). (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(33) E no~no quisero~ conhoc(er) ne~ q(ui)sero~ entender ne~ conhoc(er) que era senhorio de rey e natureza que **del recebia~**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(34) E o dono do ga’ádo no~ lhi de rem se no~ aq(ui)lo que lhi custou. a g(ua)rdar se sse o mo’órdomo no~ **s(er)uyo dele**. E se sse **del s(er)ui’o** nom lhy de nemi’galha. (Dos Costumes de Santarém / Século XIV in RODRIGUES, 1992)

(b) partitivo

(35) E eu Costa~ça be~etiz de suso d(i)ta lou'ú'o (e) out(or)go todalas coussas de suso d(i)tas (e) **cada hu~a delas**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(36) E o d(i)to Priol crasteyro possa Emplazar os d(i)tos h(er)dame~t(os) (e) possisso~es ou **p(ar)te deles** a Ataes pesso~as a p(ro)ueyto (e) a s(er)uiço de de(us). (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(37) E outrosy possa dar #ll p(es)soeyros e mays se quis(er) en huu~p(re)yto. E **qual quer delles** q(ue) fillar o p(re)yto dante o alcayde, aquel fiq(ue) por p(es)soeyro e non mays. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

A classe (b) vai se mostrar de grande importância no decorrer da análise, conforme veremos no capítulo IV, uma vez que construções partitivas parecem ter sido a porta de entrada para o uso de 'dele' como possessivo.

As ocorrências de uso de 'seu' e 'dele' indicadores de posse somam um total de 2.438 dados, sendo 2.371 de 'seu' e 67 de 'dele', tendo sido ainda encontradas 9 ocorrências de redobro. A distribuição destas ocorrências, com base na realização gráfica, mostra o seguinte resultado:

Tabela 8 – Número de ocorrências de itens possessivos de acordo com sua realização gráfica no *corpus*

<b>Realização gráfica</b>	<b>N.º</b>	<b>%</b>
seu	1172	48.1%
sseu	142	5.8%
sou	0	0%
suo	0	0%
sua	228	9.3%
ssua	12	0.5%
se	111	4.6%
sse	14	0.6%
sa	491	20.2%
ssa	201	8.3%
del	5	0.2%
delj	1	0.03%
dely	1	0.03%
dele	15	0.6%
delle	6	0.2%
delhe	3	0.08%
dela	20	0.8%
della	14	0.6%
delha	2	0.06%
<b>Total</b>	<b>2438</b>	

Conforme mostrado acima, foram encontradas formas tônicas e átonas nos *corpora* analisados. As formas átonas são representadas pelos possessivos

masculinos 'se' e 'sse' e pelos femininos 'sa' e 'ssa'. Já as formas tônicas são representadas pelos possessivos 'seu', 'sseu', 'sua' e 'ssua' e ainda pelas diversas realizações gráficas atestadas para a forma 'dele' tanto no masculino como no feminino.

Todas as realizações gráficas discriminadas acima apresentaram ocorrências no plural, com exceção das formas tônicas 'del', 'delj', 'dely' e das formas átonas masculinas 'se' e 'sse'. No caso dos possessivos masculinos 'del', 'delj', 'dely', a ausência de plural se justifica pelo baixo número de ocorrências encontrado para essas realizações gráficas, já que foram atestadas apenas 4 ocorrências de 'del', 1 de 'delj' e 1 de 'dely', todas manifestando o gênero e o número do possuidor. Exemplificamos abaixo estas ocorrências:

a) possessivo 'del'

(38) Li'j' hu'u' strume~to feyto p(er) mao de M(ar)tin loure~co Tabalio~ de Braga'á e de seu signal assina'á do no~ rasso ne~ rapado ne~ en ne~hu~a p(ar)te sospeyto do q(ua)l **strume~to** o teor **del** atal e. [[...]] o q(ua) estrume~to p(er)Leudo. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(39) E deusse delas por bem pago (e) o d(i)to Mon(steiro) (e) o **p(ri)ol** (e) be~e~s **del** por q(ui)te (e) liu(re) da d(i)ta colhei'ta. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(40) [...] ou de madre ou doutro prouinco ou doutro senhorio ou doutro parente ou doutro amigo ou de oste en q(ue) uaa por soldada **del**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(41) Assi se guarda qua~to he no feito. & husa-sse q(ue) depouys q(ue) he quite do fei'to q(ue) lhy pode o **moordomo** demandar sa cooymha & dar p(ro)ua de nouo contra el & no~ lhe enpeencera a

p(ro)ua **del**. (Dos Costumes de Santarém / Século XIV in RODRIGUES, 1992)

b) possessivo 'delj'

(42) Et se poder p(ro)uar a'a'q(ue)l ca o meteu na fiaduria **delj**. (Foros de Garvão / Século XIII in GARVÃO, 1992)

c) possessivo 'dely'

(43) [...] e **Diogo Lopez** partiu e el rey **dely** e foyse a Bordeeos a se veer co~ el rey de França. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

Já a ausência de plural nas formas átonas masculinas 'se' e 'sse' não se deve ao baixo número de ocorrências dessas realizações gráficas, já que foram encontradas 109 ocorrências de 'se' e 14 de 'sse'. A análise dos dados demonstrou que, sem exceção, quando há a anteposição de 'se' e 'sse' a um nome no plural, a concordância não se faz com esse nome, mas sim com o possuidor que se encontra no singular, ou seja, há concordância de número com o possuidor, e não com o item possuído. Vejam-se os exemplos abaixo:

(44) E esse **Steua~ p(er)ez** ne~ **se** sucessores n(o~) deue~ fazer sob(re)ssas nossas Casas eyrado. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(45) O **d(i)to Priol** (com) **sse** ffrades diuisaro~ (e) mostraro~ logo os pardeeyros do Casal da d(i)ta Qui~ta~a (e) as vi~as deuesas (e) ca~pos (e) casas (e) pumares. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

Na análise quantitativa realizada neste trabalho, serão considerados como relevantes o possessivo 'dele', independente do gênero, do número ou de sua realização gráfica, e todas as formas átonas e tônicas do possessivo 'seu' tanto no masculino como no feminino. Conforme veremos no capítulo IV, essa distinção entre formas átonas e tônicas para o possessivo 'seu' será de grande importância em nossa análise.

Na definição das variantes analisadas, é fundamental chamar a atenção para uma diferença pontual entre o português contemporâneo e o português medieval em relação à interpretação semântica dos possessivos.

Como referimos no capítulo I, o item 'dele' pode assumir uma interpretação semelhante à do possessivo pré-nominal, funcionando como um artigo e exibindo um papel delimitador. Nesse caso, no português contemporâneo, o 'seu' pré-nominal e o item 'dele' só são paráfrases quando o nome, seguido por 'dele', aparece precedido por artigo definido.

No português medieval, verificamos que o item 'dele' pode também assumir uma interpretação delimitadora semelhante à do possessivo pré-nominal. No entanto, essa interpretação não depende da presença de um artigo definido, isto é, o possessivo 'seu' pré-nominal e o item 'dele' são também paráfrases quando o nome, seguido por 'dele', não é precedido por artigo definido.

As evidências partiram dos dados apurados, já que, em 31 das 67 ocorrências encontradas, o possessivo 'dele' apresenta uma interpretação delimitadora semelhante à do possessivo 'seu' pré-nominal mesmo com a

ausência de artigo definido antes do nome que o acompanha. Uma prova disso é a existência de paráfrases como (46) e (47).

(46) [...] q(ue) o d(i)to Priol p(or) ssi (e) p(or) sseu co~uento fosse *aa d(i)ta Qui~ta~a da Ramada<sub>i</sub> (e) aas h(er)dades **dela**<sub>i/k</sub>* (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(46') [...] q(ue) o d(i)to Priol p(or) ssi (e) p(or) sseu co~uento fosse *aa d(i)ta Qui~ta~a da Ramada<sub>i</sub> (e) aas **suas**<sub>i</sub> h(er)dades*

(47) [...] o q(ua)l foy de *do~ Rejnaldo (e) de dona Meny~a<sub>i</sub> ssa molh(er) (e) caeu en partiço~ deposs **deles**<sub>i/k</sub>* (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(47') [...] o q(ua)l foy de *do~ Rejnaldo (e) de dona Meny~a<sub>i</sub> ssa molh(er) (e) caeu en partiço~ deposs **suas**<sub>i</sub> Mortes*

Veja-se que (46) e (46') e (47) e (47') são paráfrases, já que delimitam a classe referida pelo nome. Em (46) e (46'), tanto 'suas' pré-nominal como 'dela' acompanhado de artigo delimitam o referente, que é representado pelo NP possuidor 'a d(i)ta Qui~ta~a da Ramada'. O mesmo ocorre em (47) e (47'), visto que 'suas' pré-nominal e 'deles' desacompanhado de artigo definido também apresentam uma leitura delimitadora, referindo-se, em particular, à morte de 'do~ Rejnaldo (e) de dona Meny~a'.

Por outro lado, também encontramos ocorrências em que o item 'dele', ao figurar em DPs possessivos [- definidos], sem a presença de artigo definido, apresenta uma interpretação ambígua, podendo ser interpretado como possessivo ou partitivo. Uma prova disso é a existência de paráfrases como:

(48) [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'uis (e) **Racoeiros dellas**. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(48') [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'uis (e) **Racoeiros que pertencem a elas**.

(49) [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'uis (e) **Racoeiros dellas**. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(49') [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'uis (e) **Racoeiros dentre os que elas possuem**.

A tabela a seguir apresenta a frequência de uso do item 'dele' em DPs possessivos [+/- definidos]:

Tabela 9 – Frequência do item 'dele' em DPs possessivos com e sem artigo antes do nome

	N.º	%
'Dele' em DPs possessivos com artigo definido antes do nome, com interpretação delimitadora	33	49.3%
'Dele' em DPs possessivos sem artigo definido antes do nome, com interpretação delimitadora	31	46.3%
'Dele' em DPs possessivos sem artigo definido antes do nome, com interpretação ambígua	3	4.4%
Total	67	



Podemos, assim, apresentar os contextos sujeitos ou não à variação. Serão considerados como contextos variáveis aqueles que fomentam uma interpretação delimitadora para a forma possessiva. E, como vimos, essa interpretação semântica é encontrada, no português medieval, com ‘seu’ na posição pré-nominal e com ‘dele’ antecedido ou não por um artigo definido, desde que haja uma interpretação delimitadora.

A ocorrência de ‘seu’ pós-nominal é, por sua vez, considerada um contexto não-variável, já que leva a uma interpretação predicativa:

(50) E outrosy teem(os) por ben que todos os bispos e outra clerizya q(ue) den dereytam(ent)e os dizimos d(e) todos seus bees e de tod(os) seus h(er)damentos que an q(ue) no~ su~ das **eyg(re)yas suas**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

Em (50), se estabelece uma interpretação predicativa e a referência do nome é genérica.

Também é considerado um contexto não-variável a ocorrência do item ‘dele’ em DP possessivos sem a presença de artigo definido que apresentem uma interpretação ambígua, conforme exemplificado em (48) e (49). Repetimos abaixo essas ocorrências:

(48) [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri´ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci´u´is (e) **Racoeiros dellas**. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(48') [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'ú'is (e) **Racoeiros que pertencem a elas.**

(49) [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'ú'is (e) **Racoeiros dellas.** (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(49') [...] (e) Eg(re)ias do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa q(ue) q(ui)serem faz(er) os Abbades Pri'ores R(e)ctores Cap(e)llae~s pp(er)eci'ú'is (e) **Racoeiros dentre os que elas possuem.**

Neste ponto da discussão, surge outra questão: quanto à interpretação semântica, as variantes átonas e tônicas podem ser consideradas variantes? E as variantes átonas podem concorrer com a forma 'dele' apesar de cada uma ocupar uma posição diferente em relação ao núcleo verbal?

As respostas são simples. A possibilidade de paráfrase entre formas átonas e tônicas e com o possessivo 'dele' permite responder positivamente às duas indagações. Comparem-se:

(51) [...] partiro~ cu~ do~ Joha~ lobeyra caualeyro<sub>i</sub> (e) cu~ Steua~hia m(ar)ti'j'z **sa**<sub>i/k</sub> molher hu~u Casal (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(51') [...] partiro~ cu~ do~ Joha~ lobeyra caualeyro<sub>i</sub> (e) cu~ Steua~hia m(ar)ti'j'z **sua**<sub>i</sub> molher hu~u Casal

(51'') [...] partiro~ cu~ do~ Joha~ lobeyra caualeyro<sub>i</sub> (e) cu~ Steua~hia m(ar)ti'j'z molher **dele**<sub>i</sub> hu~u Casal

Assim, reafirmamos o que foi explicitado no capítulo I: as realizações de ‘seu’ seriam variantes das realizações de ‘dele’, excetuando-se os casos em que ‘seu’ é pós-nominal e tem interpretação semântica de predicativo. Estamos agora diante do seguinte quadro:

Tabela 10 – Distribuição das formas em análise com base na interpretação semântica

Interpretação delimitadora					Interpretação predicativa								
Posição	Formas átonas		Formas tônicas			Posição	Formas átonas		Formas tônicas				
	‘seu’		‘seu’		‘dele’		‘seu’		‘seu’		‘dele’		
	N. <sup>o</sup>	%	N. <sup>o</sup>	%	N. <sub>o</sub>		%	N. <sup>o</sup>	%	N. <sup>o</sup>	%		
Pré-nominal	815/817	99.8	1552/1554	99.9	–	–	–	–	–	–			
Pós-nominal	–	–	–	–	64/67	95.5	2/817	0.2	2/1554	0.1	3/67	4.5	
Total	2431/2438				99.7%		Total	7/2438				0.3%	

Apenas as ocorrências de mesma interpretação semântica podem ser consideradas variantes. Portanto, a análise quantitativa realizada neste trabalho estará pautada nos contextos que favorecem uma interpretação delimitadora, o que levará à quantificação das 64 ocorrências de ‘dele’ e das 2.367 ocorrências de ‘seu’ na posição pré-nominal.

### **2.3. Tratamento Quantitativo dos Dados**

Neste trabalho, orientado nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista, assume-se que a variação não é aleatória, mas governada por restrições lingüísticas e não-lingüísticas. Ou seja, os fenômenos lingüísticos variáveis apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de ordem lingüística e não-lingüística.

Cabe, então, ao pesquisador variacionista as tarefas de identificar os fenômenos lingüísticos variáveis em uma dada língua, fazer um levantamento de suas variantes, definir as variáveis independentes ou grupos de fatores condicionadores da variável lingüística analisada e, por fim, submeter os dados codificados ao tratamento estatístico adequado com o intuito de correlacionar sistematicamente a freqüência de uso de cada uma das variantes lingüísticas aos fatores lingüísticos e não-lingüísticos que as regulam. Desse modo, o problema central da Sociolingüística Variacionista está diretamente relacionado à verificação da maneira como as variáveis independentes atuam na realização das formas variantes em competição.

Sob essa perspectiva, a metodologia da Sociolingüística Variacionista, ao se fundamentar na utilização de programas estatísticos, constitui uma ferramenta analítica segura que pode, portanto, ser utilizada tanto para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações lingüísticas. As suas limitações acabam sendo as do próprio pesquisador, a quem cabe definir os

fatores relevantes, levantar e codificar os dados empíricos corretamente e, principalmente, interpretar os resultados com base em todo o aparato analítico disponibilizado pela teoria (cf. NARO, 2003).

No caso da distribuição dos possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII e XIV, os dados codificados foram submetidos ao programa estatístico para computadores GOLDVARB/VARBRUL 2001.

Na realização da análise quantitativa, realizamos três tipos de cruzamento. Consideramos inicialmente todas as ocorrências de 'seu' e 'dele', independentemente da realização gráfica. Num segundo momento, consideramos apenas as formas átonas e tônicas do possessivo 'seu'. Num terceiro momento, tivemos em conta apenas as formas átonas do possessivo 'seu' e as realizações do item 'dele'. As justificativas para esse recorte serão apresentadas no decorrer deste capítulo. Chegamos, assim, à seguinte tabela:

Tabela 11 – Distribuição das ocorrências por tipo de realização gráfica

	N.º	%
Formas tônicas de 'seu'	1552	63.8%
Formas átonas de 'seu'	815	33.6%
Formas tônicas de 'dele'	64	2.6%
Total	2431	

## 2.4. A Propósito da Origem das Variantes em Análise

### 2.4.1. Uma Breve Nota sobre as Origens do Possessivo ‘Seu’

De acordo com Câmara Jr. (1975:93), havia, no latim clássico, uma forma adjetiva do pronome pessoal que, em concordância com o nome a que se referia, era utilizada para indicar as relações de posse (*domus mea*, minha casa). O quadro apresentado a seguir representa a distribuição das formas possessivas no latim clássico:

Quadro 3 – Distribuição dos pronomes possessivos no latim clássico

1. <sup>a</sup> pessoa	Singular	meus, mea, meum
	Plural	noster, nostra, nostrum
2. <sup>a</sup> pessoa	Singular	tuus, tua, tuum,
	Plural	vester, vestra, vestrum

Conforme mostrado no quadro acima, não havia um pronome possessivo específico para a terceira pessoa no latim clássico. Essa ausência de um possessivo de terceira pessoa estaria relacionada à inexistência também de um

pronome pessoal específico para indicar essa pessoa do discurso<sup>8</sup>, visto que a flexão verbal era a responsável por indicar quando o sujeito não era o falante nem seu interlocutor:

“A flexão verbal indicava quando o sujeito não era nem o ouvinte nem o falante, e a especificação desse sujeito era feita pelo respectivo nome substantivo ou por nome demonstrativo em função do campo mostrativo da comunicação: *Marcus currit* `Marcos corre` ou *Ille* (aquele indivíduo que estás vendo ali) *currit.*” (CÂMARA JR., 1975:93)

O que havia, no latim clássico, era um sistema de reflexivos de terceira pessoa, nas formas ‘sui’, ‘sibi’, ‘se’, aos quais correspondiam os possessivos reflexivos ‘suus’, ‘sua’, ‘suum’. De acordo com Cart et al. (1986:39), esses possessivos somente eram empregados se o possuidor fosse o próprio sujeito da oração, como nos exemplos a seguir:

(52) *Filia matrem suam amat.* (A filha ama sua mãe)

(53) *Filiae matrem suam amant.* (As filhas amam sua mãe)

Se, no entanto, o possuidor não era o sujeito, recorria-se aos pronomes ‘is’ (masculino), ‘ea’ (feminino), ‘id’ (neutro), que as gramáticas latinas classificam como demonstrativos e como os pronomes anafóricos por natureza. Os pronomes

---

<sup>8</sup> Na ausência de pronomes pessoais de terceira pessoa, recorria-se, no latim clássico, aos demonstrativos *is*, *ea*, *id*, que, posteriormente, foram substituídos pelos também demonstrativos *ille*, *illa*, *illud*.

'is, ea, id' podiam significar "esse", "essa", "isso"; "ele", "ela", "o", "a", "lhe"; "aquele (homem)", "aquela (mulher)", sempre como anafóricos. No caso da indicação de posse, era empregada a forma genitiva desses pronomes: 'eius' (masculino, feminino e neutro singular), 'eorum' (masculino e neutro plural) e 'earum' (feminino plural), conforme exemplificado abaixo:

(54) *Patri amant filios, sed uitia eorum reprehendunt.* (Os pais amam [seus] filhos, mas reprecendem seus vícios/os vícios deles.)

Neste exemplo, 'eorum' é forma remissiva que tem como referente 'filios', que não é sujeito da oração precedente. Em latim clássico, a possível ambigüidade apresentada por uma sentença como esta seria facilitada, portanto, pela diferenciação operada pela língua entre 'suus, sua, suum' (o sujeito é o possuidor) e 'eius, eorum, earum' (o sujeito não é o possuidor).

No latim vulgar, os itens 'suus, sua, suum', que correspondiam a possessivos reflexivos no latim clássico, passaram a ser utilizados, juntamente com as formas 'eius, eorum e earum', para indicar as relações de posse também quando o possuidor não fosse representado pelo próprio sujeito da oração, como afirma Väänänen (1968:200).



## 2.4.2. Sobre a Origem das Formas Átonas

De acordo com Silveira Bueno (1955:141), o seguinte quadro reuniria as diferentes representações gráficas dos pronomes possessivos singulares no latim vulgar.

Quadro 4 – Representação gráfica dos possessivos singulares a partir do latim vulgar

<i>meu / meum – mou</i>	<i>ma / meã</i>	<i>minha / meam</i>
<i>teu / *teum – tou</i>	<i>ta / tua</i>	<i>tua / tuam</i>
<i>seu / *seum - sou</i>	<i>sa / sua</i>	<i>sua / suam</i>

O autor destaca que a origem de ‘meu’ seria normal, remontando ao latim clássico. Já as formas ‘teu’ e ‘seu’ teriam se estabelecido por analogia com o possessivo ‘meu’. Haveria, segundo o autor, a probabilidade de, já no latim vulgar, terem sido empregadas as formas analógicas ‘teum’ e ‘seum’, de maneira que essa formação analógica não teria ocorrido na língua portuguesa, datando ainda da língua latina<sup>9</sup>. As formas latinas ‘mea’, ‘tua’ e ‘sua’, em posição proclítica, ao perderem a sua acentuação própria, teriam originado, no português, as formas átonas ‘ma’, ‘ta’, ‘sa’ a partir de um processo de redução fonológica.

Maia (1986:679) destaca que as formas átonas caracterizam textos produzidos nos séculos XIII e XIV. Bechara (1985:54) aponta a existência de

<sup>9</sup> A suposição de que o latim vulgar conhecia as formas ‘teum’ e ‘seum’ está baseada na epigrafia, onde se encontra o exemplo *cum maritu seo* (cf. NUNES, 1956:242).

possessivos femininos de formas proclíticas ('ma', 'ta', 'sa') ao lado das formas ('mha', 'mia', 'tua', 'sua'), como um dos traços definidores do português arcaico.

De acordo com Maia (1986:679), as primeiras ocorrências das formas átonas 'sa' e 'ssa' datam do antigo galego-português<sup>10</sup>, mas já nos séculos XIII e XIV a forma tônica 'sua' apresentaria uma tendência em substituí-las. A autora ainda destaca que, no período arcaico, o possessivo pré-nominal podia ser usado com ou sem artigo e que, no caso das formas átonas, havia uma preferência clara pela omissão do artigo definido. Como veremos no capítulo IV, essa conclusão será de grande importância em nossa análise.

A identificação das formas átonas como resultado de um processo de redução fonológica das formas tônicas latinas conduz à formulação da seguinte pergunta: por que estas formas teriam perdido sua acentuação? Haveria diferença entre a configuração estrutural das formas tônicas e a das formas átonas? Tais questões serão respondidas no capítulo IV desta tese.

### **2.4.3. Uma Breve Nota sobre as Origens do Possessivo 'Dele'**

No latim clássico, o sistema nominal se caracterizava da seguinte forma: a) havia dois números, singular e plural, expressos pelas terminações dos casos

---

<sup>10</sup> O galego-português designa a língua de que o português e o galego descendem. A língua considera-se formada no século XII, principalmente como desenvolvimento do latim vulgar falado pelos conquistadores romanos a partir do século II d.C.

plurais; b) havia, também, uma distinção de três gêneros gramaticais – masculino, feminino e neutro –; c) os nomes eram distribuídos em cinco diferentes declinações<sup>11</sup>; d) para cada uma das cinco declinações, os nomes se distribuíam em seis morfemas casuais distintos – nominativo, vocativo, acusativo, dativo, genitivo e ablativo. Os seis casos eram responsáveis, no latim clássico, por determinar a função desempenhada pelo nome na frase, já que não havia uma estruturação rígida da ordem das palavras em relação à função sintática que era desempenhada. O quadro abaixo ilustra as principais funções apresentadas por cada um dos seis casos no latim clássico:

Quadro 5 – Funções sintáticas desempenhadas pelos casos no latim clássico

CASO LATINO	FUNÇÃO SINTÁTICA NA FRASE <sup>12</sup>
nominativo	sujeito / predicativo do sujeito
vocativo	vocativo
acusativo	objeto direto / caso do lugar tomado como ponto final de um movimento / caso do tempo tratado enquanto duração
genitivo	partitivo / possessivo
dativo	objeto indireto / beneficiário
ablativo	caso da maioria dos adjuntos adverbiais

<sup>11</sup> Em linhas gerais e desconsiderando as exceções, os nomes distribuíam-se, de acordo com as cinco declinações, da seguinte maneira: a) os nomes pertencentes à 1.<sup>a</sup> declinação eram femininos (*rosa*); b) os nomes que compunham a 2.<sup>a</sup> declinação eram masculinos, apresentando as terminações {- us} (*dominus*, “senhor”) ou {- er} (*puer*, “menino”), ou neutros, se fossem terminados em {- um} (*verbum*, “palavra”); c) a 3.<sup>a</sup> e a 4.<sup>a</sup> declinações abrangiam nomes masculinos, femininos e neutros; d) a 5.<sup>a</sup> declinação era formada, assim como a 1.<sup>a</sup> declinação, por nomes femininos.

<sup>12</sup> Ao tratar das funções desempenhadas pelos casos latinos, estamos adotando, de certa forma, a nomenclatura usualmente empregada pelas gramáticas normativas, visto que ela é utilizada pelos manuais de língua latina.

Nas línguas indo-européias, nas quais se inclui o latim, teria havido uma tendência geral de redução de morfemas casuais (cf. MAURER JR., 1959 *apud* LLOYD, 1993:152). O latim, que já possuía menos casos que muitas outras línguas indo-européias, continuou com essa mesma tendência de redução devido a dois fatores específicos, a saber: a) existia uma grande semelhança entre os morfemas que constituíam os diferentes casos; b) houve o acréscimo no uso de preposições para marcar as funções que, anteriormente, eram indicadas pelos morfemas de caso.

O resultado foi o surgimento de grande semelhança entre os morfemas dos cinco paradigmas de desinências nominais no latim clássico. Tal semelhança teria se tornado ainda maior quando, no latim vulgar, certos casos passaram a se confundir.

Ernout (1945 *apud* COUTINHO, 1976:225) afirma, a esse respeito, que os casos latinos teriam, posteriormente, se reduzido a dois – o nominativo e o acusativo –, o que teria levado a um emprego mais freqüente das preposições para a indicação das funções anteriormente representadas pelos casos genitivo, dativo e ablativo. Por sua vez, o nominativo e o acusativo fundiram-se, prevalecendo este sobre aquele em regiões do Ocidente, como em Portugal e na Espanha.

De acordo com Câmara Jr. (1975:177) seria, em geral, um traço característico da tipologia das línguas românicas, em face do latim, o desenvolvimento de um sistema de preposições para estabelecer relações de

subordinação entre os constituintes de uma oração. No latim clássico, o emprego de preposições – embora não fosse tão extenso – já ocorria para a indicação da subordinação que os complementos apresentavam em relação a certas formas verbais, como, por exemplo, em: *Ire ad forum* (Ir ao tribunal / Ir à praça pública) e *Irem in silvam* (Ir à floresta).

Com a eliminação dos casos latinos, houve, portanto, no latim vulgar, um acréscimo no emprego de preposições, o que acabou fazendo com que a marca de subordinação ao verbo recaísse exclusivamente nas preposições. Além disso, com a eliminação do caso genitivo – que era o responsável por indicar, no latim, a função de complemento nominal, como, por exemplo, em ‘*Historia esta vita memoriae*’ (A história é a vida *da memória*) –, as preposições passaram também a expressar as relações de subordinação em relação aos nomes.

Com base nos exemplos a seguir, Poggio (2002:184) ainda acrescenta que os partitivos, que eram expressos, na maioria das vezes, também pelo caso genitivo, passaram a ser indicados pela preposição ‘de’:

(55) a. *Aliquis de nostris hominibus*  
‘Alguém dos nossos homens’

b. *Unus de multis*  
‘Um de muitos’

Além disso, como destaca a autora, a preposição ‘de’, no português, passou a assumir as noções representadas pelas preposições latinas ‘ex’, ‘de’ e

'ab' e mais a idéia de posse encontrada no seu sentido de base, que se exprime pela relação de subordinação de um nome a outro.

Os *corpora* selecionados para esta pesquisa constataram ser comum, nos séculos XIII e XIV, a utilização da preposição 'de' na indicação de posse, a partir do estabelecimento de uma relação de subordinação de um nome em relação a outro. Ou seja, o PP introduzido pela preposição 'de' é freqüentemente atestado no português arcaico para a indicação do possuidor. Vejamos, a título de exemplo, algumas ocorrências:

(56) Testamento **de Orracha Rodericj**, feito na presença de seu marido Marti~ Gil e de outros homens bons. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(57) Carta dada por Dõ Vaasco Marti~iz, Meirinho-mor em Portugal, a Dona Maria Steuarez declarando-a sob sua guarda, comenda e defendimento, contra ilegítimas pretensões **de Dom Pedro Soariz** a propriedades que o mesmo havia vendido. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(58) Feito em Represas por Giral Perez, tabelião público **de El Rei** em terra **de Aguiar de Sousa e de Refoios**. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

Vê-se, portanto, que as mudanças ocorridas no sistema nominal latino acabaram levando à ocorrência de um maior número de sintagmas preposicionados. E um exemplo bastante evidente disso foi a substituição dos casos genitivo e dativo por sintagmas preposicionados.

Além disso, é importante destacar aqui a origem demonstrativa do pronome 'ele' e, conseqüentemente, de "de + ele", já que esta questão será aprofundada no capítulo IV.

Como vimos anteriormente, não havia um pronome específico para a terceira pessoa no latim clássico, uma vez que a flexão verbal era a responsável por indicar quando o sujeito não era o falante nem seu interlocutor. Uma das diferenças que diferenciam o latim vulgar do latim clássico é, pois, a utilização do pronome demonstrativo 'ille' como nominativo na indicação da terceira pessoa do discurso. Isto quer dizer que o pronome 'ele' e, conseqüentemente, 'de + ele' têm sua origem em uma forma que é essencialmente dêitica<sup>13</sup>. Vale também ressaltar que o demonstrativo 'ille' deu origem ainda, no português, aos artigos definidos e aos clíticos acusativos 'o(s)' e 'a(s)', formas que também mantêm um valor dêitico.

## **2.5. Os Grupos de Fatores Condicionadores**

Um dos grandes ganhos – senão o principal – da Sociolinguística Variacionista para o estudo da linguagem foi a ruptura da rígida associação estabelecida por Saussure (1977 [1916]) entre a sincronia e a sistematicidade. Desde o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968:98), que defendem a idéia de que a heterogeneidade linguística é sistemática, a Sociolinguística

---

<sup>13</sup> O conceito de dêixis será aprofundado na seção 4.3.2.2.

Variacionista tem promovido um redirecionamento nos estudos sobre variação e mudança lingüística ao defender que a ocorrência de variantes estaria diretamente correlacionada a fatores lingüísticos e a características externas ao falante, como o estilo contextual, a mobilidade social, a etnia, o sexo e a idade. Ou seja, o emprego de formas variantes não estaria condicionado a uma variação livre, uma vez que cada variante lingüística em competição teria seu uso regulado por variáveis independentes, representadas, nesse caso, por fatores condicionadores de natureza lingüística e não-lingüística.

Na realização deste trabalho, foram definidos os seguintes grupos de fatores lingüísticos e não-lingüísticos que poderiam estar relacionados às variáveis dependentes analisadas:

- a) NP possuidor [+/- concreto];
- b) NP possuidor [ +/- humano];
- c) NP possuidor [+/- específico];
- d) NP possuidor [ +/- animado];
- e) número do NP possuidor;
- f) posição no DP possessivo<sup>14</sup>;

---

<sup>14</sup> Na utilização do programa, foi detectada uma situação de *knockout* em relação ao fator ordem do possessivo. Segundo Pintzuk (1988), o *knockout* ocorre quando todas as ocorrências de uma variante estão correlacionadas a um determinado valor, o que leva o fator que apresenta esse tipo



- g) presença / ausência de artigo definido no DP possessivo;
- h) NP possuidor: sujeito / não-sujeito;
- i) fator pragmático (*status* do NP possuidor): pessoa de respeito / pessoa comum / não-pessoa<sup>15</sup>;
- j) fator tempo (século XIII / século XIV);
- l) tipo de texto (texto notarial / texto não-notarial).

Adiante, com o intuito de validar a escolha de cada um desses fatores condicionadores, apresentamos ocorrências, retiradas dos *corpora* analisados, nas quais será evidenciada a atuação de cada variável independente em particular.

---

de resultado categórico a ser excluído da análise quantitativa. Essa categoricidade foi observada em relação ao possessivo 'dele', que foi atestado apenas na posição pós-nominal.

<sup>15</sup> Vale destacar que o critério utilizado para diferenciar pessoas de respeito de pessoas consideradas comuns nos *corpora* analisados foi a percepção do respeito que detinha a pessoa na sociedade àquela época, seja por questões de ordem financeira ou pelo cargo ocupado. Nesse sentido, foi de extrema importância não nos restringirmos somente à forma possessiva e às suas adjacências, já que somente um recorte mais amplo do contexto em que a forma possessiva ocorria permitiu verificar realmente o *status* social de cada um dos referentes.

## 2.6. Variáveis Independentes Internas

Nesta seção, serão apresentadas ocorrências contendo as variantes analisadas neste trabalho. Para cada fator condicionador, serão apresentados 06 exemplos, dos quais 02 representam os possessivos tônicos, 02 os possessivos átonos e 02 a variante 'dele'<sup>16</sup>.

### 2.6.1. NP Possuidor [+/- Concreto]

#### a) NP possuidor [+ concreto]

(59) Assunto: Câmbio de propriedades entre **o convento de Vilarinho** e o **seu** prior, Dom Martj~ Periz. Feito em Vilarinho pelo tabelião de Aguiar de Sousa e de Reffoyos, Steuã Iohãnes. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(60) **Desse casa**/sic/ li'ure e q(ui)the desse Moest(eir)o. e deffende. (e) disse q(ue) nenhu~u dos **se** fillos. ne~ ne~hu~us(os)/sic/ dos sse netos no~ uenha~ fillar ne~ p(ar)tir. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(61) E q(ue)ren (e) pode~ ente~dejs como o der(ei)to encom[...] Caualej'ro ne~ out(ro) home~ no~ defenda' a Ejj(re)ia ne~ as h(er)dades **dessa**

---

<sup>16</sup> Este critério somente não será aplicado no caso do fator ordem do possessivo, uma vez que, nos *corpora* analisados, não foi encontrada nenhuma ocorrência da variante 'dele' em posição pré-nominal, o que comprova ser a distribuição pós-nominal a que caracteriza esse item desde a sua implementação ainda no português medieval.

Também não mantivemos esse critério no caso do possessivo 'seu' em posição pós-nominal. Como foram atestadas apenas 04 ocorrências do possessivo 'seu' pós-nominal, optamos por apresentar todas as ocorrências.

**Ejg(re)ia** ne~ os Testados **dela**´. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

## b) NP possuidor [- concreto]

(62) T(itulo) das **leys** e dos **seus** stab(e)liceme~tos As leys ama~ e desyna~ as cousas q(ue) so~ d(e) Deus e demanda~ e demonstra~ d(er)reyto e iustiça e o ordiame~to dos boos. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(63) Pero se por razo~ **daq(ue)lla doaçõ**~ algu~a mison fez a proueyto do que lha daua, os **se** h(er)deyros seya~ teudos d(e) dar aquella mysso~ que fez. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(64) Outrosy mandamos que se o cabeçal en q(ue) leyxar o morto **sa manda** non quiser seer cabeçal **della**, que p(er)ca aquilho que lhy foy mandado en ela. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

## 2.6.2. NP Possuidor [+/- Humano]

### a) NP possuidor [+ humano]

(65) Assunto: Testamento de **Orracha Rodericj**, feito na presença de **seu** marido Marti~ Gil e de outros homens bons. Orracha Rodericj deixa o **seu**

corpo ao mosteiro de S. Pedro de Cete e lega bens ao mosteiro de Cete. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(66) E nos do~ Abade (e) P(ri)or (e) Conue~to do mosteiro de Pedroso deuemos enparar (e) deffender **Martin p(er)ez** (e) **sa** moler Amada M(ar)tijz assi come nosos home'e's. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(67) Q(ue) todo he do Moesteyro das Donas da Chelas o q(ua)l foy de **do~ Rejnaldo** (e) de **dona Meny~a** ssa molh(er) (e) caeu en partiço~ deposs Morte **deles**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

## b) NP possuidor [- humano]

(68) [...] (e) a nossa morte danbos logo o d(i)cto h(er)dam(en)to (e) **oliual** (con) todo **seu** melhoram(en)to deue~ a ffycar liurem(en)te (e) en paz (e) en ssaluo ao d(i)cto Moesteyro. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(69) Conoçuda cousa seia a todos p(re)sentes e a os q(ue) am de uijr q(ue) este prazo ui're~ [e] Leer ouuire~ q(ue) eu Martin p(er)ez Dallheira en senbra co~ mha moler Amada m(ar)ti'j'z damos q(ua)nto h(er)dame~to auemos ou a au(er) deuemos na **uilla dallheira** (e) en **se** t(er)mos no couto de Pedroso. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(70) Caualej'ro ne~ out(ro) home~ no~ defenda' a Eijg(re)ia ne~ as h(er)dades **dessa Eijg(re)ia** ne~ os Testados **dela'**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

### 2.6.3. NP Possuidor [+/- Específico]

#### a) NP possuidor [+ específico]

(71) Venda dos bens que **Domi~gas Dominguis**, de Alcaceuas, tinha em Arranhóó, no termo de Lisboa, feita pelo **seu** procurador Antonio Martins a Domi~gos Periz Patameyro. Feito em Lisboa por Gil Soariz, tabelião desta cidade. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(72) [...] q(ue) os d(i)tos P(ri)ol (e) co~uento Aiam os sobr(e)d(i)tos d(inhei)r(o)s pelos bees todos q(ue) fficaro~ **do d(i)to P(er)o Anes** (e) de Sancha gil **sa** molh(er). (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(73) [...] como eu Tareya fagundit p(ri)oressa da Chelas cono Conue~to desse logo damos hu~u nosso ca~po q(ue) auem(os) en a chelas a´ **pedro garcia** (e) **ssa moler fflores gunçaluit** q(ue) o chante~ (e) o ayam en ssa uida da~bos e dous (e) de~ a nos o quarto do renouo q(ue) lis deus der e~ a morte **deles**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

#### b) NP possuidor [- específico]

(74) **Todo ome** q(ue) matar out(ro) se~ seu g(ra)do moyra pore~, seno~ se matar **seu** enmijgo conhoçudo o[u] deffe~dendosse. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(75) **Padre ou madre** no~ possa desh(er)dar **se** filhos de beeçon ne~ netos nen desi a iuso. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(76) It(em) ma~da nosso senhor el Rej q(ue) o Mejri~nho faça ent(re)gar os Mon(esteiro)s e aas Ejj(re)ias totalas cousas q(ue) os ffilhos das Barrega´a´s q(ue) no~ son erdados em be~es de seu||s|| padres assi como ffilho||s||/?/ li´j´dimos. despe~dero~. ou filharo~. ou poboaro~ ou´ danaro~ dos **Mo(esteiro)s** e das **Ejj(re)ias**. ou dos hom(en)s **deles** e das herdades **delas**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

#### 2.6.4. NP Possuidor [+/- Animado]

##### a) NP possuidor [+ animado]

(77) Emprazamento de propriedades do mosteiro de Chelas, situadas em Moncã, termo de Santarém, e sobre a Enffesta dos Galhardos, a **Johane Ayras**, cavaleiro, e **sua** mulher Katerina Bernaldiz, após confirmação por estes de que detinham ilegitimamente as referidas propriedades. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(78) E nos do~ Abade (e) P(ri)or (e) Conue~to do moesteiro de Pedroso deuemos enparar (e) deffender **Martin p(er)ez** (e) **sa** moler Amada M(ar)tijz assi come nosos home´e´s. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(79) Qvando o q(ue) casa der arras **aa manceba** cu~ q(ue~) casa, se ella no~ ouuer #XXV anos, o padre ou madre [...] non ouu(er), os yrmaos **della**

ou os parentes mays prouí~cos que ouu(er) aya~ este poder. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

## b) NP possuidor [- animado]

(80) Ao **di'to M(ostei)ro** contados **seus** melhoram(en)tos e Ac(re)çentam(en)tos sen co~te~da nenhu~a. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(81) [...] q(ue) eu Martin p(er)ez Dallheira en senbra co~ mha moler Amada m(ar)ti'j'z damos q(ua)nto h(er)dame~to auemos ou a au(er) deuemos na **uilla dallheira** (e) en **se** t(er)mos no couto de Pedroso. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(82) E foyse pera Sevyilha. E dhy partyo co~ quareenta e hu~a galees e oyte~eta naaos e hu~a galyota. Destas era~ dez del rey do~ Pedro de Portugal e hu~a galyota e oyto de mouros que envyara el rey Maffamede de Graada. El rey foy sobre **a vyla de Guardamar** e tomoua e o castelo **dela**. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

## 2.6.5. Número do NP Possuidor

### a) NP possuidor no singular

(83) Todo ome que for chamado p(er) mandado **del rey** que uenha ant'el ou q(ue) faça out(ra) cousa q(ua)lquer e desp(re)zar **seu** mandado e no~

quis(er) uijr a **seu** ma~dame~to p(ey)t(e) #C m(a)r(auidi)s a al rey. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(84) **D(omingo)s do(mingu)iz** (e) **sa** molher Mari~ha M(ar)ti'j'z co~ seus d(er)eytos (e) p(er)te'~e'~ças. por p(re)ço q(ue) de uos Decebemos/sic/ dez M(a)r(avedi)s. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(85) E disse o d(i)to scudeiro q(ue) o d(i)to Priol p(or) ssi (e) p(or) sseu co~uento fosse **aa d(i)ta Qui~ta~a da Ramada** (e) aas h(er)dades **dela**. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

## b) NP possuidor no plural

(86) It(em) ma~da nosso senhor el Rej q(ue) o Mejri~nho faça ent(re)gar os Mon(esteiro)s e aas Eij(re)ias todalas cousas q(ue) **os ffilhos das Barrega'as** q(ue) no~ son erdados em be~es de **seus** padres assi como ffilhos li'j'dimos. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(87) E os d(i)tos P(ri)ol (e) o Conue~to no~ deue~ a eles po~er outros foros ne~ lhi's deue~ buscar outras cousas de nouo ne~ lhi's de[ue~] tolher **os Casaes** en todo [t]enpo de **sa** uida. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(88) A posse das **d(i)ctas cassas** nem lhe daa as chaves das d(i)ctas cassas (e) lhas tem Acupedas nom Avendo Em ellas dereyto nem Avendo po(r) q(ue) o ffaz(er) (e) pedyá comt(r)a Ell q(ue) lhj Abrisse **dellas** Maa das **d(i)ctas cassas** (e) posse **dellas**. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)



## 2.6.6. Posição no DP Possessivo

### a) Pré-nominal

(89) Assunto: Venda dos bens que Domi~gas Dominguiç, de Alcaceuas, tinha em Arranhóó, no termo de Lisboa, feita pelo **seu procurador Antonio Martins** a Domi~gos Periz Patameyro. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(90) D[e] que sse ly [...] [fe]rna~dijz. ante parti'j'ó Dyzeno (e) comfessando dante my. dante o tabellijom e dante as testemhu~yas q(ue) ad(e)ante ssom esc(ri)tas. que a [...] (con)tra d(eu)s (e) **Contra ssa alma**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

### b) Pós-nominal

(91) [...] q(ue) uija~ muytos danos e muytos maees aos omees e aos pobres e a todo o poboo, pedi~donos mercee q(ue) lhys enmendassemos os **usus se** que achassemos que era~ sen dereyto. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(92) [...] e recebeu morte na uera [cruz] e d(e)mentre q(ue) a carne foy morta, a alma d(e)lhe dece~deo aos infernos e sacou end(e) os s(an)ctos e os **fiees se**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(93) E outrosy teem(os) por ben que todos os bispos e outra clerizya q(ue) den dereytam(ent)e os dizimos d(e) todos seus bees e de tod(os) seus h(er)damentos que an q(ue) no~ su~ das **eyg(re)yas suas**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(94) E se o sabia e casou cu~ el, tomeo seu senhor cu~ todos os filhos e cu~ todo o **au(er) seu** & elha. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(95) Se molh(er) espusada casar cu~ outro ou fez(er) adult(er)io poys que foy esposada dereytame~te, elle e ella e os aueres seya~ metudos en poder do **sposo delha** en guysa q(ue) seya~ se s(er)uos, foras end(e) q(ue) os no~ possa matar. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

## 2.6.7. Presença / Ausência de Artigo Definido no DP Possessivo

### a) Presença de artigo definido

(96) Assunto: Testamento de Eluira Ermigiz, deixando **o seu corpo** a S. João de Tarouca e fazendo doações a particulares e aos monges da Pendorada. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(97) E se fillos lijdimos no~ ouu(er) aiano os pare~tes mays achegados q(ue) ouu(er) ou a q(ue~) el ma~dar **a ssa morte**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(98) E pareçya em sy sem sospei'ta (e) visto como o d(i)to M(ar)tjm do(mingu)jz estaua p(re)sent(e) (e) no~ Enbargaua **o t(re)llado della**

mandou dar della ho t(re)llado. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

## **b) Ausência de artigo definido**

(99) Assunto: Procuração dada a Nuno, monge do mosteiro de Pedroso, por Domingos, Abade do mesmo mosteiro, para que represente o mosteiro de Pedroso na demanda contra Pedru Brãdum e **seus filhos**, os quais haviam feito mal e força em herdades do mosteiro. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(100) E esse Steua~ p(er)ez ne~ **se successores** n(o~) deue~ fazer sob(re)ssas nossas Casas eyrado. ne~ Janella. ne~ saeteyra. ne~ Jamineyra. ne~ out(ra) cousa ni~hu~a q(ue) a nos empe'e'sca e~essas nossas Casas. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(101) [...] a nossa ma~o ata aq(ui) q(ue) todo he do Moesteyro das Donas da Chelas o q(ua)l foy ((L005)) de do~ Rejnaldo (e) de dona Meny~a ssa molh(er) (e) caeu en partiço~ deposs **Morte deles**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

## **2.6.8. NP Possuidor: Sujeito / Não-sujeito**

### **a) NP possuidor sujeito**

(102) E ento~ pedi'o o p(ro)c(ur)ador de vilhari~o vogado (e) dero~lho (e) ao di'a. ue'e'ro~ **cada hu~as das p(ar)tes** co~ **sseus** vogados. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(103) E por q(ue) ente~dero~ q(ue) era desenbargame~to de **ssa** alma, (e) q(ue) depouys q(ue) lhes no~ reteuesse ne~gu~u esse casal p(er) sa razo~; quitaro~sse desse casal ao dito Moestei'ro. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(104) Se **molh(er) espusada** casar cu~ outro ou fez(er) adult(er)io poys que foy esposada dereytame~te, elle e ella e os aueres seya~ metudos en poder do sposo **delha**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

## b) NP possuidor não-sujeito

(105) Feito em Gaya por Steuã Perez, tabelião **na vila de Gaya** e em **seu** termo. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(106) [...] q(ue) eu Martin p(er)ez Dallheira en senbra co~ mha moler Amada m(ar)ti'j'z damos q(ua)nto h(er)dame~to auemos ou a au(er) deuemos na **uilla dallheira** (e) en **se** t(er)mos no couto de Pedroso. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(107) [...] e co~ffessam(os) (e) reconecem(os) q(ue) todolhas coussas q(ue) en(de) ouuem(os). **desse q(ua)rto** do d(i)to Cassal (e) **dele**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

## 2.6.9. Fator Pragmático: Status do NP Possuidor

### a) NP possuidor: pessoa de respeito

(108) El **rey do~ Enrryque** entrou no reyno de Portugal e tomou Braga~ça e foy çercar Guymara~aes. Aly se lançou do~ Ferna~do de Castro, que andava sobre fiança dentro na vila. E soube el rey do~ Emrryque como el rey de Graada cobrara a çidade d' Aljazyra e tornousse pera **seu** reyno. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

(109) E sse **el rey** non quer faz(er) digou ante dous ou ante #III d(e) **sa** casa e de **ssa** corte. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(110) E porende assy como nos deffendem(os) q(ue) nenhuu no~ proue en ne~hua guisa trayço~, nenhuu mao feyto (contra) sa p(essoa) de **el rey**, outrosy no~ queremos soffrer que nenhuu ly diga mal nenno deoste ne~ retrayha mal **dele** nen de se feytos. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

### b) NP possuidor: pessoa comum

(111) **Nenhu~u Caualeiro de santarem** no~ deue a responder sen **seu** alcaide. E ora senhor husa-sse des quat(ro) a~nos aca q(ue) a uossa ordi~nhaço~ foy fei~ta. que responde~ sem alcaide. q(ue)r este caualeyro p(er) ssy. q(ue)r p(er) **seu** p(ro)curador o q(ue) se deuya de guardar a~a~ pessoa do caualei~ro. pola sa onrra. (Dos Costumes de Santarém / Século XIV in RODRIGUES, 1992)

(112) Se **alguu leygo** teue[r] p(es)tamo d(e) eygreya ou de moosteyro por en **sa** uida. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(113) Se **o padre** ou **a madre** ou **os yrmaos** ou **outros parentes** teuere~ en seu poder manceba escosa en cabellos e no~na casare~ ata #XXV anos, [e] ella d(e)poys se casar sen mandado **delles**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

### c) NP possuidor: não-pessoa

(114) T(itulo) das **leys** e dos **seus** stab(e)liceme~tos As leys ama~ e desyna~ as cousas q(ue) so~ d(e) Deus e demanda~ e demonstra~ d(er)reyto e iustiça e o ordiame~to dos boos. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(115) [...]q(ue) eu Martin p(er)ez Dallheira en senbra co~ mha moler Amada m(ar)ti'j'z damos q(ua)nto h(er)dame~to auemos ou a au(er) deuemos na **uilla dallheira** (e) en **se** t(er)mos no couto de Pedroso. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(116) Era o q(ue) dezia Aaq(ue)llo q(ue) lhy assy dezia (e) demandaua o d(i)cto v(aasco) g(onça)ll(ve)z mi'ssa Autor E o d(i)cto Nicollao st(ev)ez disse q(ue) Ell tynha (e) possoia **as d(i)ctas cassas** (e) tynha as chaues **dellas** de Maa do P(ri)ol (e) comuento do Mom(steiro) de villarinho. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

## 2.7. Variáveis Independentes Externas

Incluímos na análise quantitativa realizada duas variáveis independentes externas: o século em que os textos analisados foram produzidos e o tipo textual em que eles se enquadram (texto notarial e texto não-notarial).

Para cada fator condicionador, serão apresentados também aqui 06 exemplos, dos quais 02 representam os possessivos tônicos, 02 os possessivos átonos e 02 a variante 'dele'.

### 2.7.1. Fator Tempo

#### a) Século XIII

(117) Procuração dada a Nuno, monge do mosteiro de Pedroso, por Domingos, Abade do mesmo mosteiro, para que represente o mosteiro de Pedroso na demanda contra Pedru Brãdum e **seus** filhos, os quais haviam feito mal e força em herdades do mosteiro. Feito no mosteiro de Pedroso. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(118) It(em) sobre-la dema~da deue auu(er) tercer di'a se o dema~dar o dem[a~]dado & sse o dema~dador o leyxar en **ssa** u(er)dade o dema~dado no~ deue a au(er) p(ra)zo. saluo sse pedi'r acordo. (Dos Costumes de Santarém / Século XIII in RODRIGUES, 1992)

(119) E o d(i)to A[ffon(so)] [...] disse q(ue) el em nom(e) do d(i)cto P(ri)ol (e) Conve~to q(ue) das d(i)ctas Casas era~ as mey'as do d(i)cto Mon(steiro) E

pedi'a q(ue) o d(i)to Joha~ de Me'rida l' desse a meyadade do Alq(ui)er, (e) a posse **dellas**. (Textos Notariais / S'culo XIII in MARTINS, 2000)

## b) S'culo XIV

(120) El rey de Navarra veeo pera cobrar a vila e, e~ vindo e quere~do, ma~dou e~trar **suas** ge~tes, sem ele o querer fazer. (Cr'nica Geral de Espanha de 1344 / S'culo XIV in CINTRA, 1951)

(121) E se algue~ (contra) esto quis(er) ui'j'r peyte ao dito Moesteiro ou a que~ **sa** uoz der q(ui)n(en)tos. s(oldos). (Textos Notariais / S'culo XIV in MARTINS, 1994)

(122) E dize~ que ouvero~ começo quando se a terra guaanhou aos mouros, que os home~es começava~ de povorar a terra e fazer algu~us lugares cha~aos, dos quaaes el rey no~ curava seno~ da justiça. E os moradores **deles** dava~sse a que~ lhes mays aprazia, no~ querendo entrar sob perpetua servydo~oe. (Cr'nica Geral de Espanha de 1344 / S'culo XIV in CINTRA, 1951)

## 2.7.2. Tipo de Texto

### a) Textos notariais

(123) A uos a di'ta diuida' (e) com çinq(uo) s(ol)d(o)s cada di'a de pea p(er) todos uosos Be~es Auudos e por Au(er). e Acabado o te~po en q(ue) uos



Auedes A te'e'r a dita vi~nha e pumar todas di(c)tas cousas se deue~ A uolu(er) Ao di'to M(osteiro) contados **seus** melhoram(en)tos e Ac(re)çentam(en)tos sen co~te~da nenhu~a. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(124) Co~ue~to de ssuso d(i)to uim(os). e' e'nte~dem(os). e ssoubem(os) por u(er)dade. q(ue) esse nosso P(ri)or deu a nos esse Casal e' e'sse h(er)dame~to cu~ ssas p(er)te'e'~nças e cu~ todos **sse** d(er)eytos. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(125) [...] e q(ue)ren (e) pode~ ente~dejs como o der(ei)to encom[...] Caualej'ro ne~ out(ro) home~ no~ defenda' a E(j)g(re)ia ne~ as h(er)dades dessa E(j)g(re)ia ne~ os Testados **dela'**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

## b) Textos não-notariais

(126) Dhy a pouco tempo que el rey de França foy preso, foy solto e leyxou **seus** filhos em arrefe~es e foy entregue o duquado de Guyana a el rey d' Yngraterra. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

(127) E sse **el rey** non quer faz(er) digou ante dous ou ante #III d(e) **sa** casa e de **ssa** corte. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(128) E foyssse pera Sevyilha. E dhy partyo co~ quareenta e hu~a galees e oyte~eta naaos e hu~a galyota. Destas era~ dez del rey do~ Pedro de

Portugal e hu~a galyota e oyto de mouros que envyara el rey Maffamede de Graada. El rey foy sobre a vyla de Guardamar e tomoua e o castelo **dela**. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

Apresentadas as ocorrências que exemplificam cada fator, discutiremos, no próximo capítulo, os resultados quantitativos.

## 2.8. Conclusões

Este capítulo apresentou os critérios que subsidiaram a análise quantitativa realizada neste trabalho. Realizamos, a princípio, uma caracterização dos *corpora* utilizados tanto no século XIII como no século XIV, demonstrando a importância de se analisarem textos notariais. A seguir, definimos os contextos variáveis e não-variáveis.

Como vimos, o português contemporâneo e o português arcaico apresentam uma diferença pontual em relação à interpretação semântica dos possessivos: diferentemente do português contemporâneo, no português arcaico o item 'dele' também pode assumir uma interpretação delimitadora mesmo quando o nome, seguido por 'dele', não é precedido por artigo definido.

Em nossa análise, consideramos, portanto, como contextos variáveis aqueles que fomentam uma interpretação delimitadora para a forma possessiva e como contextos não-variáveis os que levam a uma interpretação predicativa. A

partir da definição dos contextos variáveis, chegamos a três variantes a serem analisadas quantitativamente: as formas átonas do possessivo 'seu' na posição pré-nominal, as formas tônicas do possessivo 'seu' também na posição pré-nominal e o possessivo 'dele' antecedido ou não por artigo definido, com uma interpretação também delimitadora.

Posteriormente, apresentamos uma breve análise da origem de cada uma das variantes, levantando questões que serão retomadas nos próximos capítulos. Conforme vimos, as formas 'suus, sua, suum' eram empregadas se o possuidor fosse o próprio sujeito da oração. Caso contrário, eram usados os demonstrativos 'eius, eorum, earum'. Essa questão será retomada nos capítulos III e IV, já que apontaremos a existência de um paralelo entre as variantes do latim e as do português arcaico.

Com base na delimitação das variantes sob análise, definimos as variáveis dependentes e independentes a serem submetidas ao programa GOLDVARB/VARBRUL 2001. Com o objetivo de validar a escolha de cada um dos fatores condicionadores selecionados para a pesquisa, apresentamos, ainda, ocorrências nas quais foi demonstrada a atuação de cada variável independente em particular. A partir da apresentação dos critérios utilizados em nossa análise, discutiremos, no próximo capítulo, os resultados obtidos.

## **CAPÍTULO III**

### **ANÁLISE DOS DADOS**

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da análise quantitativa da das variantes analisadas nos séculos XIII e XIV. Conforme apontado no capítulo anterior, todas as ocorrências das formas em variação foram submetidas ao programa estatístico para computadores GOLDVARB/VARBRUL 2001.

Vejamos, inicialmente, os resultados da rodada em que se quantificaram globalmente as ocorrências dos itens 'seu' e 'dele'.

#### **3.1. A Variável Possessivo 'Seu' x Possessivo 'Dele'**

O programa selecionou como relevantes cinco variáveis independentes na seguinte ordem de prioridade: a) NP possuidor [+/- humano]; b) presença/ausência de artigo definido no DP possessivo; c) antecedente sujeito/não-sujeito; d) número do NP possuidor; e) NP possuidor [+/- concreto].

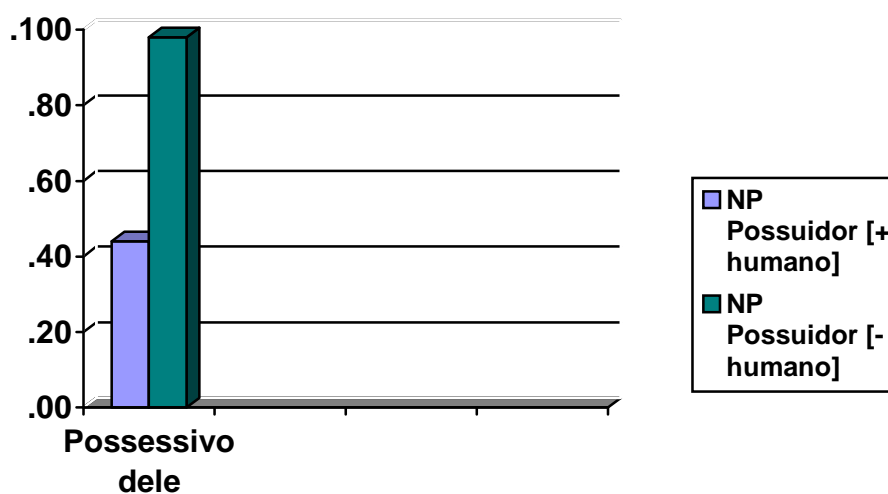
### 3.1.1. Os Grupos de Fatores Seleccionados pelo Varbrul

#### 3.1.1.1. NP Possuidor [+/- Humano]

Tabela 12 – Aplicação da variante 'dele' quanto à variável NP possuidor [+/- humano]

	N.º	%	PR
<b>NP possuidor [+ humano]</b>	20/2293	1%	.44
<b>NP possuidor [- humano]</b>	44/138	32%	.98

Gráfico 1 – Aplicação da variante 'dele' quanto à variável NP possuidor [+/- humano]



Os resultados mostram que o traço [+ humano] favorece a ocorrência do possessivo 'seu'. Por outro lado, há o favorecimento da variante 'dele' com um NP possuidor [- humano], já que 44 das 64 ocorrências ocorrem com esse traço. Esse resultado revela que a entrada da variante 'dele' no sistema se deu nos contextos [-humano] em que a outra variante era levemente desfavorecida:

(129) Caualej'ro ne~ out(ro) home~ no~ defendá a E<sup>j</sup>(re)ia ne~ as h(er)dades **dessa E<sup>j</sup>(re)ia** ne~ os Testados **dela'**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(130) Testamento de **Orracha Rodericj**, feito na presença de **seu** marido Marti~ Gil e de outros homens bons. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

Conclui-se que o traço semântico do NP possuidor constitui um fator relevante na escolha entre as variantes. Vejamos agora o cruzamento entre o traço [+/-humano] do NP possuidor e o fator tempo.

Tabela 13 – Cruzamento do fator NP possuidor [+/- humano] com o fator tempo na aplicação da variante 'dele'

	NP possuidor [+ humano]		NP possuidor [- humano]		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Século XIII	16/1281	1%	17/72	24%	33/1353	2%
Século XIV	4/1012	1%	27/66	41%	31/1078	3%
Total	20/2293	1%	44/138	32%	64/2431	2.6%

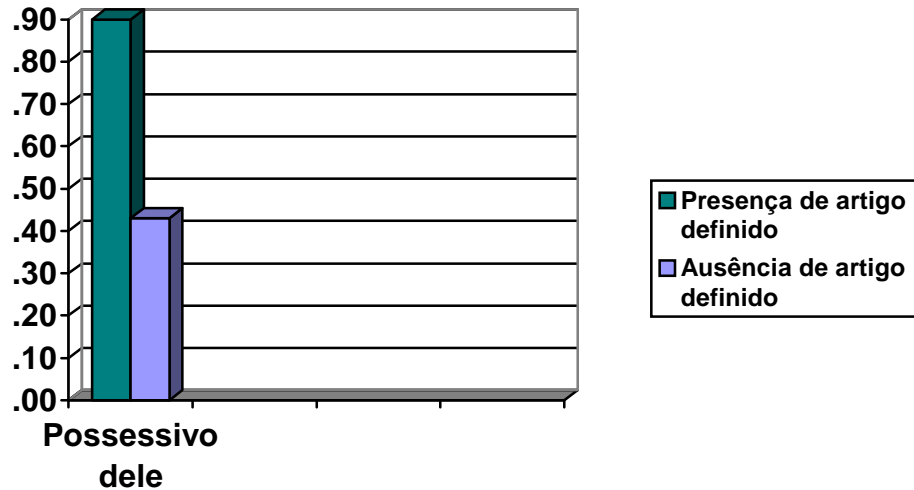
Os resultados acima confirmam que, tanto no século XIII como no XIV, a variante 'dele' é favorecida por contextos em que o NP possuidor é [- humano]. Há um dado interessante nesses resultados: ocorre uma queda bastante acentuada no número de ocorrências do possessivo 'dele' com NP possuidor [+ humano] do século XIII para o século XIV. Essa queda é acompanhada por um considerável aumento na frequência desse item com NPs possuidores [- humanos], já que, de um percentual de 24% no século XIII, a variante 'dele' passa a um percentual de 41% no século XIV.

### 3.1.1.2. Presença/Ausência de Artigo Definido no DP Possessivo

Tabela 14 – Aplicação da variante 'dele' quanto à presença de artigo definido no DP possessivo

	N.º	%	PR
<b>Presença de artigo definido</b>	33/268	13%	.90
<b>Ausência de artigo definido</b>	31/2163	2%	.43

Gráfico 2 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à presença de artigo definido no DP possessivo



Os resultados acima mostram que a presença do artigo definido favorece a frequência de uso de ‘dele’.

O favorecimento de ‘dele’ quando o artigo está presente nos remete ao contraste apresentado no capítulo I, quando, com base nos dados do português atual, hipotetizamos que a diferença entre artigo definido e artigo indefinido seria crucial para determinar a interpretação semântica do item ‘dele’, se delimitador ou predicativo.

Os dados do português arcaico, diferentemente do português contemporâneo, revelam, entretanto, que o possessivo ‘dele’ pode assumir uma leitura específica mesmo em contextos em que não há a presença de artigo definido. Vejamos o par (131)-(132):



(131) El rey foy sobre a vyla de Guardamar e tomoua e **o castelo dela**.  
(Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

(132) [...] foyse el rey pera a vila de Santo Andre, que he e~ Bizcaya, e fez  
armar quare~eta naaos. E era **capita~ dellas** Ruy Diaz de Roxas. (Crónica  
Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

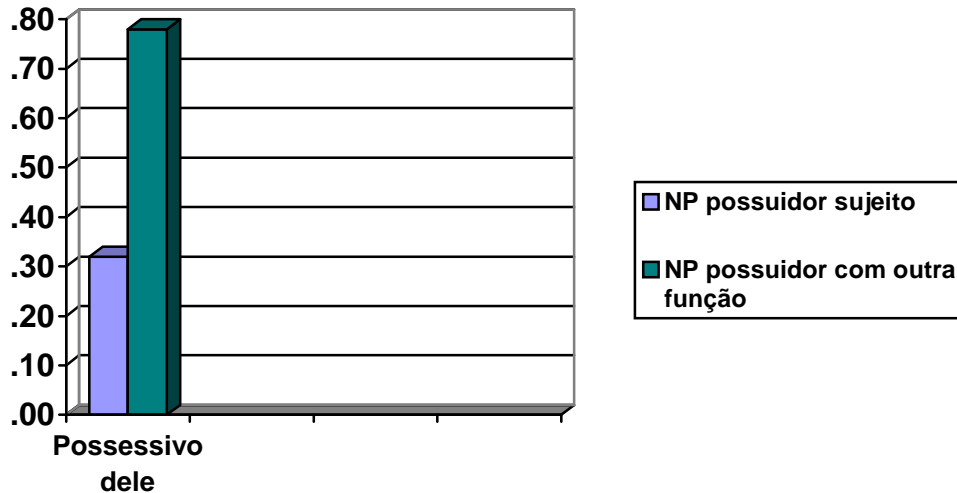
Em (131), vemos que a referência é explícita, visto que o item ‘dela’ se refere claramente ao referente ‘vyla de Guardamar’. Em (132), o item ‘deles’, que ocorre após um nome sem artigo, também apresenta uma leitura delimitadora, uma vez que se refere ao NP possuidor ‘quare~eta naaos’.

### 3.1.1.3. NP Possuidor: Sujeito / Não-sujeito

Tabela 15 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor

	N.º	%	PR
<b>NP possuidor sujeito</b>	8/1510	1%	.32
<b>NP possuidor com outra função</b>	56/921	7%	.78

Gráfico 3 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor



Como se pode observar, a função desempenhada pelo antecedente é quantitativamente significativa, já que as variantes átonas e tônicas do possessivo ‘seu’ são favorecidas por um antecedente que desempenhe a função de sujeito, ao passo que o possessivo ‘dele’ é favorecido por um antecedente que exerça outra função. Os resultados mostram, nesse sentido, que 56 das 64 ocorrências da variante ‘dele’ ocorrem com um NP possuidor não-sujeito.

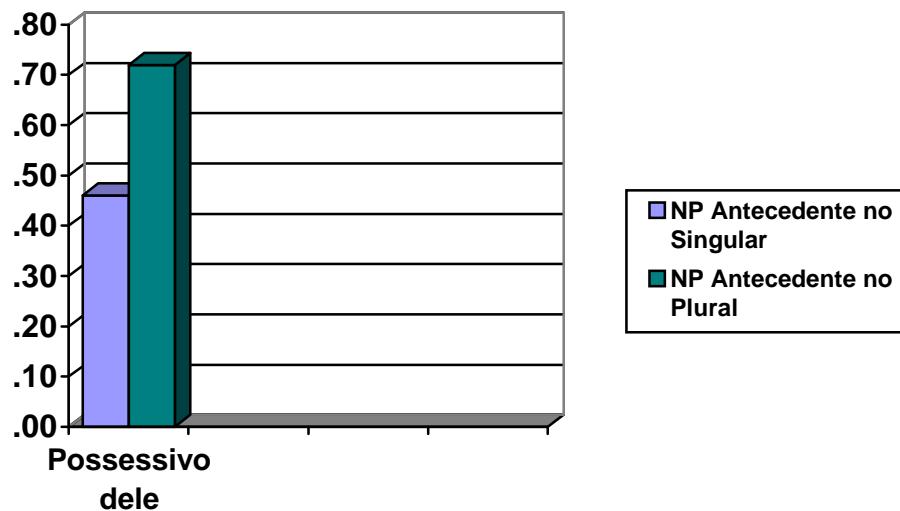
Há aqui, conforme já apontado no capítulo II, uma correlação com a expressão de posse no latim: as formas átonas e tônicas do possessivo ‘seu’, assemelhando-se aos possessivos latinos ‘suus, sua, suum’, são favorecidas por um NP possuidor sujeito. Já a variante ‘dele’, assim como os pronomes latinos ‘eius, eorum e earum’, é favorecida por contextos que apresentem NP possuidor não-sujeito.

### 3.1.1.4. Número do NP Possuidor

Tabela 16 – Aplicação da variante 'dele' quanto à variável número do NP possuidor

	N.º	%	PR
<b>NP possuidor no singular</b>	36/2111	2%	.46
<b>NP possuidor no plural</b>	28/320	9%	.72

Gráfico 4 – Aplicação da variante 'dele' quanto à variável número do NP possuidor



Os pesos relativos acima confirmam que o fator número do NP possuidor é quantitativamente significativo. Os resultados indicam que ocorre o favorecimento do possessivo 'seu' com um NPs possuidores no singular. Já a variante 'dele' é levemente favorecida por NPs possuidores no plural, visto que, das 64 ocorrências desse item encontradas em todo o *corpus*, 36 ocorrem com NPs possuidores no plural.

Conforme discutido no capítulo I, Silva (1982) atribui o uso da variante 'dele' à ambigüidade apresentada pelo possessivo 'seu' em determinados contextos. Todos os fatores condicionadores analisados pela autora visam, desse modo, a confirmar se, na variação entre 'seu' e 'dele', estariam envolvidos principalmente fatores que têm por finalidade minimizar a ambigüidade.

Na análise da variável possessivo 'seu' x possessivo 'dele', encontramos o favorecimento da variante 'dele' com NPs possuidores no plural. Nesse caso, há um aspecto que chama a atenção: o possessivo 'dele' é favorecido principalmente por NPs possuidores no plural que possam gerar ambigüidade. Vejamos os exemplos a seguir:

(133) [...] ne~ dema~den a elas mais q(ue) aq(ue)las cousas q(ue) son de sseu derejto. gua´a´nhado ne~ seu au(er); e semelhauilm(en)t(e) das pesso~as e dos Co´o´nigos das Ejj(re)ias da se´e´ e dos homees **deles**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(134) [...] q(ue) no~ son erdados em be~es de seu||s|| padres assi como ffilho||s||/?/ li´j´dimos. despe~dero~. ou filharo~. ou poboaro~ ou´ danarodos Mo(esteiro)s e das Ejj(re)ias. ou dos hom(en)s **deles** e das herdades **delas**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

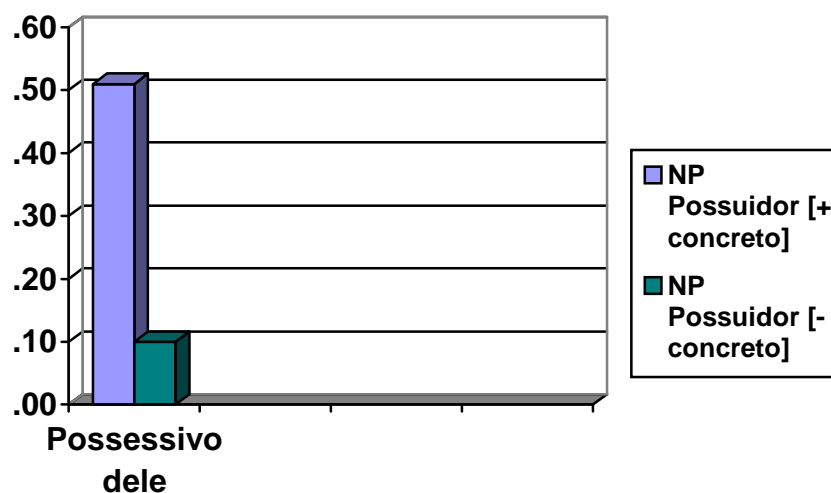
Em (133), a forma ‘deles’ é usada com a intenção de se referir a ‘Co ó nigos’, e não a ‘pesso~as’ ou a ‘Ejg(re)ias’. O mesmo ocorre em (134), já que os possessivos ‘deles’ e ‘delas’, ao concordarem com possuidor em gênero e número, indicam que se trata, respectivamente, dos ‘hom(en)s dos *Mo(esteiro)s*’ e das ‘herdades das *Ejg(re)ias*’, evitando a ocorrência de uma possível ambigüidade.

### 3.1.1.5. NP Possuidor [+/- Concreto]

Tabela 17 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável NP possuidor [+/- concreto]

	N.º	%	PR
<b>NP possuidor [+ concreto]</b>	61/2390	3%	.51
<b>NP possuidor [- concreto]</b>	3/41	8%	.10

Gráfico 5 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável NP possuidor [+/- concreto]



Os resultados mostram que a variável independente NP possuidor [+/- concreto] também condiciona o emprego das variantes analisadas. O possessivo ‘seu’ é favorecido por contextos que apresentem NPs possuidores [- concretos], ao passo que a variante ‘dele’ ocorre primordialmente com NPs possuidores [+ concretos]. Esse favorecimento da variante ‘dele’ com NPs possuidores [+ concretos] é bastante nítido, uma vez que apenas 3 ocorrências desse item ocorrem com NPs possuidores [- concretos].

### 3.2. As Variantes Átonas x Tônicas do Possessivo ‘Seu’

Conforme vimos no capítulo I, o possessivo ‘seu’ apresenta formas átonas e tônicas. Nesta seção, vamos tomar como variantes os dois tipos de formas, de modo a explicitar seus condicionamentos.

O programa selecionou como relevantes cinco variáveis independentes na seguinte ordem de prioridade: a) tipo de texto; b) NP possuidor [+/- específico]; c) fator tempo; d) antecedente sujeito ou não; e) status do NP possuidor.

Antes, porém, de passar aos resultados quantitativos, é necessário explicitar uma questão importante em relação às variantes em análise aqui. Trata-se da distribuição. As variantes átonas e tônicas do possessivo ‘seu’ ocorrem primordialmente na posição pré-nominal, já que há apenas 02 ocorrências das formas átonas de ‘seu’ e 02 ocorrências das formas tônicas de ‘seu’ em posição pós-nominal. Repetiremos abaixo as 04 ocorrências já apresentadas no capítulo II:

(135) [...] q(ue) uija~ muytos danos e muytos maees aos omees e aos pobres e a todo o poboo, pedi~donos mercee q(ue) lhys enmendassemos os **usus se** que achassemos que era~ sen dereyto. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(136) [...] e recebeu morte na uera [cruz] e d(e)mentre q(ue) a carne foy morta, a alma d(e)lhe dece~deo aos infernos e sacou end(e) os s(an)ctos e os **fiees se**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(137) E outrosy teem(os) por ben que todos os bispos e outra clerizya q(ue) den dereytam(ent)e os dizimos d(e) todos seus bees e de tod(os) seus

h(er)damentos que an q(ue) no~ su~ das **eyg(re)yas suas**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(138) E se o sabia e casou cu~ el, tomeo seu senhor cu~ todos os filhos e cu~ todo o **au(er) seu** & elha. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

Tabela 18 – Frequência das variantes de ‘seu’ conforme sua posição em relação ao núcleo nominal

Posições	Formas átonas		Formas tônicas	
	N.º	%	N.º	%
Pré-nominal	815	99.8%	1552	99.9%
Pós-nominal	2	0.2%	2	0.1%
Total	817		1554	

A razão para essa distribuição é uma restrição de natureza gramatical, que será discutida no próximo capítulo. Por enquanto, vamos apenas chamar a atenção para a ordem. A seguir, serão apresentados os resultados obtidos para a variável dependente analisada.



### 3.2.1. Os Grupos de Fatores Seleccionados pelo Varbrul

#### 3.2.1.1. Tipo de Texto

Tabela 19 – Aplicação das variantes átonas do possessivo 'seu' quanto à variável tipo de texto

	N.º	%	PR
<b>Texto notarial</b>	323/761	42%	.75
<b>Texto não-notarial</b>	492/1606	31%	.38

Gráfico 6 – Aplicação das variantes átonas do possessivo 'seu' quanto à variável tipo de texto



Os pesos relativos discriminados acima confirmam que o fator tipo de texto é quantitativamente significativo. Nesse sentido, os resultados apontam para um leve favorecimento dos possessivos átonos em textos notariais.

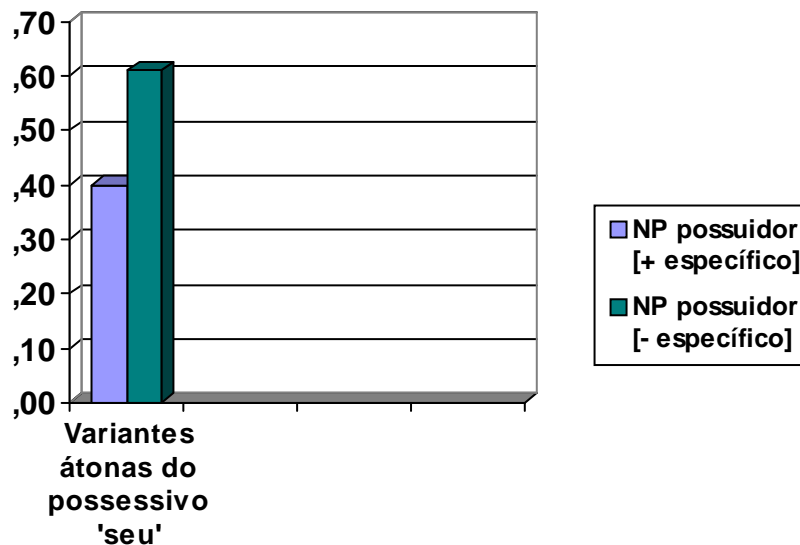
Conforme já discutido no capítulo II, os documentos notariais seriam mais próximos do vernáculo que caracterizava o português medieval (cf. MARTINS, 1994; PENNA, 2002). Isso leva a crer que as formas átonas apresentariam um uso corrente na língua falada.

### 3.2.1.2. NP Possuidor [+/- Específico]

Tabela 20 – Aplicação das variantes átonas do possessivo ‘seu’ quanto à variável NP possuidor [+/- específico]

	N.º	%	PR
<b>NP possuidor [+ específico]</b>	358/1256	29%	.40
<b>NP possuidor [- específico]</b>	457/1111	41%	.61

Gráfico 7 – Aplicação das variantes átonas do possessivo 'seu' quanto à variável NP possuidor [+/- específico]



Como se pode observar, o traço [+/- específico] do NP possuidor é quantitativamente significativo, já que as formas tônicas do possessivo 'seu' são favorecidas pelo traço [+ específico], ao passo que as variantes átonas pelo traço [- específico].

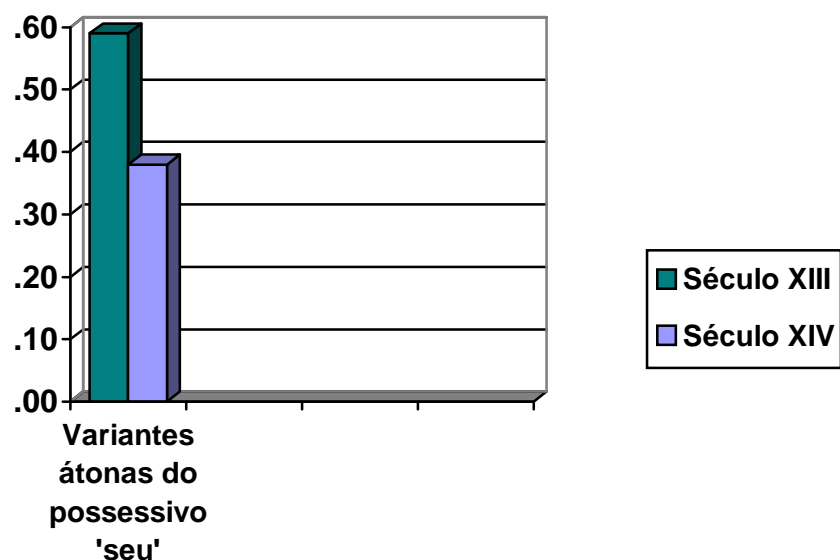
Se tivermos em conta o caráter delimitador do pronome átono, que funciona como um artigo (ver capítulo IV), poderemos traçar um paralelo entre o uso de 'seu' contemporâneo e o uso dos possessivos átonos: ambos são favorecidos pelo traço [-específico] do NP possuidor.

### 3.2.1.3. Fator Tempo

Tabela 21 – Aplicação das variantes átonas do possessivo 'seu' quanto à variável tempo

	N.º	%	PR
<b>Século XIII</b>	576/1320	44%	.59
<b>Século XIV</b>	239/1047	23%	.38

Gráfico 8 – Aplicação das variantes átonas do possessivo 'seu' quanto à variável tempo



Os resultados apresentados acima demonstram que o fator tempo condiciona a distribuição das variantes, já que constatamos que, do século XIII para o século XIV, ocorre uma queda bastante acentuada dos possessivos átonos. Com a intenção de verificar o perfil dessa queda, fizemos um levantamento dos possessivos de terceira pessoa também no século XV<sup>17</sup>.

Para que fosse mantida uma uniformidade em relação aos dados dos séculos XIII e XIV, os textos analisados para o século XV também totalizam 100.000 palavras. Abaixo estão discriminados os *corpora* selecionados:

Quadro 6 – *Corpora* analisados em relação ao século XV

Século XV	Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela – sd (PIEL, 1944)
	Castelo Perigoso – sd (NETO, 1997)
	Orto do Esposo – sd (MALER, 1956)
	Crónica do Conde D. Pedro de Meneses – sd (BROCARD, 1994)

Apresentamos, a seguir, a frequência de uso das variantes em cada um dos três séculos:

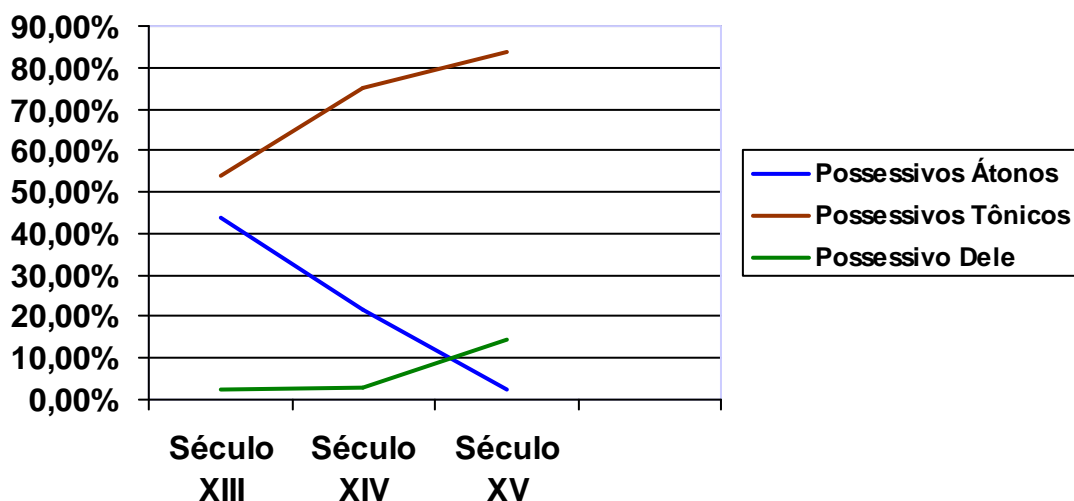
<sup>17</sup> Vale ressaltar aqui que não analisamos os dados do século XV quantitativamente porque, como vimos no capítulo I, o trabalho de Silva (1982) já o faz ao tratar do período compreendido entre os séculos XV e XX. Portanto, apresentaremos os resultados obtidos para o século XV com a finalidade de validar a proposta discutida no próximo capítulo.

Tabela 22 – Frequência das variantes nos três séculos

	Variantes átonas de 'seu'		Variantes tônicas de 'seu'		Variante 'dele'	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Século XIII	576/1339	43%	730/1339	54.6%	33/1339	2.4%
Século XIV	239/1092	21.9%	822/1092	75.3%	31/1092	2.8%
Século XV	42/1952	2.2%	1632/1952	83.6%	278/1952	14.2%
Total	857/4383	19.6%	3184/4383	72.6%	342/4383	7.8%

Vemos, na tabela acima, que a queda dos possessivos átonos se mantém bastante acentuada do século XIV para o século XV. Por outro lado, as formas tônicas apresentaram um aumento muito expressivo em sua frequência de uso. Esses perfis aparecem no gráfico abaixo, no qual, para efeito de comparação, também inserimos o perfil de frequência da variante 'dele':

Gráfico 9 – Distribuição dos possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII, XIV e XV



No caso das variantes tônicas de 'seu', observamos um aumento significativo em sua freqüência de um século para o outro. Já em relação à forma 'dele', constatamos que, do século XIII para o século XIV, houve um pequeno aumento em seu uso. Essa tendência, por sua vez, se confirmou do século XIV para o século XV, já que ocorreu uma ascensão expressiva no emprego desta variante. Neste gráfico, ainda chama a atenção a semelhança na taxa de aumento de 'dele' e formas tônicas de 'seu', a partir de meados do século XIV.

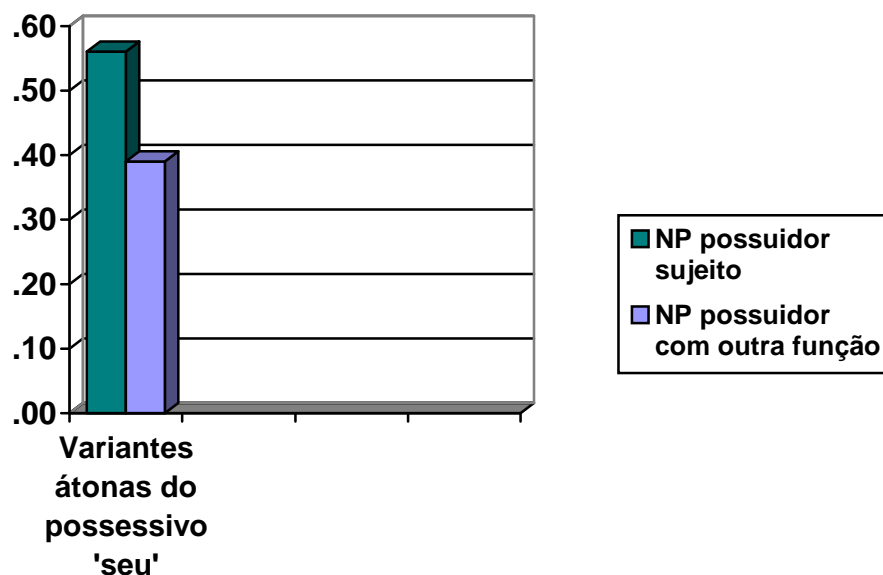
No capítulo IV, realizaremos uma análise formal das variantes com a intenção de explicar a queda na freqüência das formas átonas.

### 3.2.1.4. NP Possuidor: Sujeito / Não-sujeito

Tabela 23 – Aplicação das variantes átonas do possessivo 'seu' quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor

	N.º	%	PR
<b>NP possuidor sujeito</b>	555/1502	37%	.56
<b>NP possuidor com outra função</b>	260/865	31%	.39

Gráfico 10 – Aplicação das variantes átonas do possessivo 'seu' quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor



Conforme mostrado na tabela acima, a função desempenhada pelo antecedente é quantitativamente significativa também em relação a esta variável dependente, visto que as variantes átonas do possessivo 'seu' são levemente favorecidas por NPs possuidores que exerçam a função de sujeito.

O fato de o programa ter selecionado esse fator nos permite estabelecer novamente uma conexão entre os séculos XIII-XIV e o latim clássico. Conforme vimos no capítulo II, a posição do possuidor era um fator determinante na escolha do possessivo 'suus, sua, suum' (se o NP possuidor ocupasse a posição de sujeito) ou na escolha de 'eius, eorum, earum' (se o NP possuidor não ocupasse a posição sujeito). Essa distinção teria sido obscurecida no latim vulgar (cf.



Väänänen, 1968), já que 'suus, sua, suum' passaram a se referir também a antecedentes que não ocupavam a posição de sujeito.

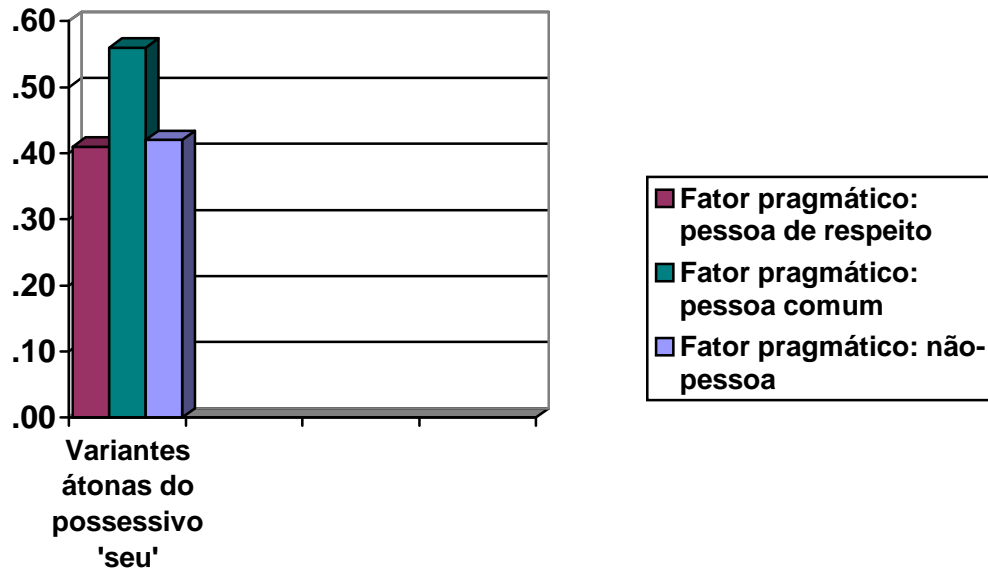
Conclui-se, portanto, que o uso variável das formas átonas e tônicas do possessivo 'seu' com NPs possuidores na posição de sujeito ou em outra posição seria uma decorrência da perda de reflexividade dos possessivos 'suus, sua, suum' ainda no latim vulgar.

### 3.2.1.5. Fator Pragmático: Status do NP possuidor

Tabela 24 – Aplicação das variantes átonas do possessivo 'seu' quanto à variável *status* do NP possuidor

	N.º	%	PR
<b>Pessoa de respeito</b>	204/880	24%	.41
<b>Pessoa comum</b>	557/1323	43%	.56
<b>Não-pessoa</b>	54/164	33%	.42

Gráfico 11 – Aplicação das variantes átonas do possessivo 'seu' quanto à variável *status* do NP possuidor



Os pesos relativos apresentados acima indicam que as variantes átonas do possessivo 'seu' são levemente favorecidas por um NP possuidor representado por pessoa comum. Já em relação às variantes tônicas, há um certo equilíbrio em sua frequência de uso com NPs possuidores representados por pessoas de respeito ou por não-pessoa.

### 3.3. Possessivo ‘Dele’ x Variantes Átonas do Possessivo ‘Seu’

O programa selecionou como relevantes quatro variáveis independentes na seguinte ordem de prioridade: a) NP possuidor [+/- humano]; b) presença ou não de artigo definido no DP possessivo; c) antecedente sujeito ou não; d) tipo de texto. A seguir, serão apresentados os resultados obtidos para esses fatores.

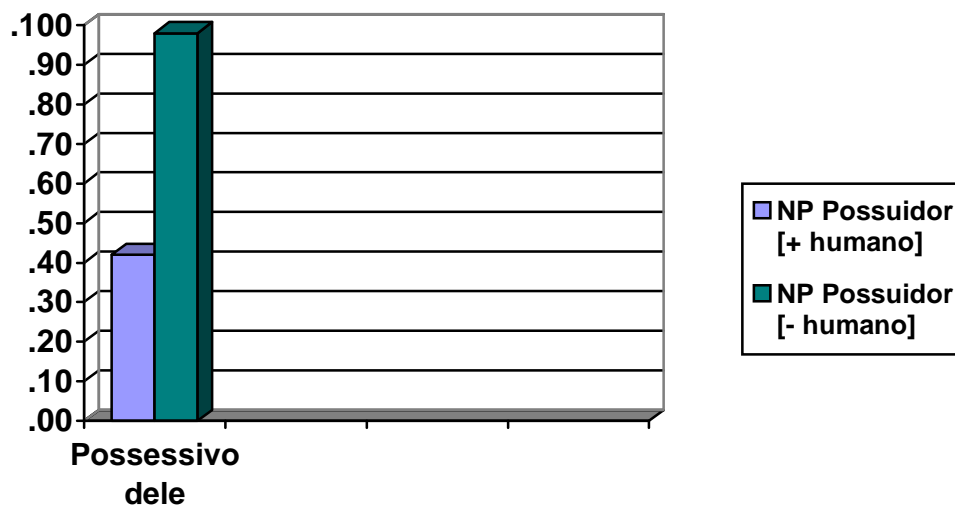
#### 3.3.1. Os Grupos de Fatores Selecionados pelo Varbrul

##### 3.3.1.1. NP Possuidor: [+/- Humano]

Tabela 25 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável NP possuidor [+/- humano]

	N.º	%	PR
<b>NP possuidor [+ humano]</b>	20/810	3%	.42
<b>NP possuidor [- humano]</b>	44/69	64%	.98

Gráfico 12 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável NP possuidor [+/- humano]



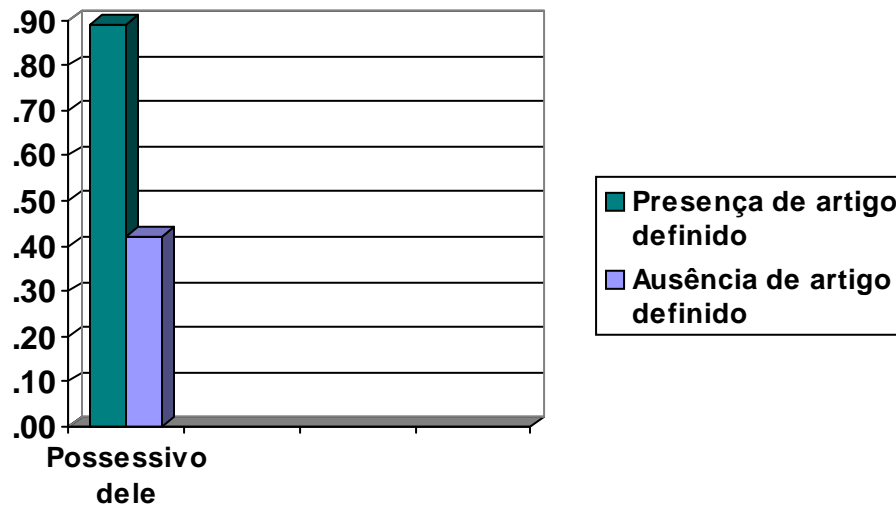
Os resultados acima mostram que o fator NP possuidor [+/- humano] é quantitativamente significativo. Nesse caso, verificamos que o traço [+ humano] favorece a ocorrência das variantes átonas do possessivo ‘seu’. Por outro lado, há o favorecimento da variante ‘dele’ com um NP possuidor [- humano], já que 44 das 64 ocorrências apresentam esse traço. Conclui-se, desse modo, que a entrada de ‘dele’ no sistema ocorreu em contextos em que o possuidor é [-humano] e que as formas átonas apresentaram a mesma distribuição das formas átonas e tônicas, tomadas globalmente (cf. primeira rodada).

### 3.3.1.2. Presença/Ausência de Artigo Definido no DP Possessivo

Tabela 26 – Aplicação da variante 'dele' quanto à variável presença ou não de artigo definido no DP possessivo

	N.º	%	PR
<b>Presença de artigo</b>	33/115	28%	.89
<b>Ausência de artigo</b>	31/764	4%	.42

Gráfico 13 – Aplicação da variante 'dele' quanto à variável presença ou não de artigo definido no DP possessivo



Os resultados apresentados acima mostram que os possessivos átonos são favorecidos pela ausência de artigo no DP possessivo. Tal resultado evidencia uma clara competição entre a tonicidade do possessivo e a presença do artigo. Sem artigo definido, os possessivos são preferencialmente átonos.

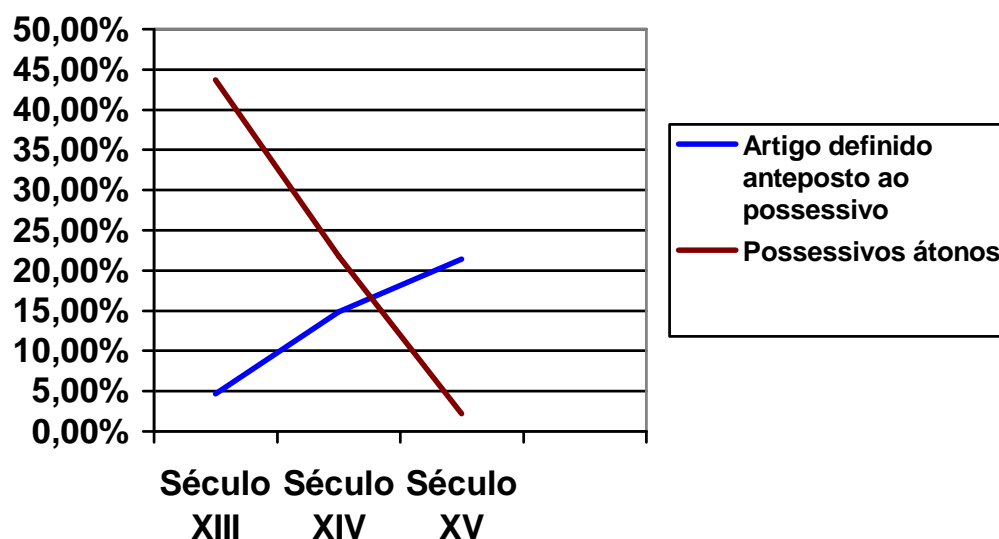
Esse resultado leva a supor que os possessivos e os artigos competem pela mesma posição gramatical. Por essa razão, a presença do artigo definido iria desfavorecer a presença do possessivo átono.

Assim sendo, a posição que é objeto de competição é o núcleo da categoria funcional D (ver capítulo IV). Desse modo, torna-se clara a razão pela qual o possessivo pré-verbal tem caráter delimitador.

Também aqui apresentamos os resultados obtidos para o século XV. Conforme vimos anteriormente, as variantes átonas de 'seu' apresentaram um descréscimo bastante significativo do século XIII ao século XV.

O gráfico a seguir mostra que essa queda foi acompanhada por um aumento na frequência de uso do artigo definido anteposto à forma possessiva:

Gráfico 14 – A correlação entre o número total de possessivos átonos e o aumento na freqüência do artigo definido antes de possessivo



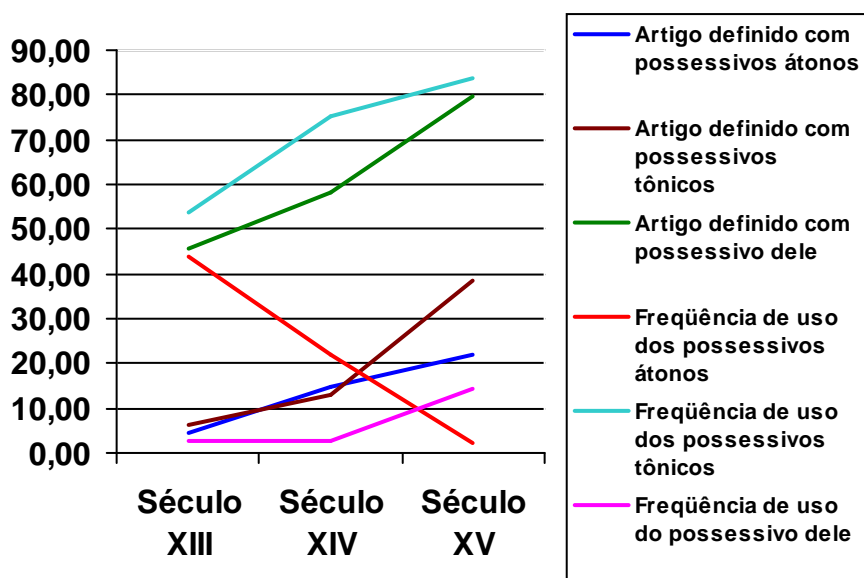
A tabela a seguir, com dados também do século XV, mostra que o uso do artigo definido era nitidamente favorecido com as formas tônicas, já que não havia competição pela posição de núcleo da categoria D nesse caso:

Tabela 27 – Freqüência das variantes antecedidas por artigo definido

	Variantes átonas de 'seu'		Variantes tônicas de 'seu'		Variante 'dele'	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Século XIII	28/593	4.7%	46/730	6.3%	15/33	45.5%
Século XIV	35/235	14.9%	105/814	12.9%	18/31	58.1%
Século XV	9/42	21.4%	626/1632	38.4%	221/278	79.5%
Total	72/870	8.3%	777/3176	24.5%	254/342	74.3%

O gráfico abaixo, com dados do século XIII ao século XV, sintetiza nossos resultados até aqui:

Gráfico 15 – A correlação entre o aumento na freqüência do artigo definido, a queda dos possessivos átonos e o aumento na freqüência das formas tônicas



Essa competição entre as formas átonas e os artigos definidos pela posição de núcleo da categoria funcional D indica que houve uma queda significativa na freqüência dos possessivos átonos em decorrência do uso do artigo, já que o número de ocorrências das variantes átonas de 'seu' diminui muito de um século para o outro.

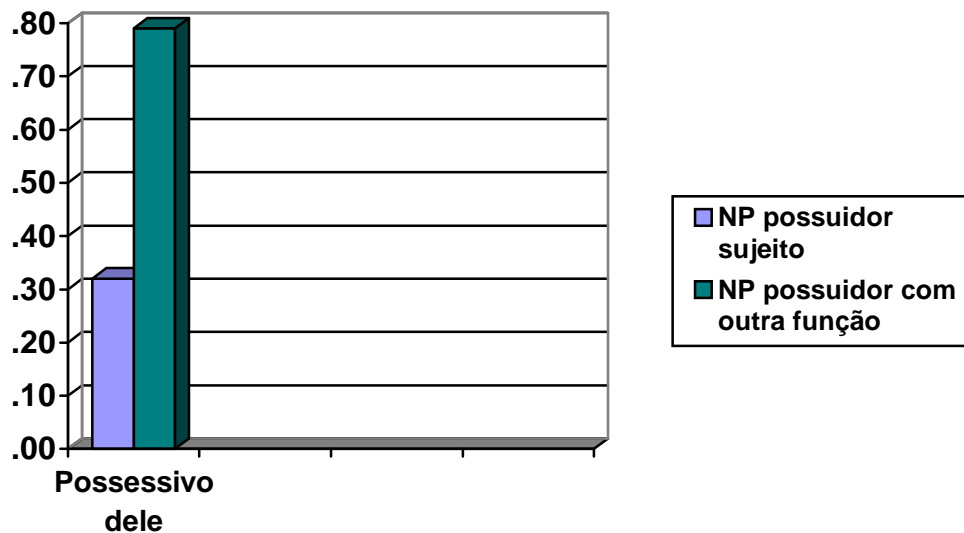


### 3.3.1.3. NP Possuidor: Sujeito / Não-sujeito

Tabela 28 – Aplicação da variante 'dele' quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor

	N.º	%	PR
<b>NP possuidor sujeito</b>	8/563	2%	.32
<b>NP possuidor com outra função</b>	56/316	17%	.79

Gráfico 16 – Aplicação da variante 'dele' quanto à variável função desempenhada pelo NP possuidor



Os resultados acima indicam que a função desempenhada pelo NP possuidor é quantitativamente significativa: enquanto os possessivos átonos são favorecidos por um NP possuidor que desempenhe a função de sujeito, a variante ‘dele’ é favorecida por um NP possuidor que exerça outra função. Os resultados demonstram, nesse caso, que 56 das 64 ocorrências da variante ‘dele’ ocorrem com um NP possuidor que apresente outra função.

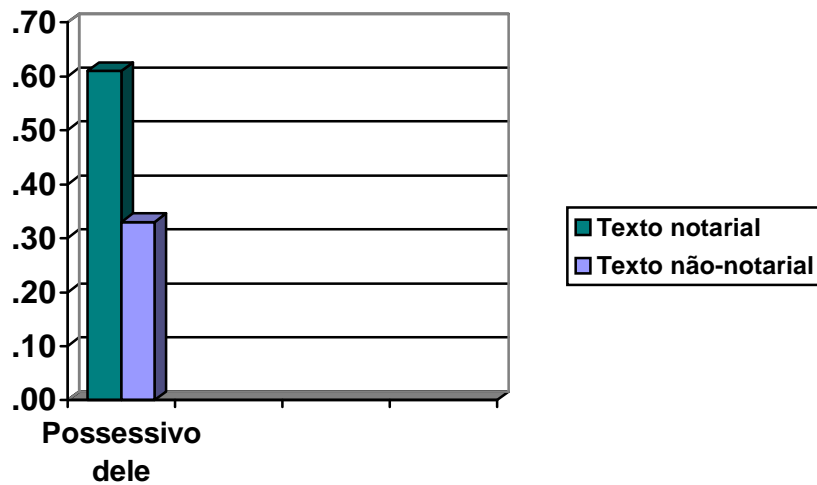
Aqui, uma curiosa correlação se revela novamente. Um paralelo com o latim clássico pode ser estabelecido, conforme já apontamos. A perda da reflexividade de ‘suus, sua, suum’, ainda no latim vulgar, seria a responsável pela dificuldade de compreensão da forma ‘seu’, quando há dois ou mais eventuais possuidores, e pelo conseqüente uso da variante ‘dele’ (cf. Silva, 1982:159).

#### 3.3.1.4. Tipo de Texto

Tabela 29 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável tipo de texto

	N.º	%	PR
<b>Texto notarial</b>	31/354	9%	.61
<b>Texto não-notarial</b>	33/525	6%	.33

Gráfico 17 – Aplicação da variante ‘dele’ quanto à variável tipo de texto



Os pesos relativos acima mostram que o fator tipo de texto é quantitativamente relevante, já que a variante ‘dele’ seria levemente favorecida em textos notarias.

Parece que esse resultado está reforçando outro fator, o fator [+/- humano]. Veja-se que nos textos notariais é que há mais objetos. E, se o uso de ‘dele’ é favorecido pelo traço [- humano], seu favorecimento em textos notariais torna-se esperado.

### 3.4. Conclusões

Nossos resultados quantitativos permitiram identificar correlações muito curiosas e interessantes. Pudemos identificar uma competição entre a realização de artigo e a presença de possessivos átonos, o que parece indicar um encaixamento na mudança em estudo aqui. Outro resultado interessante é que a ausência de artigo definido no DP possessivo é capaz de tornar ambíguo o NP que contém o possessivo 'dele'.

Além disso, atestamos um paralelo entre os séculos XIII-XIV e o latim clássico, já que a posição do possuidor seria determinante na escolha do possessivo. Conforme já apontado no capítulo II, as formas átonas e tônicas do possessivo 'seu', assemelhando-se aos possessivos latinos 'suus, sua, suum', são favorecidas por um NP possuidor sujeito. Já a variante 'dele', assim como os pronomes latinos 'eius, eorum e earum', é favorecida por contextos que apresentem NP possuidor não-sujeito.

Em resumo, vemos que o resultado das três rodadas permite traçar um perfil bastante claro para cada uma das variantes.

## **CAPÍTULO IV**

### **INVESTIGANDO A IMPLEMENTAÇÃO DO ITEM ‘DELE’**

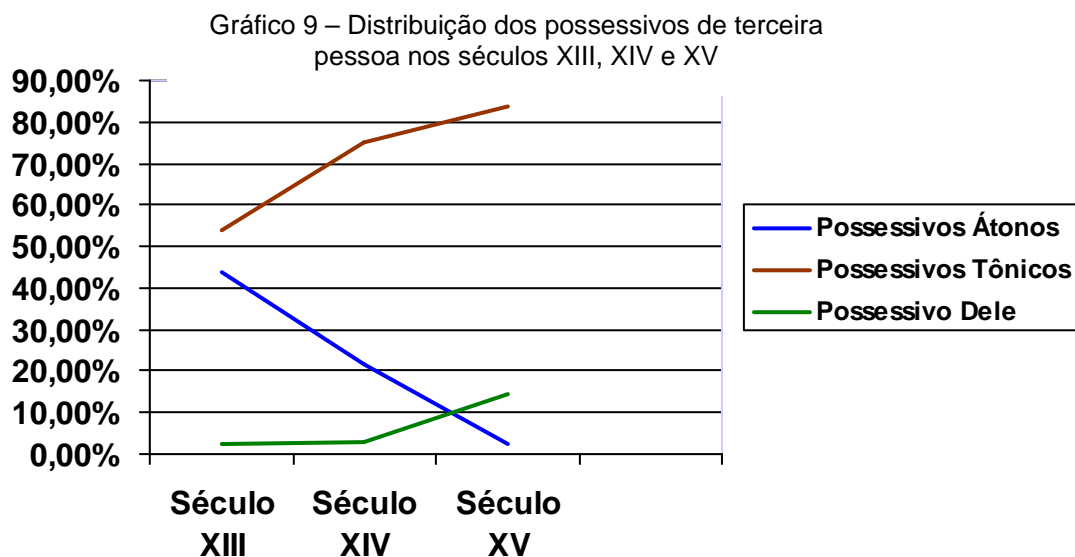
No capítulo anterior, pudemos identificar, em nossos gráficos, alguns perfis indicadores de mudança lingüística. Neste capítulo, buscaremos explicar esses perfis, tomando como referência uma teoria gramatical, mais exatamente a teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1989, 1994).

As páginas seguintes serão estruturadas do seguinte modo. Trataremos da distribuição dos itens ‘dele’ e ‘seu’ no eixo do tempo, retomando alguns dos gráficos apresentados no capítulo III. Em seguida, apresentaremos uma análise gramatical dos dados.

A partir da análise gramatical, buscaremos verificar se, de fato, estamos diante de uma mudança lingüística e, se assim for, buscaremos explicá-la gramaticalmente.

## 4.1. A Queda dos Possessivos Átonos e a Definição de um Percorso de Mudança

Nesta seção, analisaremos a distribuição dos possessivos de terceira pessoa com o intuito de verificar se haveria alguma correlação gramatical entre o perfil dos possessivos átonos 'se', 'sse', 'sa(s)', 'ssa(s)' e o perfil do possessivo 'dele'. Repetiremos aqui o gráfico 9, que exhibe os dois perfis:



A partir do gráfico, é possível comparar a distribuição dos três tipos de realização de possessivos. É revelado aqui algo, até certo ponto, surpreendente, conforme já referimos: uma inversão na frequência de uso se dá em relação às formas átonas e 'dele' e não em relação às formas tônicas e 'dele', como era de se

esperar. Outra informação evidenciada no gráfico é que a frequência de uso das variantes tônicas de 'seu' e 'dele' se dá em proporção constante.

Com base nos resultados apresentados acima, discutiremos, nas próximas seções, quais seriam os fatores que estariam relacionados à queda dos possessivos átonos e à definição de um perfil ascendente para os possessivos tônicos e para o possessivo 'dele'. É nossa intenção definir qual seria a relação entre a queda dos possessivos átonos e a implementação do pronome 'ele' como possessivo.

#### **4.1.1. A Cliticização dos Possessivos Átonos de Terceira Pessoa**

Como destaca Pizzanelli (1998), os clíticos são formas átonas que não podem se estabelecer por si mesmas, devendo estar ligadas a uma base. Ao analisar os clíticos sob uma perspectiva sintático-fonológica, Abaurre & Galves (1996) retomam uma distinção entre o que seriam clíticos sintáticos e clíticos fonológicos: os clíticos fonológicos nem sempre são clíticos em sintaxe. Os clíticos sintáticos são vistos como núcleos e não como sintagmas, não ocupando uma posição argumental, mas sim se encontrando afixados a um elemento verbal a partir de uma relação de domínio estabelecida pela categoria flexão. Já os clíticos fonológicos, considerados acentualmente inertes, não se apóiam necessariamente em uma forma verbal, ou seja, eles manifestam uma tendência para se apoiar no

constituente acentuado que está à sua direita ou à sua esquerda, independentemente de se tratar de um verbo ou não.

Em sua maior parte, os clíticos fonológicos seriam monossilábicos e sujeitos a reduções fonológicas consideráveis em termos segmentais. Nesse caso, os clíticos fonológicos constituiriam uma classe maior do que a dos clíticos sintáticos, compreendendo grande parte das chamadas palavras funcionais, como preposições, conjunções, determinantes, verbos modais e auxiliares e pronomes pessoais. A esse respeito, Abaurre & Galves (1996) concluem o seguinte:

“O clítico sintático é sempre também um clítico fonológico, no sentido de que corresponde a um item lexical sem acento primário que se apóia necessariamente em outra palavra. O inverso nem sempre é verdadeiro: nem todo clítico fonológico é um clítico sintático no sentido acima definido.”

Considerando que os clíticos não podem se estabelecer por si mesmos, devendo estar ligados a uma base, partiremos das propriedades gerais das formas clíticas, que são apontadas por Kayne (1975), com o intuito de demonstrar que as formas possessivas átonas ‘se’, ‘sse’, ‘sa(s)’ e ‘ssa(s)’ seriam clíticos fonológicos.

De acordo com Kayne, os clíticos apresentariam cinco diferentes propriedades que seriam responsáveis por caracterizá-los, a saber: a) um clítico jamais ocorre em posição argumental; b) o clítico não pode ocorrer em posição de adjunto; c) um clítico não pode ocorrer como item isolado; d) um clítico não pode ser coordenado; e) o clítico não pode receber um acento contrastivo.



A seguir, com base nessas cinco propriedades apresentadas por Kayne (1975) e em testes realizados por Pizzanelli (1998), iremos, portanto, buscar evidências de que os possessivos átonos masculinos e femininos atuariam como clíticos nos séculos XIII, XIV e XV. Nesse caso, sempre que possível, analisaremos cada uma das propriedades apontadas com base nos dados obtidos nesta pesquisa, pois é nossa intenção comprovar que os possessivos átonos de terceira pessoa teriam passado realmente por um processo de cliticização. É importante ressaltar aqui que as estruturas que foram apontadas como mal formadas têm ocorrência zero no *corpus*.

a) um clítico jamais ocorre em posição argumental

Segundo Pizzanelli (1998:2), tanto um DP quanto um pronome podem ocorrer em posição argumental de complemento do verbo, enquanto o clítico não pode permanecer na posição canônica de complemento, como no exemplo (139c):

(139) a. “O João beijou carinhosamente a **Maria**.”

b. “O João beijou carinhosamente **ela**.”

c. \* “O João beijou carinhosamente **me**.”

Ao analisarmos os dados do português medieval, constatamos que os possessivos átonos de terceira pessoa apresentam a primeira propriedade levantada por Kayne (1975), uma vez que as formas possessivas átonas não podem ocorrer em posição argumental, o que já é possível com os possessivos tônicos:

(140) a. Se alguu ome~ fez(er) p(re)yto dereyto cu~ outri~ q(ue) h(er)dar o **seu**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

b. \* Se alguu ome~ fez(er) p(re)yto dereyto cu~ outri~ q(ue) h(er)dar o **se**.

b) o clítico não pode ocorrer em posição de adjunto

Pizzanelli (1998) destaca, nos exemplos por ele apontados, que o DP “a Maria”, sendo argumento interno do verbo ‘beijar’ em (141a), é adjungido à esquerda de IP em uma posição não-argumental; porém, o clítico, como mostra (141b), não poderia ocorrer em tal posição:

(141) a. “**A Maria**, o João beijou carinhosamente.”

b. “\***Me**, o João beijou carinhosamente.”

No caso dos possessivos átonos, verificamos também a presença desta propriedade, uma vez que as formas possessivas átonas não ocorriam na posição de adjunto, o que já é aceitável para as formas possessivas tônicas:

- (142) a. Se aquel a q(ue) faza~ reuolta poder esto prouar, peyte o alcayde do **seu** as custas q(ue) fez o quereloso. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)
- b. \* Se aquel a q(ue) faza~ reuolta poder esto prouar, peyte o alcayde do **se** as custas q(ue) fez o quereloso.

c) um clítico não pode ocorrer como item isolado

Como ilustra Pizzanelli (1998), enquanto um DP lexical e um pronome podem ocorrer isoladamente, o clítico não pode fazê-lo independentemente de uma base verbal, como ocorre em (143b):

- (143) a. “*Quem é inteligente?*”  
**A Maria**
- b. “*Quem o João viu?*”  
**\*Me.**

Também no caso dos possessivos átonos não seria possível sua ocorrência sem estarem apoiados em uma base, uma vez que todas as formas possessivas

átonas que foram apuradas nesta pesquisa encontram-se apoiadas em um constituinte acentuado. Nesse caso, podemos exemplificar a ocorrência desta propriedade para as variante tônicas e átonas de 'seu' da seguinte maneira:

(144) a. De quem é este cavalo?  
**Seu.**

b. De quem é este cavalo?  
\* **Se.**

d) um clítico não pode ser coordenado

Pizzanelli (1998) ilustra, a partir dos exemplos abaixo, que esta propriedade apontada por Kayne (1975) realmente caracterizaria os clíticos ao destacar que, enquanto dois DPs lexicais ou dois pronomes podem ser coordenados, o mesmo não aconteceria com as formas cliticizadas:

(145) a. \**Ele **me** e **te** emprestou o passe escolar.*

b. \**Ele emprestou-**me** e para a **Maria** o passe escolar.*

c. *Viu **eu** e **ele**.*

No caso dos possessivos átonos, esta propriedade também está presente, uma vez que os possessivos 'se', 'sse', 'sa(s)', 'ssa(s)' também não foram encontrados coordenados a outra forma pronominal em nenhuma das ocorrências apuradas nesta pesquisa. Já os possessivos tônicos de terceira pessoa licenciariam este tipo de coordenação:

(146) a. [...] pois uenho a pelej'ar co~ ele e o feyro en logo de Reue~deyta q(ue) mo no~ correga & correger eu a ele e ao **seu**. (Dos Costumes de Santarém / Século XIII in RODRIGUES, 1992)

b. \* [...] pois uenho a pelej'ar co~ ele e o feyro en logo de Reue~deyta q(ue) mo no~ correga & correger eu a ele e a **se**.

e) o clítico não pode receber um acento contrastivo

Como base no exemplo a seguir, Pizzanelli (1998) ilustra a ocorrência desta propriedade levantada por Kayne (1975) ao demonstrar que os clíticos não podem receber um acento independente. Nesse caso, o pronome 'mim' pode ser acentuado. Porém, os clíticos não podem ter acento próprio, pois, caso isso ocorra, haverá a produção de agramaticalidade, como no exemplo (147b).

(147) a. “Ele emprestou o passe **para mim** e não **para você**.”

b. \* “Ele **me** emprestou o passe escolar e não **te** emprestou.”

Esta propriedade também caracterizaria os possessivos átonos, que não poderiam apresentar um acento contrastivo, conforme ilustrado a seguir:

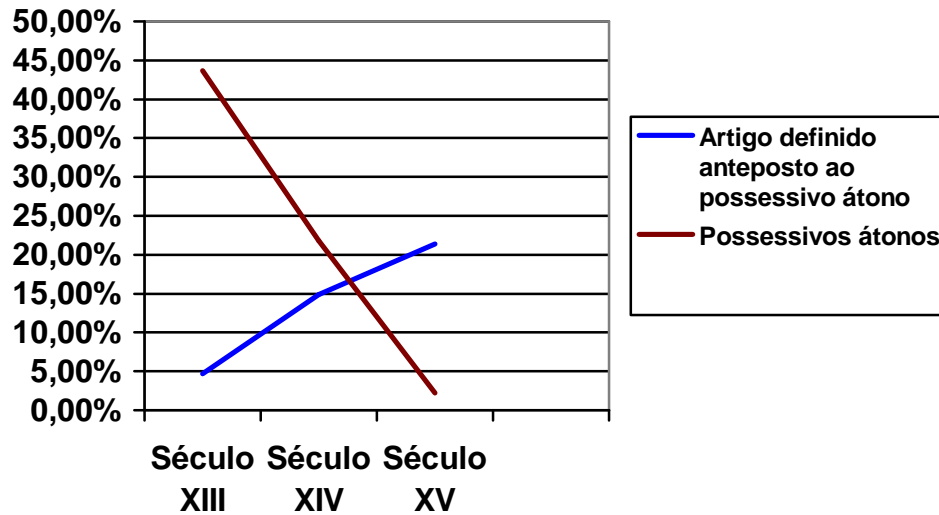
(148) a. Eu escolho o **meu** e não o **seu**.

b. \* Eu escolho o **meu** e não o **se**.

#### **4.1.2. A Posição Estrutural dos Possessivos Átonos de Terceira Pessoa**

Como vimos no capítulo III, os possessivos átonos apresentaram um decréscimo bastante significativo do século XIII ao século XV. Como discutiremos adiante, essa queda foi acompanhada por um aumento na frequência de uso do artigo definido anteposto à forma possessiva, conforme mostra a gráfico 14:

Gráfico 14 – A correlação entre o número total de possessivos átonos e o aumento na freqüência do artigo definido



Vê-se aqui um aumento considerável na freqüência de uso do artigo definido diante dos possessivos átonos.

De acordo com Müller (1997, 1998), conforme vimos, as formas possessivas em posição pré-nominal incorporariam um papel delimitador semelhante ao que é desempenhado pelo artigo definido. A autora argumenta que a anteposição de um pronome possessivo a um núcleo nominal realizaria uma operação em que o constituinte [Poss[N]] é passível de ser tomado como argumento de um outro predicado.

Nesse caso, em um enunciado como 'meu gato dorme', o nome 'gato', ao se unir ao possessivo 'meu', formaria sintaticamente um NP passível de ser

tomado como argumento do sintagma flexional 'dorme'. Semanticamente, o nome 'gato' seria delimitado pelo possessivo 'meu': 'meu gato' denotaria não mais um conjunto, mas uma entidade em particular (cf. MÜLLER, 1997:164).

Os possessivos átonos de terceira pessoa teriam perdido sua tonicidade e passado por um processo de cliticização, ocorrendo como formas átonas que não podem se estabelecer por si mesmas e que devem, portanto, estar ligadas a uma base.

A redução fonológica indica que os possessivos átonos de terceira pessoa teriam migrado da posição de adjunto para a posição de núcleo do determinante, desempenhando uma função delimitadora semelhante à apresentada pelos artigos definidos.

Desse modo, quando os artigos definidos começaram a competir por uma mesma posição estrutural, núcleo de D, a consequência teria sido a drástica queda na frequência dos possessivos átonos.

Parece que o português passou de um formato gramatical do tipo inglês atual para um formato do tipo espanhol atual. Essa teria sido uma mudança concomitante àquela das formas 'seu/dele'. Em outras palavras, o conteúdo de D<sup>o</sup> teria mudado. Comparem-se:

(149) a. *my book*

Inglês

b. \* *the my book*



(150) a. *mio* libro

Espanhol

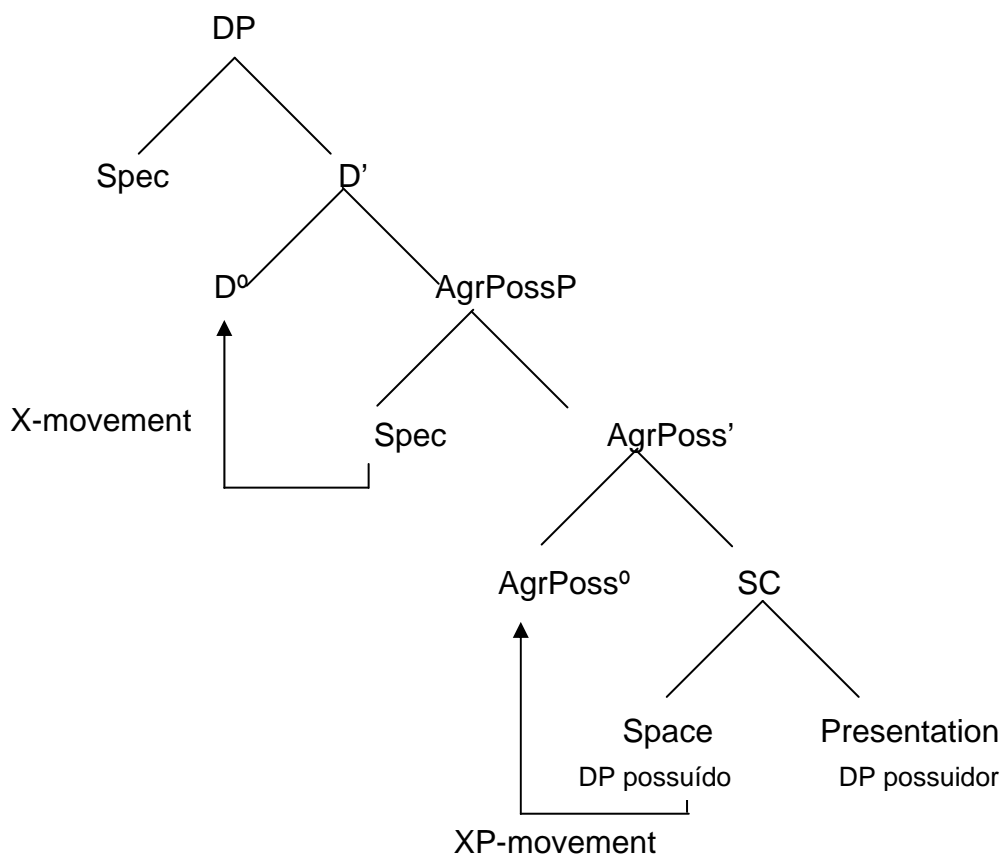
b. \* *el mio* libro

Se nossa análise estiver correta, ocorrências do tipo [Det + pronome átono] assinalariam uma etapa de uma mudança que alterou o conteúdo de D°. Com o propósito de fornecer evidências a favor de nossas suposições, vamos considerar algumas propostas de análise da estrutura do DP, no quadro gerativista.

Na “Hipótese do DP”, inicialmente formulada por Szabolcsi (1983) e defendida por Abney (1987), o determinante é considerado o núcleo do sintagma nominal, já que a projeção máxima passa a ser a categoria funcional D e o NP é interpretado como sendo seu complemento. Nesse caso, como destacam Fukui e Speas (1986), na projeção das categorias funcionais haveria apenas uma posição disponível para núcleo.

Nessa proposta, os artigos definidos são analisados como núcleos funcionais que ocupariam, assim como os pronomes demonstrativos e os quantificadores, a posição de núcleo do determinante. Essa posição poderia ser ocupada ainda pelos possessivos clíticos, que seriam, nesse caso, movidos de Spec,AgrPossP para D°, conforme representado a seguir:

(151)



Cardinaletti (1998), ao propor uma descrição para os possessivos clíticos, considera, a partir desse movimento para o núcleo do determinante, que não seria possível sua co-ocorrência com os artigos definidos. Nesse caso, a ausência de artigo definido seria considerada uma propriedade dos possessivos clíticos, já que eles e os artigos definidos se encontrariam em distribuição complementar. Outra propriedade que caracterizaria os possessivos clíticos seria a possibilidade do redobro, conforme proposto para o francês e para o dialeto de Pádua (cf. CARDINALETTI, 1998:23):

(152) **son père à lui**                      Francês  
          ‘his father to him’

(153) **so pare de Toni**                      Pádua (dialeto italiano)  
          ‘his father of Toni’

Conforme exemplificado pela autora, no francês e no Pádua, os possessivos clíticos ‘son’ e ‘so’ seriam redobrados, respectivamente, por ‘lui’ e ‘de Toni’. Cardinaletti (1998:23) ainda destaca que, embora os possessivos clíticos possam gerar o redobro, nem sempre isso ocorre, como é o caso, por exemplo, do espanhol:

(154) \*su padre de él/ella

Outra propriedade que caracterizaria os possessivos clíticos seria, segundo Ihsane (2000), a presença dos traços [+ específico] e [+ definido]. Esses traços estariam presentes também nos artigos definidos, o que justificaria, inclusive, o fato de ocuparem a mesma posição de núcleo do determinante.

Conforme demonstrado anteriormente, o decréscimo no uso dos possessivos átonos teria sido acompanhado por um perfil ascendente para os possessivos tônicos. No caso das formas tônicas, o aumento na frequência de uso dos artigos definidos não teria acarretado, no plano sintático, nenhuma restrição,

visto que não compartilham a mesma posição estrutural: enquanto os artigos definidos ocupam a posição de núcleo de D, os possessivos tônicos ocupam a posição de Spec,AgrPossP.

A queda dos possessivos átonos também estaria diretamente relacionada à implementação do pronome 'ele' como possessivo e, nesse caso, o padrão de concordância apresentado pelos possessivos átonos 'se' e 'sse' exerceria um papel fundamental na definição desse percurso de mudança.

Conforme discutido no capítulo I, o possessivo 'dele' direcionaria suas marcas de concordância em relação ao possuidor, ao passo que os possessivos 'seu' e 'sua' concordariam em gênero e número com o substantivo a que precedem ou seguem. No português arcaico, enquanto os possessivos tônicos 'seu', 'sseu', 'sua', 'ssua' e as formas átonas femininas 'sa' e 'ssa' estabelecem uma relação de concordância de gênero e número sempre com o item possuído, 'se' e 'sse' não apresentam esse padrão de concordância, já que concordam em número com o NP possuidor. Vejamos os exemplos a seguir:

(155) O **d(i)to Priol** (com) **sse** ffrades diuisaro~ (e) mostraro~ logo os pardeeyros do Casal da d(i)ta Qui~ta~a (e) as vi~as deuesas (e) ca~pos (e) casas (e) pumares. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(156) [...] despos misa de t(er)ça. asi como de susso d(i)to he. mostrando essa c(ar)ta. (e) steue ata ia~tar (e) ata meyo dya (e) **o Alcayde da Aza~buia** ne~ **se** enq(ue)redores ne~ seu esc(ri)ua~. ne~ outre~ por el no~ ueo. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

Nas duas ocorrências acima, vemos que os possessivos átonos masculinos não concordam em número com o NP possuído, como ocorre com as demais formas átonas ou tônicas de 'seu' e 'sua'. Em (155), o possessivo 'sse' concorda no singular com o NP possuidor 'd(i)to Priol', e não com o NP possuído plural 'ffrades'. O mesmo ocorre em (156), já que a forma 'se' concorda com o NP possuidor 'o Alcayde da Aza~buia', e não no plural com o NP possuído 'enq(ue)redores'.

Nos dados apurados nesta pesquisa, não foi encontrada nenhuma ocorrência de possessivos masculinos átonos no plural. Nesse caso, verificamos que, sem exceção, quando há a anteposição dos possessivos átonos 'se' e 'sse' a um nome no plural, a concordância não se faz com esse nome, mas sim com o NP possuidor que se encontra no singular.

As ocorrências a seguir exemplificam os padrões de concordância que caracterizariam os possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII, XIV e XV:

a) Concordância em gênero e número com o NP possuído: possessivos tônicos (seu, sseu, sua, ssua) e possessivos átonos femininos (sa, ssa)

(157) Testamento de Eluira Ermigiz, deixando o **seu corpo** a S. João de Tarouca. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(158) Custume h(e) de uaras q(ue) su(m) i'ulgadas a molh(er) cassada q(ue) pelei'e cu~ outra q(ue) lhas de **sseu marido** camanha' a's o Aluazi'l der. (Dos Costumes de Santarém / Século XIV in RODRIGUES, 1992)

(159) Arrendamento de uma vinha situada em Cortes, termo de Lisboa, feito pela priora do mosteiro de Chelas aos mesmos Affonso Johanes, dito Pessoa, a **sua mulher** Mayor Johanes e a uma filha do casal. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(160) O leom uiue per muytos tenpos e conhece a **ssua jdade** pellos dentes. (Orto do Esposo / Século XV in MALER, 1956)

(161) Todo caualeiro q(ue) seu pam semear. & **sas vinhas** laurar com seu caualo & lhy for mester de uender pode colher esse vinho sen caualo & no~ dar Jugada. (Dos Costumes de Santarém / Século XIV in RODRIGUES, 1992)

(162) O Casal de Lourido q(ue) iaz e~na ffreyguesia de san ffraustro cu~ todos sseus dereytos e **ssas p(er)te e´nças**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

b) Concordância em gênero e número com o NP possuidor: possessivo 'dele'

(163) Caualej´ro ne~ out(ro) home~ no~ defenda´ a Eijg(re)ia ne~ as h(er)dades **dessa Eijg(re)ia** ne~ os Testados **dela´**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

- c) Concordância em gênero com o NP possuído e em número com o NP possuidor: possessivos átonos masculinos (se, sse)

(164) E esse **Steua~ p(er)ez** ne~ **se** successores n(o~) deue~ fazer sob(re)ssas nossas Casas eyrado. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(165) Mays se era acusado sub(re) furto ou sob(re) out(ra) acusaço~ de au(er), **o acusador** |E| possao dema~dar a **sse** h(er)deyros q(ue) lho peyte~ assy como ma~da a ley.

As evidências encontradas nos *corpora* analisados levam a concluir que, no percurso de mudança que caracterizou os possessivos de terceira pessoa, a queda dos possessivos átonos ‘se’ e ‘sse’ teria sido acompanhada pelo aumento de frequência do possessivo ‘dele’. As formas ‘se’ e ‘sse’ compartilhariam com o possessivo ‘dele’ a concordância em número com o NP possuidor, e não com o NP possuído. Portanto, a queda dos possessivos átonos – decorrente do aumento na frequência dos artigos definidos –, teria concorrido para a implementação do pronome ‘ele’ como possessivo, forma que recuperaria, nesse contexto de mudança, uma relação de concordância até então apresentada pelos possessivos ‘se’ e ‘sse’.

### 4.1.3. O ‘Redobro’ dos Possessivos de Terceira Pessoa

Nesta seção, avaliaremos se a co-ocorrência de uma forma tônica e uma forma átona, encontrada nos *corpora* analisados neste trabalho, constitui um redobro.

Com base no trabalho de Moraes de Castilho (2004, 2005) sobre o clítico locativo redobrado ‘en/ende’, o qual duplicava um PP, organizando a estrutura ‘en + de NP’, buscaremos evidências que expliquem a ocorrência do redobro ‘sa..dele’ / ‘se...dele’ no português medieval. É nossa intenção, portanto, avaliar a relação entre a queda dos possessivos átonos ‘sa’, ‘ssa’, ‘se’, ‘sse’ – que seriam clíticos e desempenhariam uma função delimitadora semelhante à apresentada pelos artigos definidos – e a ocorrência do redobro dos possessivos de terceira pessoa.

Moraes de Castilho (2004, 2005), ao explicar a origem do dequeísmo no português, destaca que ele teria sua origem no pronome clítico locativo redobrado ‘en’ (ou ‘ende’)<sup>18</sup>, o qual duplicava um PP, organizando a estrutura ‘en + de NP’. Esse locativo redobrado teria se agregado a verbos, nomes, adjetivos e advérbios, passando por um longo processo de gramaticalização que levou à formação de complementos iniciados com a preposição ‘de’. Durante o processo de gramaticalização, o clítico ‘en’ e seu sintagma preposicionado teriam se separado, fazendo com que esse sintagma, encabeçado pela preposição ‘de’, sofresse um deslocamento para a

---

<sup>18</sup> Segundo a autora, o clítico locativo ‘en’, apresenta também a variante ‘ende’ e, nos primórdios da língua, se usava a primeira forma quando a palavra seguinte começava por consoante, e a segunda forma quando a palavra seguinte era iniciada por vogal.



esquerda da sentença, se posicionando antes da conjunção relativa 'que'. A partir daí, teria ocorrido a formação do dequeísmo nas orações relativas, que depois se irradiaria para as substantivas e as adverbiais.

Com base em Kato (2002), Moraes de Castilho (2001, 2004, 2005) destaca que, no redobramento sintático-pronominal, há a ocorrência de duas categorias pronominais, a primeira denominada pronome fraco e a segunda pronome forte, sendo que o pronome fraco duplicaria o pronome forte. Nesse sentido, o pronome fraco corresponderia a uma forma clítica, ao passo que o pronome forte seria representado por PPs do tipo acusativo 'ele / a ele / NP / a NP', dativo 'a ele / a NP', ablativo/locativo 'em NP / de NP', genitivo/partitivo 'de NP', pronome pessoal do tipo 'ele', pronome possessivo do tipo 'de ele / de NP' ou pronome integrante 'que' introduzindo uma oração subordinada substantiva.

Ao analisar a estrutura 'en + de NP', a autora evidencia que este redobramento seria caracterizado por duas fases distintas: a fase do redobro propriamente dito e a fase de simplificação do redobro. Na primeira fase, ou fase do redobro, os dois pronomes poderiam estar adjacentes ou não e são sempre correferenciais. Na segunda fase, ou fase de simplificação do redobro, encontramos as seguintes etapas: a) um dos pronomes do redobro é elidido; b) ambos se tornam concorrentes, entrando em variação; c) o clítico desaparece; d) permanece apenas o PP.

No redobro dos possessivos de terceira pessoa, há a presença de um pronome fraco, representado pelos pronomes clíticos 'sa', 'ssa', 'se', 'sse' e de um pronome forte, representado pelo PP 'dele'. Além disso, as fases propostas por

Moraes de Castilho (2004, 2005) para o processo de redobramento na estrutura 'en + de NP' se aplicam ao redobramento em estudo aqui.

Na fase do redobro, temos a estrutura 'sa/ssa/se/sse + N + dele', em que os possessivos clíticos e o PP 'dele' são correferenciais. Na fase de simplificação do redobro, presenciamos também as etapas que são descritas pela autora: um dos pronomes do redobro é elidido. No caso, as formas átonas são elididas, uma vez que, conforme já demonstramos, os possessivos átonos passaram por um processo de queda bastante acentuado do século XIII ao século XV devido ao acréscimo no uso dos artigos definidos. Na próxima etapa, as formas átonas e o possessivo 'dele' teriam se tornado concorrentes, entrando em variação. Posteriormente, as formas clíticas teriam desaparecido, tendência confirmada nos dados que apresentamos. Por fim, com o desaparecimento dos possessivos átonos, permanece o PP 'dele'.

Com base nesta análise, verificamos que a ocorrência de construções com redobro no português medieval representaria uma etapa do processo de mudança em estudo neste trabalho, uma vez que marcaria o momento em que o partitivo 'dele' teria sido reanalisado diante da queda dos possessivos átonos.

É importante ressaltar que, na análise de dados referente ao século XV, não foi encontrada nenhuma ocorrência de redobro. Foram encontradas 7 ocorrências no século XIII e apenas 2 no século XIV. O redobro vai-se dar na etapa de complementação da mudança 'se' 'dele'.

A análise das 9 ocorrências de redobro encontradas nos séculos XIII e XIV chama a atenção por dois fatos em particular: a) em todos os casos, não há a presença de artigos definidos; b) das 9 ocorrências, em 6 o primeiro item é uma

forma possessiva átona. Nesse caso, os clíticos 'sa', 'ssa', 'se', 'sse', sendo pronomes fracos, duplicariam, nos termos de Kato (2002), o pronome forte 'dele'. Seguem abaixo as ocorrências de redobro, acompanhadas de uma paráfrase em que um artigo definido substitui o pronome fraco:

(166) E q(ue) dedes ende en cada hu~u ano a M(ar)ti~ do(mingu)iz e a ssa mol(er). #i m(a)r(avedi) en toda **sa uida deles**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(166') E q(ue) dedes ende en cada hu~u ano a M(ar)ti~ do(mingu)iz e a ssa mol(er). #i m(a)r(avedi) en toda **a uida deles**.

(167) E pore~ ma~dou e outorgou. esse G(onça)lo moniz q(ue) depos **ssa morte dele** fiq(ue) liure e q(ui)the esse meyo desse casal. a esse Moest(eir)o de villari~o. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(167') E pore~ ma~dou e outorgou. esse G(onça)lo moniz q(ue) depos **da morte dele**.

(168) It(em) os filhos li'j'dim(os) no~ peça~ algo nos Mo(esteiro)s ne~ nas Eijg(re)ias deme~t(res) sse(us) pad(re)s, e **ssas Mad(re)s deles** uiu(er)en. ne~ den a eles ne~hu~a cousa'. deme~t(re)s se(us) pad(re)s. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(168') It(em) os filhos li'j'dim(os) no~ peça~ algo nos Mo(esteiro)s ne~ nas Eijg(re)ias deme~t(res) sse(us) pad(re)s, e **as Mad(re)s deles** uiu(er)en.

(169) No~ deue o M(a)iordomo por e~de a trauar e~ ela saluo sse a der en co~celho por aleyuosa e ante o deue a dizer a **seus pare~tes dela** q(ue) a castigue~. (Dos Costumes de Santarém / Século XIII in RODRIGUES, 1992)

(169') No~ deue o M(a)iordomo por e~de a trauar e~ ela saluo sse a der en co~celho por aleyuosa e ante o deue a dizer **aos pare~tes dela.**

(170) He q(ue) o mayordomo no~ deue leyxar nemigalha en u(er)dade da p(ar)te ergo p(ro)ua-lo p(er) ome~es bo~os & outrossy o no~ deue~ a leyxar en **sa u(er)dade dele.** (Dos Costumes de Santarém / Século XIII in RODRIGUES, 1992)

(170') He q(ue) o mayordomo no~ deue leyxar nemigalha en u(er)dade da p(ar)te ergo p(ro)ua-lo p(er) ome~es bo~os & outrossy o no~ deue~ a leyxar ena **u(er)dade dele.**

(171) Se o esposo dalgu~a molh(er) der algu~as doas ou panos ou algu~as cousas a ssa esposa e morrer o sposo ante que aya de ueer cu~ella e [a] beygou ante q(ue) morresse, a esposa aya a meadade d(e) totalhas doas que lhy dera e a out(ra) meadad(e) aya~ **se parentes del** ou que~ el mandar. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(171') [...] e [a] beygou ante q(ue) morresse, a esposa aya a meadade d(e) totalhas doas que lhy dera e a out(ra) meadad(e) aya~ **os parentes del.**

(172) Que~ seu s(er)uo casar cu~ s(er)ua alhe~a sen mandado de **seu senhor delha,** os fillos que fezere~ de (con)suu seya~ do senhor da s(er)ua cona madre. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(172') Que~ seu s(er)uo casar cu~ s(er)ua alhe~a sen mandado do **senhor delha.**

(173) Ao d(i)cto d(omingo)s do mont(e) seu mjdo/sic/. q(ue) em **seu nom(e) del (e) dela** meta em posse Giral do(mingu)iz Chaueyro' do Mon(steiro) de souto. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(173') Ao d(i)cto d(omingo)s do mont(e) seu mjdo/sic/. q(ue) no **nom(e) del (e) dela** meta em posse Giral do(mingu)iz Chaueyro' do Mon(steiro) de souto.

(174) E o d(i)cto Giral do(mingu)iz de **sa ma~a~o del(e)s** Reçebe´u pedra (e) t(e)rra (e) telha (e) Chaue E ent(ro)u em posse das d(i)ctas meyas Casas p(er) pod(er) da d(i)cta (com)pra. (Textos Notariais / Sécuro XIV in MARTINS, 1994)

(174') E o d(i)cto Giral do(mingu)iz da **ma~a~o del(e)s** Reçebe´u pedra (e) t(e)rra.

O fato de as paráfrases com artigo definido serem aceitáveis constitui uma evidência de que a forma átona, nesse momento da história da língua, teria deixado de ser interpretada como possessivo e passado a ser interpretada como artigo, desempenhando uma função delimitadora.

Mas qual seria, então, a função do redobro? Nota-se que não há identidade de número nem pessoa entre os pares que formariam o redobro. Retornarei a essas questões na seção 4.3.2.2.

Desse modo, vemos que a questão do redobro dos possessivos de terceira pessoa sofre um reenquadramento, uma vez que não podemos resumir a complexidade desse tipo de estrutura a uma explicação de base funcionalista, como a que foi proposta por Silva (1982, 1991) e Maia (1986), visto que as autoras consideram que, devido a uma possível ambigüidade que o possessivo 'seu' apresentaria em certos contextos, o possessivo 'dele' seria empregado como uma forma duplicada.

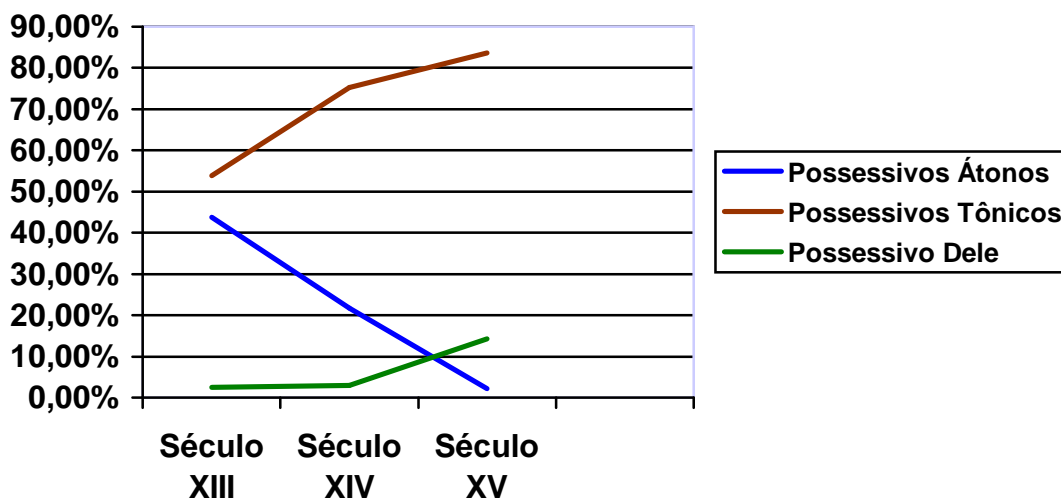
Portanto, a partir do percurso de mudança delineado neste trabalho, propomos que esta questão seja reavaliada. Em vez de considerar que o item

'dele' seria redobrado com a função de eliminar possíveis ambigüidades, sugerimos que, na realidade, o redobro analisado aqui representaria uma etapa do processo de mudança que envolveu o aumento na freqüência de uso dos artigos definidos, a queda dos possessivos átonos e a reanálise de 'dele' como possessivo.

## 4.2. A Definição de um Perfil Ascendente para os Possessivos Tônicos

Agora vamos tratar dos perfis das variantes tônicas de 'seu' e do possessivo 'dele'. Inicialmente repetiremos aqui o gráfico 9.

Gráfico 9 – Distribuição dos possessivos de terceira pessoa nos séculos XIII, XIV e XV



Esse gráfico mostra que, a partir de meados do século XIV, se inicia um aumento na frequência de uso das variantes tônicas de 'seu' e do item 'dele'. Esse aumento dá-se na mesma proporção, conforme se vê pelo paralelismo observado entre as duas retas marrom e verde, no gráfico.

Como mostramos no capítulo II, 'seu' concorre com 'dele' quando ambos são delimitadores. Vimos, nesse caso, que o possessivo 'dele', mesmo ocorrendo na posição pós-nominal, pode apresentar uma interpretação semelhante à do possessivo pré-nominal mesmo em contextos [- definidos], caracterizados pela ausência de um artigo definido.

Exemplificamos novamente aqui os contextos em que as variantes tônicas de 'seu' e o item 'dele' concorrem:

#### 'Seu' pré-nominal

(175) Feito em Gaya por Steuã Perez, tabelião na vila de Gaya e em **seu** termo. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

Interpretação delimitadora

#### 'Dele' em contexto com artigo definido antes do nome

(176) E disse o d(i)to scudeiro q(ue) o d(i)to Priol p(or) ssi (e) p(or) sseu co~uento fosse aa d(i)ta Qui~ta~a da Ramada (e) aas h(er)dades **dela**. (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

Interpretação delimitadora

'Dele' em contexto sem artigo definido  
antes do nome

(177) [...] q(ue) todo he do Moesteyro das Donas da Chelas o q(ua)l foy de do~ Rejnaldo (e) de dona Meny~a ssa molh(er) (e) caeu en partiço~ deposs **Morte deles**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

Interpretação  
delimitadora

Vimos que estão excluídos, portanto, os casos em que 'dele', presente em contextos sem artigo definido antes do nome, apresenta uma interpretação ambígua entre partitivo e possessivo e os casos em que o possessivo 'seu' ocorre na posição pós-nominal, com uma interpretação predicativa. Vale ressaltar aqui que são raros os casos em que 'seu' ocorre nessa última posição. Nos *corpora* referentes aos séculos XIII e XIV, como já mostramos no capítulo II, foram encontradas apenas 2 ocorrências. A análise de *corpora* do século XV confirmou essa baixa frequência, visto que encontramos também apenas 2 ocorrências de 'seu' na posição pós-nominal. Vejamos os casos:

(178) O (com)de vio bem que a mais perfia seria manyfesto **dapno seu** & daquelles que com elle hera~, começou de rrecolher sua gemte & fazer volta co~ muy ardida comtemça, sendo elle o mais açerca dos mouros. (Crónica do Conde D. Pedro de Meneses / Século XV in BROCARD, 1994)

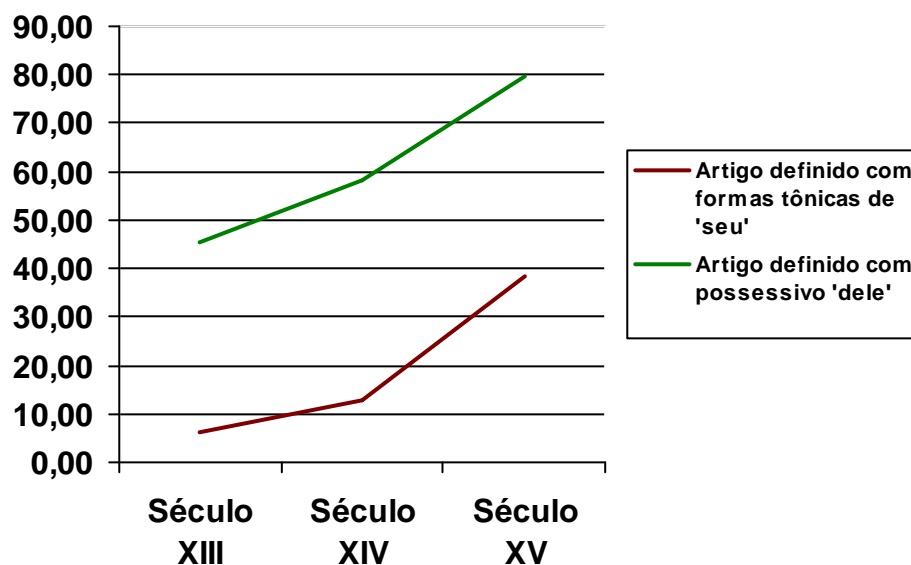
(179) No~ foy Alexander mais pouco cruel e~nos seus que e~nos e~miigos, ca elle matou sua madrasta e hu~u~ jrma~a~o de sua madrasta e outros **caualeyros seus**. (Orto do Esposo / Século XV in MALER, 1956)



Embora as formas tônicas de 'seu' concorram com 'dele' quando ambos são delimitadores, as duas variantes apresentam um ponto em comum: o favorecimento pelo uso do artigo definido.

Conforme mostramos no capítulo III, o aumento na frequência do artigo definido anteposto à forma possessiva foi acompanhado pela queda dos possessivos átonos. Por outro lado, as formas tônicas eram favorecidas pela presença do artigo definido, já que, diferentemente das formas átonas, não competiam com os artigos pela posição de núcleo da categoria D. O gráfico a seguir ilustra o favorecimento das formas tônicas com artigo definido:

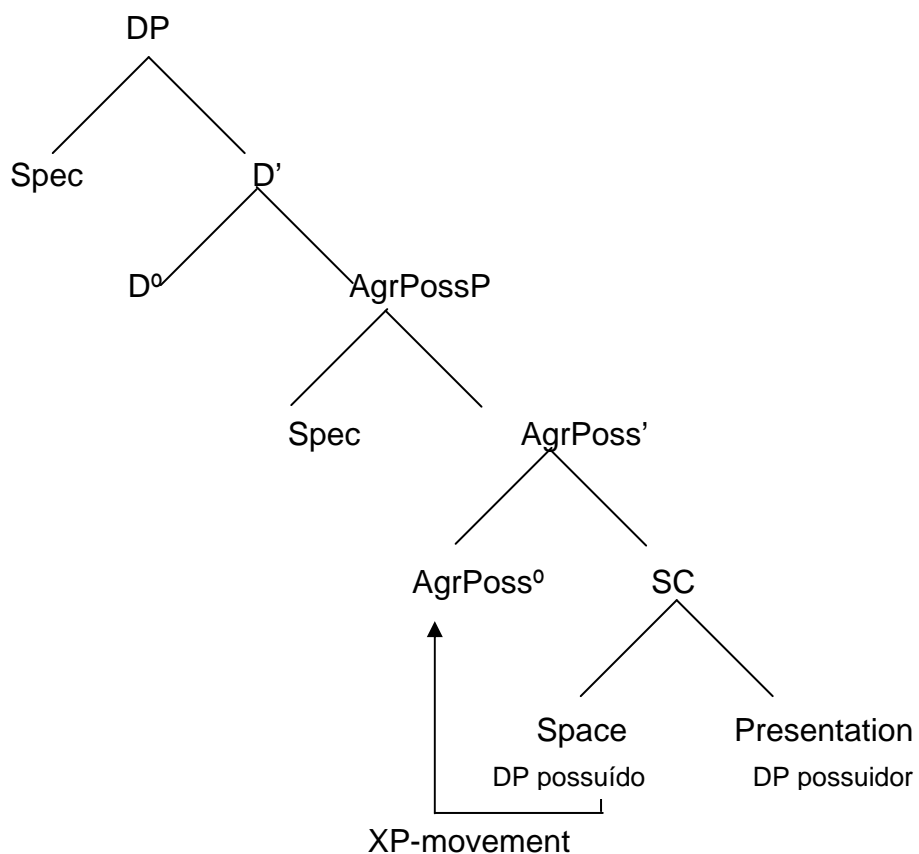
Gráfico 18 – A frequência das formas tônicas com artigo definido



Este gráfico revela o nítido favorecimento das formas tônicas com artigo definido. As retas marrom e verde confirmam que o aumento na frequência das variantes tônicas de 'seu' e do item 'dele' com artigo definido se dá na mesma proporção de um século para o outro.

Diferentemente dos possessivos átonos, as formas tônicas não seriam movidas de Spec,AgrPossP para D e não levariam a uma competição pela mesma posição estrutural, conforme representado a seguir:

(180)



Segundo Kroch (1994), a mudança lingüística e gradual, definida no perfil dos gráficos, ocorre a partir de uma competição entre formas gramaticalmente incompatíveis. A partir da Hipótese da Proporção Constante (Constant Rate Hypothesis), o autor assume que, nos casos em que há competição de gramáticas, as freqüências de uso variam na mesma proporção nos contextos em que ocorre a mudança. Ao tratar da competição entre gramáticas, o autor ainda destaca que os núcleos sintáticos não admitem a co-ocorrência de formas que não são funcionalmente diferenciadas.

No processo de mudança em estudo aqui, observamos uma confirmação da Hipótese da Proporção Constante, uma vez que assistimos a um aumento na freqüência da forma 'dele' e das variantes tônicas de 'seu'. Como há uma competição entre artigos definidos e possessivos átonos pela mesma posição estrutural, o aumento na freqüência do artigo trouxe como conseqüências a queda das formas átonas – evitando a co-ocorrência de formas funcionalmente semelhantes – e a definição de um perfil ascendente para as formas tônicas.

Os gráficos acima confirmam, nesse caso, que a definição de um perfil ascendente para as formas tônicas de 'seu' e para o item 'dele' se deu na mesma proporção, visto que ambas as variantes, diferentemente dos possessivos átonos, são favorecidas pela presença do artigo definido. Como não há competição entre os artigos definidos e as formas tônicas, elas apresentam, em proporção constante, um nítido acréscimo em sua freqüência de uso de um século para o outro.

### 4.3 Construções Possessivas e Partitivas

Nossa análise quantitativa mostrou que o item 'dele' apresenta frequência incipiente no século XIII e que, no decorrer do tempo, aumenta de frequência, configurando um perfil ascendente. Vimos também que esse item aparece em diferentes construções sintáticas: construções partitivas, construções possessivas e outras (tal como complemento verbal de verbos bitransitivos). Nos séculos XIII, XIV e XV sua distribuição era a seguinte:

Tabela 30 – Distribuição do item 'dele' em três tipos de construções

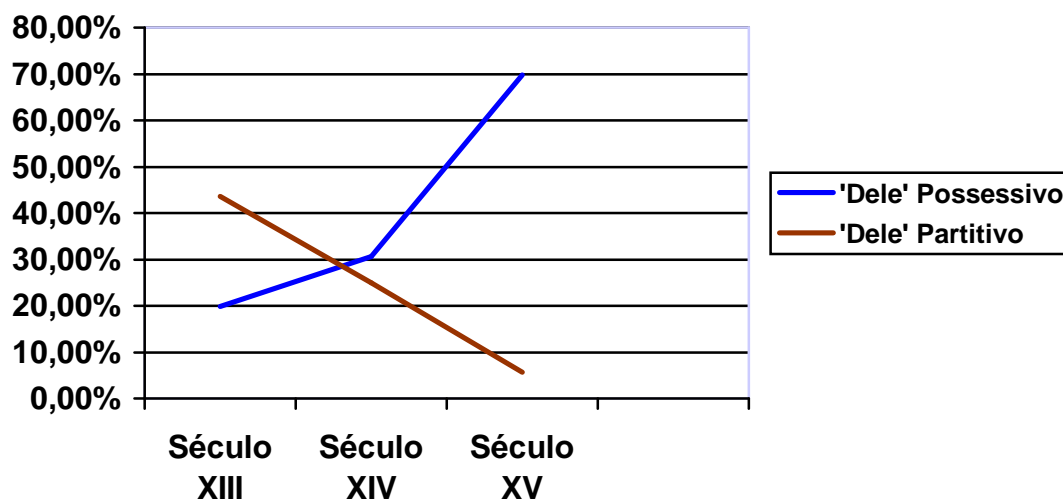
	Possessivo		Partitivo		Outros		Total
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	
Séc XIII	40	19.8%	88	43.6%	74	36.6%	202
Séc. XIV	33	30.6%	27	25%	48	44.4%	108
Séc. XV	278	69.8%	22	5.6%	98	24.6%	398
Total	351	49.6%	137	19.4%	220	31%	708

Esta tabela mostra a distribuição do item 'dele' conforme sua função. Focalizando apenas o número de ocorrências do item 'dele', podemos verificar um

perfil descendente de partitivos e, ao mesmo tempo, um perfil ascendente de possessivos, enquanto em relação ao item 'outros' não encontramos qualquer sistematicidade.

O gráfico abaixo registra o perfil dos possessivos e dos partitivos no português arcaico.

Gráfico 19 – Distribuição de 'dele' partitivo e 'dele' possessivo



Uma análise deste gráfico leva a ver nele uma possível implementação do 'dele' possessivo. Se assim for, uma questão se faz relevante: por que os dois perfis são distintos? Haveria alguma correlação entre preferência por 'dele' possessivo e não preferência por 'dele' partitivo? Para encaminhar essa discussão, vamos comparar análises gramaticais de sintagmas possessivos e sintagmas partitivos. Nossa hipótese é a de que teria havido reanálise partitivo > possessivo no eixo do tempo.

### 4.3.1 Da Estrutura Gramatical dos Partitivos

Construções partitivas são definidas semanticamente como sendo a designação da parte em relação ao todo (cf. MATHESON, 1990) e têm sido amplamente estudadas e debatidas por diversos autores sob o ponto de vista sintático<sup>19</sup> desde os primeiros anos da Teoria Gerativa. A análise da estrutura dos partitivos tem variado de acordo com a própria evolução da teoria, especialmente no que concerne à estrutura interna do NP.

A grande discussão em torno desse tema está relacionada primordialmente à análise da estrutura interna do sintagma nominal. De um lado, há autores que defendem a tese de que a estrutura partitiva contém dois nomes, sendo constituída, portanto, por dois NPs (cf. JACKENDOFF, 1977; SELKIRK, 1977; SAUERLAND & YATSUSHIRO, 2004). Por outro lado, há trabalhos que consideram que as construções partitivas seriam compostas por apenas um nome e, conseqüentemente, por um NP (cf. MARTÍ GIRBAU, 1999, 2003). Nesta tese,

---

<sup>19</sup> JACKENDOFF, R. (1968) *Quantifiers in English*; JACKENDOFF (1977) *X' Syntax: A Study of Phrase Structure*; SELKIRK, E. (1977) *Some Remarks on Noun Phrase Structure*; MILNER, J-C. (1978) *De la syntaxe à l'interprétation*; MATHESON, C. (1990) *Syntax and Semantics of English Partitive Noun Phrases*; ENÇ, M. (1991) *The Semantics of Specificity*; SLEEMAN, P. (1996); *Licensing Empty Nouns in French*; HOEKSEMA, J. (1996) *Partitives: Studies on the syntax and semantics of partitive and related constructions*; BARKER, C. (1997) *Partitives, double genitives, and anti-uniqueness*; MARTINHO, F. (1998) *A elipse nominal em Português e em Francês*; ZAMPARELLI, R. (1998) *A theory of kinds, partitives and OF/Z possessives*; STORTO, G. (2000) *Double Genitives Aren't (Quite) Partitives*; KIM, J-B. (2002) *On the Structure of English Partitive NPs and Agreement*; HOEKSEMA, J. (2003) *Partitivity, degrees and polarity*; MARTÍ GIRBAU, N. M. (2003) *Partitives: one or two nouns?*.

vou-me restringir aos autores da primeira abordagem por razões que ficarão claras na seção 4.3.2.

Além disso, há autores que sustentam estar a partitividade diretamente relacionada à noção de especificidade (cf. ENÇ, 1991; SLEEMAN, 1996; MARTINHO, 1998). Nesta tese, essa questão será tratada na seção 4.3.2.2., quando discutirmos a reanálise do item 'dele'.

Vamos iniciar nossa discussão acerca das construções partitivas apresentando como estas se apresentam no português, inglês e francês contemporâneos. Nosso propósito é descrever estruturalmente esse tipo de construção.

#### **4.3.1.1 Construções Partitivas no Momento Atual**

As construções partitivas apresentam uma seqüência *det<sub>1</sub> + preposição + det<sub>2</sub> + nome*. Nos exemplos abaixo, há o estabelecimento de uma relação parte/todo, em que *det<sub>1</sub>* delimita, em cada um dos casos, uma quantificação, definindo um subconjunto de referência:

- (181) a. dois dos livros  
b. muitos dos meus vizinhos

- (182) a. two of the books            ('dois dos livros')  
      b. many of my neighbors       ('muitos dos meus vizinhos')

- (183) a. deux des livres            ('dois dos livros')  
      b. beaucoup de mes voisins   ('muitos dos meus vizinhos')

Há, ainda, outro tipo de construção partitiva, que recebe o nome de “bare partitive”. De acordo com Ihsane (2005:196), no tipo de construção denominada de “bare partitive”, o sintagma preposicionado não é precedido por qualquer elemento que indique uma quantificação. Esse tipo de construção, que é comum tanto no francês como no português, é mais rara na língua inglesa. Os exemplos abaixo ilustram, respectivamente, os “bare partitives” no português, no francês e no inglês<sup>20</sup>:

- (184) a. Eu *bebo do vinho*  
      b. Eu *como do pão*  
      c. Eu me *sirvo da refeição*

- (185) a. Je mange de la viande    ('Eu como da carne')  
      b. Je *bois de la bière*       ('Eu bebo da cerveja')  
      c. Je *prends du cognac*      ('Eu pego do conhaque')

---

<sup>20</sup> Os exemplos de “bare partitives” em francês e em inglês são fornecidos, respectivamente, por Kupferman (1979:7) e Hoeksema (1996:15-16).



- (186) a. Again Tarzan came down into the village and renewed his supply of arrows and *ate of the offering* of food  
'Novamente Tarzan veio até a aldeia e renovou seu suprimento de setas e comeu da comida ofertada.'
- b. He carried some coarse dark bread; *he ate of this* between whiles  
'Ele carregou um pouco de pão escuro e grosso; ele comeu disso de tempo em tempo'

Como se pode ver, tais construções também são partitivas. Embora o sintagma preposicionado não seja precedido por qualquer elemento que indique uma quantificação, há, em todos os exemplos acima, uma relação de delimitação parte/todo.

Em síntese, seriam partitivas as construções que apresentam o formato (quantificador) + Preposição + Det + Nome.

Com o intuito de promover uma caracterização mais ampla das construções partitivas, apresentaremos, a seguir, alguns dos principais trabalhos que tratam do tema partitividade. É nossa intenção buscar subsídios para descrever as construções partitivas encontradas no *corpus*. Feito isso, buscaremos explicar o perfil descendente do 'dele' partitivo e o perfil ascendente do 'dele' possessivo, apresentados acima no gráfico 19.

### 4.3.1.2. Propostas de Análise

Jackendoff (1977), com base no aparato analítico da teoria gerativa, parte de uma diferenciação entre NPs simples e NPs partitivos, conforme exemplificado, respectivamente, em (187) e (188)<sup>21</sup>:

- (187) a. some objections ('algumas objeções')  
b. most students ('a maioria dos estudantes')  
c. all students ('todos os estudantes')  
d. much worry ('muita preocupação')  
e. many students ('muitos estudantes')  
f. neither cars ('nenhum carro')

- (188) a. some of the objections ('algumas das objeções')  
b. most of the students ('a maioria dos estudantes')  
c. all of the students ('todos os estudantes')  
d. much of the worry ('muito da preocupação')  
e. many of the students ('muitos dos estudantes')  
f. neither of the cars ('nenhum dos carros')

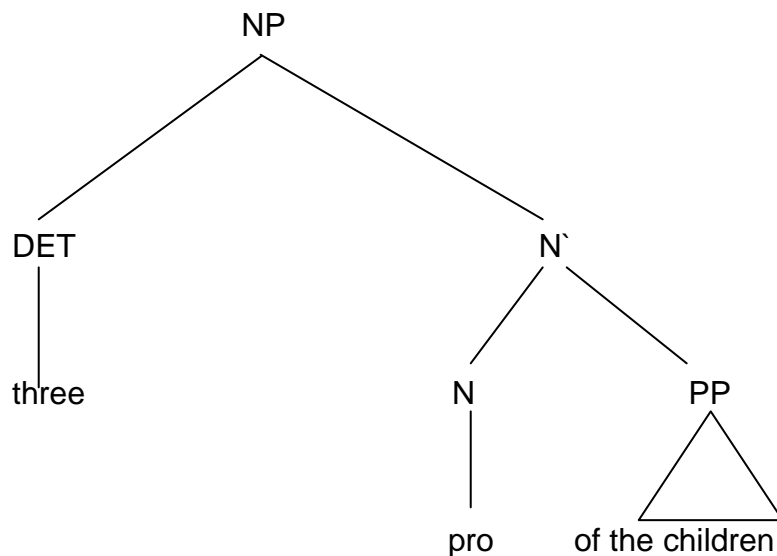
Segundo o autor, o que diferenciaria os dois tipos de NP seria o fato de as construções partitivas serem caracterizadas pela presença de quantificadores seguidos por 'of NP phrase', designando um conjunto a partir do qual certos

---

<sup>21</sup> Estes exemplos foram retirados de Kim (2002:311).

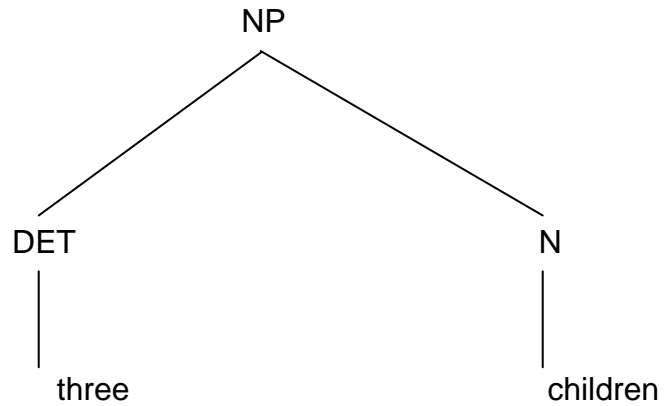
indivíduos são selecionados. Por outro lado, os NPs simples, em oposição aos partitivos, seriam compostos estruturalmente por apenas um nome, como pode ser observado no exemplo (189b). No caso da estrutura partitiva, que está representada em (189a), [e] estaria representando a categoria vazia nome:

(189a) three [e]<sub>N1</sub> of the children<sub>N2</sub> (três [e]<sub>N1</sub> das crianças NP<sub>2</sub>)



(189b) three children<sub>N1</sub>

(três criança NP<sub>1</sub>)



Nesse caso, a estrutura 'of the N<sub>2</sub>', presente nas construções partitivas, se comportaria como objeto do NP que a precede, como pode ser observado nestes dados fornecidos pelo próprio autor (cf. JACKENDOFF, 1977:107):

(190) a. *A gallon of the wine in the kitchen* (*Um galão do vinho na cozinha*)

b. *A gallon of the wine from Sicily* (*Um galão do vinho da Sicília*)

c. \**A gallon in the kitchen of the wine* (\**Um galão na cozinha do vinho*)

d. \**A gallon from Sicily of the wine* (\**Um galão da Sicília do vinho*)

Estes exemplos são interpretados como sendo uma evidência de que a estrutura ‘of the N<sub>2</sub>’ formaria um constituinte. A razão para considerar essa estrutura como sendo um constituinte estaria fundamentada na noção de que as principais categorias sintáticas apresentariam estruturas paralelas. Assim, a estrutura “objeto de NP” seria paralela, por exemplo, à estrutura ‘objeto de VP’.

Segundo Jackendoff (1977:107), os exemplos acima demonstrariam que, assim como é observado em relação a VPs, o objeto (representado pela estrutura ‘of the N<sub>2</sub>’) segue imediatamente o núcleo do sintagma (representado pelo NP ‘a gallon’) e precede os modificadores de N<sub>2</sub> (representados, nos exemplos acima, por ‘in the kitchen’ e ‘from Sicily’).

O trabalho de Selkirk (1977), contemporâneo ao de Jackendoff, igualmente está fundado na idéia de que as construções partitivas seriam caracterizadas pela presença de dois NPs. Operando também com a diferenciação entre NPs simples e NPs partitivos, a autora afirma que os partitivos “contêm um sintagma nominal dentro de outro sintagma nominal” (cf. SELKIRK, 1977:288), sendo representados estruturalmente da seguinte maneira:

$$NP_{\text{someDet}}(\text{of}) NP[\text{her}_{\text{Det}} N_1[\text{objectionNP}]_{N_1} ]_{NP} ]_{NP}$$

Em sua análise, a autora recorre ainda ao princípio da concordância (‘agreement’) para demonstrar a dependência que existe entre o especificador e o

nome no NP partitivos. A autora sugere que os traços que estão envolvidos nessa dependência são [+/- contável], número, gênero e caso. Essa proposta se baseia na noção de que as combinações entre especificador e nome só serão possíveis se eles apresentarem uma relação de concordância, conforme exemplificado a seguir (cf. SELKIRK, 1977:289) em (191) e (192):

- (191) a. She does not believe *much of that story*  
b. We listened to as *little of his speech* as possible  
c. How *much of the frescoes* did the flood damage?  
d. I read *some of the book*

- (192) a. \* She does not believe *much story*  
b. \* We listened to as *little speech* as possible  
c. \* How *much frescoes* did the flood damage?  
d. \* I read *some book*

A autora destaca que, nos enunciados apontados em (191), ocorre o licenciamento do que ela denomina de “mass specifiers” com nomes contáveis no singular, o que já não seria possível com NPs simples, como é demonstrado em (192). Nesse sentido, Selkirk (1977:290) parte do princípio de que os dois tipos de NP são estruturalmente distintos e estabelece que os especificadores devem concordar com o núcleo nominal nos NPs simples, ao passo que, nos NPs

partitivos, “nenhuma relação de concordância entre o quantificador em posição mais alta e o segundo NP é exigida”.

Além disso, Selkirk (1977) assume ainda que NPs simples e NPs partitivos apresentariam outras quatro diferenças do ponto de vista estrutural:

I) o NP em posição mais baixa deve ser definido e, no constituinte introduzido pela preposição ‘of’, nenhuma quantificação do NP é licenciada.

(193) a. Each student	vs.	*Each of students
b. All men	vs.	*All of some men

II) nem todo determinante com sentido quantificacional pode figurar em construções partitivas. Como ilustrado em (194), os determinantes do inglês ‘the’, ‘every’ e ‘no’ não podem ocupar a primeira posição:

(194) *the one of the students	vs.	the students
*every of his ideas	vs.	every idea
*no of your book	vs.	no book

III) os NPs simples e os NPs partitivos apresentam diferentes restrições de ordem semântica. Nas construções partitivas exemplificadas em (195), ocorre o

licenciamento dos quantificadores não-contáveis 'much', 'little' e 'some' com um NP em posição mais baixa que apresente um nome singular contável:

(195) She doesn't believe *much of that story*.

I read *some of that book*.

(196) \*She doesn't believe *much story*.

\*I read *some book*.

IV) a extraposição também se configura como uma diferença entre NPs simples e NPs partitivos. O contraste observado entre (197) e (198) demonstra que, embora o PP 'to this classical mechanical problem' atue como complemento do nome 'answers', a construção partitiva não permite que o PP sofra uma extraposição, conforme exemplificado em (197):

(197) How many of the answers [to his classical mechanical problem] have been found?

\* How many of the answers have been found [to his classical mechanical problem]?

(198) How many answers [to his classical mechanical problem] have been found?

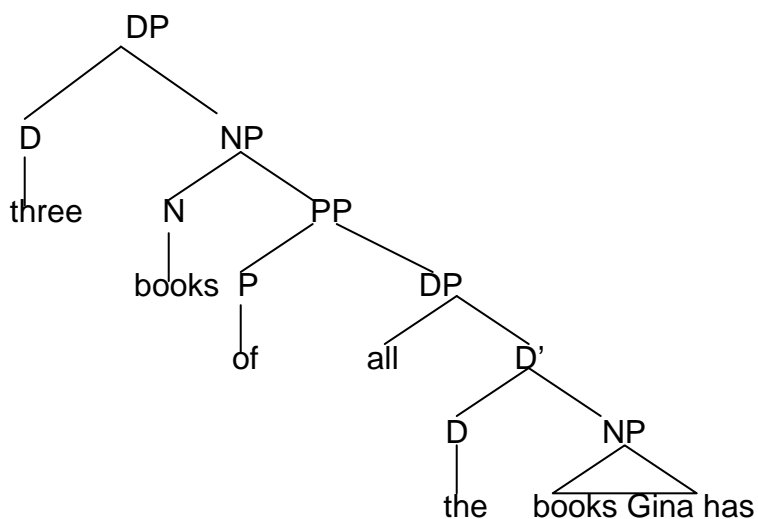
\* How many answers have been found [to his classical mechanical problem]?



Seguindo a mesma linha de análise de Jackendoff (1977) e de Selkirk (1977), Sauerland & Yatsushiro (2004), em um recente trabalho, também propõem que os partitivos sempre envolveriam dois NPs e consideram que a preposição ‘of’ seria a responsável por delimitar um tipo de relação que Ladusaw (1982) denomina de “part-relation”. E, nesse caso, os autores assumem que um ou ambos os nomes podem sofrer apagamento nas construções partitivas, conforme sugerido abaixo em um exemplo do inglês:

(199) three books of all the books Gina has

(200)



(201) a. three ~~books~~ of all the books Gina has  
'três ~~livros~~ de todos os livros que Gina possui'

b. three books of those ~~books~~  
'três livros daqueles ~~livros~~'

c. three ~~books~~ of those ~~books~~  
'três ~~livros~~ daqueles ~~livros~~'

Vemos que, na estrutura proposta por Sauerland & Yatsushiro (2004), haveria um outro quantificador dentro do sintagma preposicionado:

Quantificador + DP + Preposição + Quantificador + DP<sub>definido</sub>

Esta proposta, como será mostrado adiante, será de suma importância na delimitação da reanálise do item 'dele'.

Vimos até aqui que as construções partitivas podem apresentar todos os elementos 'quantificador + DP + Prep + DP<sub>definido</sub>' ou apenas alguns deles. A partir das propostas apresentadas acima, podemos identificar a existência das seguintes estruturas:

- a) Quantificador + DP + Preposição + DP<sub>definido</sub>  
*'três livros dos livros deles'*
- b) Quantificador + Ø<sub>DP</sub> + Preposição + DP<sub>definido</sub>  
*'três dos livros deles'*
- c) (Quantificador) + Preposição + DP<sub>definido</sub>  
*'bebo do vinho'*
- d) Quantificador + DP + Preposição + Quantificador + DP<sub>definido</sub>  
*'três livros de todos os livros deles'*
- e) Quantificador + Ø<sub>DP</sub> + Preposição + Quantificador + DP<sub>definido</sub>  
*'três de todos os livros deles'*

É importante ressaltar aqui que, quando há omissão dos dois nomes que compõem a estrutura partitiva, a seqüência fica ambígua em relação à interpretação do item 'dele'. Os dados do português contemporâneo mostram isso:

(202) a. um livro dos livros deles sumiu → um Ø dos livros deles sumiu

(203) um livro de todos os livros deles sumiu → um Ø de todos os livros deles  
 sumiu → um Ø de todos os Ø deles sumiu → um Ø dos Ø deles sumiu → um  
 deles sumiu

Nos enunciados acima, vemos que, quando não há elementos omitidos ou quando há omissão de apenas um dos nomes que compõem a estrutura partitiva, o item 'dele' se refere ao possuidor. Assim, temos paráfrases como:

(204) um livro dos livros *deles* sumiu

(204') um  $\emptyset$  dos livros *deles* sumiu

(204'') um  $\emptyset$  dos livros *que pertencem a eles* sumiu

(205) um livro de todos os livros *deles* sumiu

(205') um  $\emptyset$  de todos os livros *deles* sumiu

(205'') um  $\emptyset$  de todos os livros *que pertencem a eles* sumiu

Por outro lado, quando há a omissão dos dois nomes que compõem a estrutura partitiva, o item 'dele' pode ser interpretado como se referindo ao possuído. Vejamos:

(206) um  $\emptyset$  de todos os  $\emptyset$  *deles* sumiu

(206') um  $\emptyset$  de todos os  $\emptyset$  *que pertencem a eles* sumiu

(207) um  $\emptyset$  dos  $\emptyset$  *deles* sumiu

(207') um  $\emptyset$  dos  $\emptyset$  *que pertencem a eles* sumiu

(208) um *deles* sumiu

(208') um *dentre os livros* sumiu

Verificamos que, quando há apagamento de ambos os nomes, em um primeiro momento, 'dele' é co-referente ainda ao possuidor, o que é comprovado a partir de paráfrases como (206) e (207). No entanto, quando a seqüência 'dos deles' sofre haplologia, levando ao enunciado 'um deles', vemos que o item 'deles' pode ser co-referente ao possuído e ao possuidor.

Outra ambigüidade é a que está presente no item 'um', que pode ser interpretado como artigo indefinido ou como quantificador. No enunciado 'um  $\emptyset$  dos  $\emptyset$  *deles* sumiu', o item 'um', se interpretado como artigo indefinido, reforça a interpretação do item 'deles' como possessivo e como co-referente ao possuidor, indicando se tratar de 'um livro qualquer que pertence a eles'. Por outro lado, 'um' pode ser interpretado também como quantificador, sendo co-referente ao possuído e estabelecendo uma relação de partição, na qual 'um dentre os livros' está sendo destacado.

Feitas essas considerações em relação ao português atual, passemos aos dados do português dos séculos XIII e XIV, que são objeto de estudo nesta tese. Nosso propósito é analisar construções contendo o item 'dele' no período arcaico, investigando se podem ser ambíguas, como no português atual, ou se são, de algum modo, diferentes.

### 4.3.1.3. As Construções dos Séculos XIII e XIV

Em relação aos séculos XIII e XIV, constatamos que é característica a presença de um quantificador explícito, que é acompanhado, nesse caso, pelo apagamento do primeiro nome que compõe a estrutura partitiva. Vejam-se os exemplos abaixo:

(209) O alcayde no~ receba testimonhas ne~ prouas e[n] nenhuu preyto d(e) **nenhua**  $\emptyset_{NP1}$  **das p(ar)tes** $_{NP2}$ . (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(210) E quando **alguu**  $\emptyset_{NP1}$  **dos alcaydes** $_{NP2}$  leyxar outro en **seu** logar, que iuyge assy como ya dito e', lexe ome boo p(er) aquello e que iure que faça deryto a cada huu. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(211) [...] e sobre esto entrar en uoz, no~ possa d(e)poys deytarillo p(er) **nenhua**  $\emptyset_{NP1}$  **destas razoes** $_{NP2}$ , fora se iurar q(ue) an(te) no~ sabya aq(ue)lha razo~ p(er) q(ue) o queria~ deytar. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

No caso das construções partitivas constituídas pelo item 'dele', encontramos 115 ocorrências nos séculos XIII e XIV, todas com o apagamento dos dois nomes que constituem a estrutura partitiva. Apresentamos, a seguir, algumas das ocorrências encontradas.

(212) Se o home~ q(ue) pelei´ar cu~ out(ro) e **algu~u deles** teu(er) ferida asyna´a´da deue-a mostrar a Justi´ça en esse di´a se for na villa e faze-lo cu~ ela. (Dos Costumes de Santarém / Século XIV in RODRIGUES, 1992)

(213) Partilha entre os filhos de Rodrigo Affonso e Giomar Rodriguiz, pela qual **um deles**, Afonso Rodriguiz, recebe os herdamentos em Couto de Negrelos. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(214) E Lopo Marti~iz foy co~tra la e dessoterrou quatro dardos [...] o~metidos açiinte; e, co~ **dous deles**, feryo o cavallo de Ayras Vaaz. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

A análise de todas as 115 ocorrências chamou a atenção por um fato em particular, a saber: assim como ocorre no português contemporâneo, as construções que apresentam o apagamento dos dois nomes no português arcaico apresentam o item ‘dele’ como co-referente ao possuído. Prova disso é a existência de paráfrases como as que se seguem:

(215) Se o home~ q(ue) pelei´ar cu~ out(ro) e **algu~u deles** teu(er) ferida asyna´a´da

(215’) Se o home~ q(ue) pelei´ar cu~ out(ro) e **algu~u dentre os homens** teu(er) ferida asyna´a´da

(216) Partilha entre os filhos de Rodrigo Affonso e Giomar Rodriguiz, pela qual **um deles** recebe os herdamentos

(216’) Partilha entre os filhos de Rodrigo Affonso e Giomar Rodriguiz, pela qual **um dentre os filhos** recebe os herdamentos

(217) E Lopo Marti~iz foy co~tra la e dessoterrou quatro dardos [...] e, co~  
**dous deles**, feryo o cavallo

(217') E Lopo Marti~iz foy co~tra la e dessoterrou quatro dardos [...] e, co~  
**dous dentre os dardos**, feryo o cavallo

Encontramos também no *corpus* 4 ocorrências constituídas pelo item 'dele' em que há a omissão do quantificador, caracterizando a estrutura denominada de "bare partitive". Apresentamos abaixo as ocorrências encontradas.

(218) E se no~ ouu(er) de que lho peytar, seya metudo en seu poder daq(ue)l (contra) que disse a falsidad(e) e **s(er)uasse del** ata que llo peyte todo muy bem. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(219) [...] costume he q(ue) os mayordomos q(ue) filha~ pegoires & **husar deles** p(er)ca seu dereyto & correga os pegoires a seu dono taes q(ua)es lhos tomou & outrossy o judeu e o mouro. (Dos Costumes de Santarém / Século XIII in RODRIGUES, 1992)

(220) E o dono do ga´a´do no~ lhi de rem se no~ aq(ui)lo que lhi custou. a g(ua)rdar se sse o mo´o´rdomo no~ **s(er)uyo dele**. E se sse **del s(er)ui´o** nom lhy de nemi´galha. (Dos Costumes de Santarém / Século XIV in RODRIGUES, 1992)

Ao conjunto de 115 ocorrências de enunciados com o item 'dele', aplicamos cinco testes cujo objetivo é diferenciar NPs simples e NPs partitivos. Nosso propósito foi verificar se havia estruturas ambíguas.



Os testes consistiam em verificar a presença das seguintes propriedades:

a) os NPs partitivos não admitem que o quantificador sofra modificação por um adjetivo; b) não é aceitável a presença de complementos entre o quantificador e “of the N<sub>2</sub>” nas construções partitivas; c) na estrutura partitiva, nenhuma relação de concordância entre o quantificador em posição mais alta e o segundo NP é exigida; d) nem todo determinante com sentido quantificacional pode figurar em construções partitivas; e) nos NPs partitivos, não ocorre extraposição do PP que complementa o segundo nome.

a) **Teste 1:** os NPs partitivos não admitem que o quantificador sofra modificação por um adjetivo

Jackendoff (1977), ao promover uma diferenciação entre NPs simples e NPs partitivos, destaca que nos NPs partitivos não ocorre o licenciamento de modificadores junto ao quantificador, conforme exemplificado abaixo:

(221) a. muitos estudantes (NP simples)

b. muitos bons estudantes (NP simples)

(222) a. muitos dos estudantes (NP partitivo)

b. \*muitos bons dos estudantes (NP partitivo)

Esta propriedade que caracteriza as construções partitivas pode ser atestada nos dados apurados nesta pesquisa. Conforme exemplificado em (223), também não é possível a presença de modificadores junto ao quantificador em construções partitivas constituídas pelo item 'dele':

(223) a. e nos auem(os) forte e f(ir)me q(ue) quer q(ue) seja feyto p(er) o dito p(ro)c(ur)ador en todas estas cousas e en **cada hua delas**.  
(Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

b. \* e nos auem(os) forte e f(ir)me q(ue) quer q(ue) seja feyto p(er) o dito p(ro)c(ur)ador en todas estas cousas e **en cada hua importantes delas**.

b) **Teste 2:** não é aceitável a presença de complementos entre o quantificador e 'of the N<sub>2</sub>' nas construções partitivas

Segundo Jackendoff (1977), uma das evidências de que a estrutura 'of the N<sub>2</sub>' formaria um constituinte estaria fundamentada na noção de que as principais categorias sintáticas apresentariam estruturas paralelas. Assim, a estrutura 'objeto de NP' seria paralela, por exemplo, à estrutura 'objeto de VP'. Nesse caso, conforme exemplificado em (224), assim como é observado em relação a VPs, o objeto (representado pela estrutura 'of the N<sub>2</sub>') segue imediatamente o núcleo do sintagma (representado pelo NP 'um galão') e precede os modificadores de N<sub>2</sub> (representados, nesse caso, por 'in the kitchen' e 'from Sicily'). Desse modo, de

acordo com o autor, não seria aceitável a presença de modificadores entre o quantificador e o constituinte ‘of the N<sub>2</sub>’:

- (224) a. *A gallon of the wine* in the kitchen  
b. *A gallon of the wine* from Sicily  
c. \* *A gallon* [in the kitchen] of the wine  
d. \* *A gallon* [from Sicily] of the wine

Esta propriedade que caracteriza as construções partitivas também está presente nos dados que apuramos. Em (225b), podemos constatar que não é aceitável a presença da oração relativa ‘q(ue) u(er)dadei’ro (e) lijdimho p(ro)c(ur)ador pode diz(er)’ entre o quantificador e o PP ‘delas’:

- (225) a. (e) faz(er) todas as coisas (e) **cada hu~a delas** [q(ue) u(er)dadei’ro (e) lijdimho p(ro)c(ur)ador pode diz(er)] (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)  
b. \* (e) faz(er) todas as coisas (e) **cada hu~a** [q(ue) u(er)dadei’ro (e) lijdimho p(ro)c(ur)ador pode diz(er)] **delas**

A ocorrência desta oração relativa entre o quantificador e o PP ‘delas’ acarretaria, inclusive, uma mudança de sentido no enunciado ‘cada hu~a q(ue) u(er)dadei’ro (e) lijdimho p(ro)c(ur)ador pode diz(er) delas’, uma vez que a leitura

partitiva se perderia e o PP ‘delas’, na posição em que ocorre – posposto ao verbo ‘dizer’ –, seria interpretado como ‘a respeito delas’, fazendo com que a construção em questão apresente a leitura ‘cada uma que o verdadeiro e legítimo procurador pode dizer a respeito delas’.

- c) **Teste 3:** na estrutura partitiva, nenhuma relação de concordância entre o quantificador em posição mais alta e o segundo NP é exigida

Outro teste que utilizaremos aqui para comprovar que o item ‘dele’ podia ser interpretado como partitivo nos séculos XIII e XIV é o apresentado por Selkirk (1977). De acordo com o autor, nos NPs simples, os especificadores devem concordar com o núcleo nominal, como ilustrado em (226). Já as construções partitivas, conforme exemplificado em (227), seriam caracterizadas pela ausência de concordância entre o quantificador em posição mais alta e o segundo NP.

- (226) a. Ele leu *muitas histórias*  
b. \* Ele leu *muito histórias*

- (227) a. Ele não entendeu *muito da história*  
b. \* Ele não entendeu *muita da história*

Também nos dados apurados nesta pesquisa, foi possível comprovar a presença desta propriedade. Com base nos enunciados (228b) e (229b),

verificamos que não ocorre, nos NPs partitivos, uma relação de concordância entre o quantificador em posição mais alta e o segundo NP. Portanto, no caso dos enunciados em questão, os quantificadores ‘nenhua’ e ‘nenhuu’ não concordam, respectivamente, com ‘dellas’ e ‘delles’:

(228) a. [...] e as cartas se (contra)dissere~ hu~a a out(ra), **nenhua dellas**\_no~ ualle (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

b. \* [...]e as cartas se (contra)dissere~ hu~a a out(ra), **nenhuas dellas**\_no~ ualle

(229) a. E se **nenhuu delles** no~ segueo o alçamento (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

b. \* E se **nenhuus delles** no~ segueo o alçamento

d) **Teste 4:** nem todo determinante com sentido quantificacional pode figurar em construções partitivas

Selkirk (1977), com o intuito de definir as propriedades que caracterizam as construções partitivas, estabelece que, diferentemente do que ocorre com os NPs simples, nem todo determinante com sentido quantificacional pode figurar em construções partitivas. Como ilustrado em (230), os determinantes do inglês ‘the’, ‘every’ e ‘no’ não podem ocupar a primeira posição:

- |  |     |                                 |
|--|-----|---------------------------------|
| (230) a. *the one of the students<br>'* o um dos estudantes' | vs. | the students<br>'os estudantes' |
| b. *every of his ideas<br>'cada de suas idéias'              | vs. | every idea<br>'cada idéia'      |
| c. *no of your book<br>'nenhum de seu livro'                 | vs. | no book<br>'nenhum livro'       |

Nos dados dos séculos XIII e XIV, confirmamos que também nem todo determinante com sentido quantificacional pode ocorrer nas construções partitivas constituídas pelo item 'dele'. Conforme demonstrado respectivamente em (231b) e (232b), o determinante 'o' não pode ocupar a primeira posição e o determinante 'cada' não pode ocorrer sozinho em NPs partitivos:

(231) a. [...] q(ue) aya~ de uer huus co~ outros e ambos ou **huu delles** q(ui)s(er) fillar ordi~, possano fazer. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

b. \* [...] q(ue) aya~ de uer huus co~ outros e ambos ou **o huu delles** q(ui)s(er) fillar ordi~, possano fazer.

(232) a. [...] segu~do o acordo do out(ro) Jui'z (e) do Tabalhio~ q(ue) p(er) todas estas rrazo~es (e) p(er) **cada hu~a delas** (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

b. \* [...] segu~do o acordo do out(ro) Jui'z (e) do Tabalhio~ q(ue) p(er) todas estas rrazo~es (e) p(er) **cada delas**

- e) **Teste 5:** nos NPs partitivos, não ocorre extraposição do PP que complementa o segundo nome

Segundo Selkirk (1977), os NPs partitivos se diferenciam dos NPs partitivos por não licenciarem a extraposição do PP que complementa o constituinte 'of the N<sub>2</sub>'. Em (233), verificamos que a extraposição é claramente possível com NPs simples. O mesmo, entretanto, não ocorre nas construções partitivas, conforme ilustrado em (234):

- (233) a. *How many answers* [to his classical mechanical problem] have been found?  
'Quantas respostas [para seu clássico problema mecânico] foram encontradas?'

- b. *How many answers* have been found [to his classical mechanical problem]?  
'Quantas respostas foram encontradas [para seu clássico problema mecânico]?'

- (234) a. *How many of the answers* [to his classical mechanical problem] have been found?  
'Quantas das respostas [para seu clássico problema mecânico] foram encontradas?'

- b. \* *How many of the answers* have been found [to his classical mechanical problem]?  
'Quantas das respostas foram encontradas [para seu clássico problema mecânico]?'

Nos dados apurados nos *corpora* analisados, verificamos que, nas construções partitivas constituídas pelo item ‘dele’, a extraposição do PP que complementa o constituinte ‘of the N<sub>2</sub>’ também não é aceitável:

(235) a. [...]no~ q(ue)riom dar as d(i)tas Cousas e~ Cada hu~u Ano ou  
**Cada hu~a dellas** [Ao d(i)to Mom(steiro)] q(ue) o penhorauo~.  
(Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

b. \* [...]no~ q(ue)riom dar as d(i)tas Cousas e~ Cada hu~u Ano ou  
**Cada hu~a dellas** q(ue) o penhorauo~ [Ao d(i)to Mom(steiro)]

Com base na aplicação dos cinco testes discriminados acima, confirmamos que, nos séculos XIII e XIV, foram identificadas 115 ocorrências de construções partitivas típicas constituídas pelo item ‘dele’. Vale ressaltar aqui que, por construções partitivas típicas, consideramos aquelas caracterizadas pela presença de quantificador e por dois nomes (cf. JACKENDOFF, 1977; SELKIRK, 1977; SAUERLAND & YATSUSHIRO, 2004). A análise das 115 ocorrências permitiu observar ainda que o item ‘dele’, nas construções partitivas, é co-referente ao possuído, o que confirma sua interpretação como partitivo, e não como possessivo.

Além disso, verificamos um conjunto de ocorrências em que os testes não levaram aos resultados previstos, já que não representavam estruturas partitivas típicas.



Com o propósito de apresentar um panorama geral das construções partitivas no português arcaico, sintetizaremos abaixo as estruturas encontradas no *corpus*, considerando tanto as que são constituídas por ‘dele’ como as que não o são. Vejamos:

(1) ocorrências do tipo [quantificador + DP + P + DP<sub>definido</sub>]

Não encontramos no *corpus* nenhuma ocorrência de construção partitiva com os dois nomes realizados fonologicamente. Entretanto, encontramos o primeiro ou o segundo NP realizado fonologicamente e o outro apagado, conforme se pode ver abaixo:

a) [quantificador + DP + Prep + Ø<sub>DPdefinido</sub>]

(236) E outrossy, das suas rendas, deu a algu~us delles **mais terras das** que tiinham e outros que as ataaly non ouveron deulhes terras novamente. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

b) [quantificador + Ø + Prep + DP<sub>definido</sub>]

(237) O alcayde no~ receba testimonhas ne~ prouas e[n] nenhuu preyto d(e) **nenhua das p(ar)tes**. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

(2) ocorrências do tipo [ $\emptyset$  + DP +  $\emptyset$  preposição +  $\emptyset$  DPdefinido + dele]

Encontramos no *corpus* construções que, embora não apresentem quantificador, licenciam uma interpretação partitiva. Como se pode observar nas ocorrências abaixo, o item ‘dele’ ocorre em um DP<sub>indefinido</sub> e apresenta uma leitura ambígua, podendo ser interpretado como possessivo, sendo co-referente ao possuidor, e como partitivo, sendo co-referente ao possuído. Prova disso é ocorrência de paráfrases como as que se seguem:

(238) [...] (e) deusse delas por bem pago (e) o d(i)to Mon(steiro) (e) o p(ri)ol (e) **be~e~s del.** (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(238') [...] (e) deusse delas por bem pago (e) o d(i)to Mon(steiro) (e) o p(ri)ol (e) **be~e~s que pertencem a ele.**

(239) [...] (e) deusse delas por bem pago (e) o d(i)to Mon(steiro) (e) o p(ri)ol (e) **be~e~s del.** (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

(239') [...] (e) deusse delas por bem pago (e) o d(i)to Mon(steiro) (e) o p(ri)ol (e) **be~e~s dentre os todos os be~e~s.**

(3) ocorrências do tipo [quantificador +  $\emptyset$  DP<sub>1</sub> + P + [DP<sub>definido</sub> dele]]

(240) [...] e os saberem bem cavalgar e correger e aver em sua casa muytos e boos cavalgadores e bem emcavalgados, de que a **mayor parte dos senhores delles** muyto praz. (Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela / Século XV in PIEL, 1994)

(4) ocorrências do tipo [quantificador+ Ø<sub>DP1</sub> + Ø<sub>preposição</sub> + [Ø<sub>DPdefinido</sub> dele]]

(241) Se o home~ q(ue) pelei'ar cu~ out(ro) e **algu~u deles** teu(er) ferida asyna'á'da deue-a mostrar a Justi'ça en esse di'a se for na villa e faze-lo cu~ ela. (Dos Costumes de Santarém / Século XIV in RODRIGUES, 1992)

(5) ocorrências do tipo [quantificador + DP + Prep + todos + [DP<sub>definido</sub> dele]]

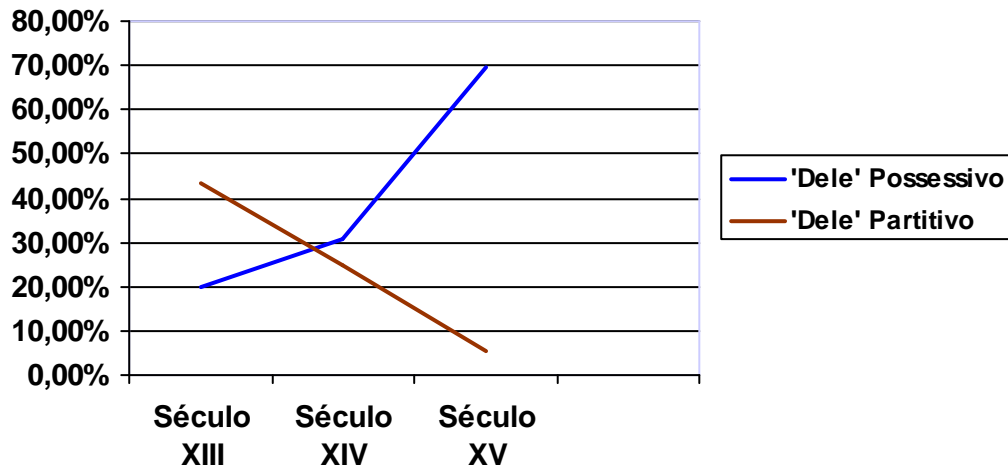
(242) Algu~us dias passados, o conde e o mestre entraro~ na cidade de Tolledo, no~ per prazer de **algu~u morador de todos os moradores dela**, por que se arrendya~ do que avya~. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

A seguir, com base nas evidências encontradas nesta seção, discutiremos as etapas que teriam caracterizado a reanálise 'dele' partitivo > 'dele' possessivo.

#### 4.3.2. A Reanálise do Item 'Dele'

Iniciaremos esta seção repetindo aqui o gráfico 19, em que se vê a queda do item 'dele' como partitivo e o aumento de sua frequência de uso como possessivo:

Gráfico19 – Distribuição de 'dele' partitivo e 'dele' possessivo



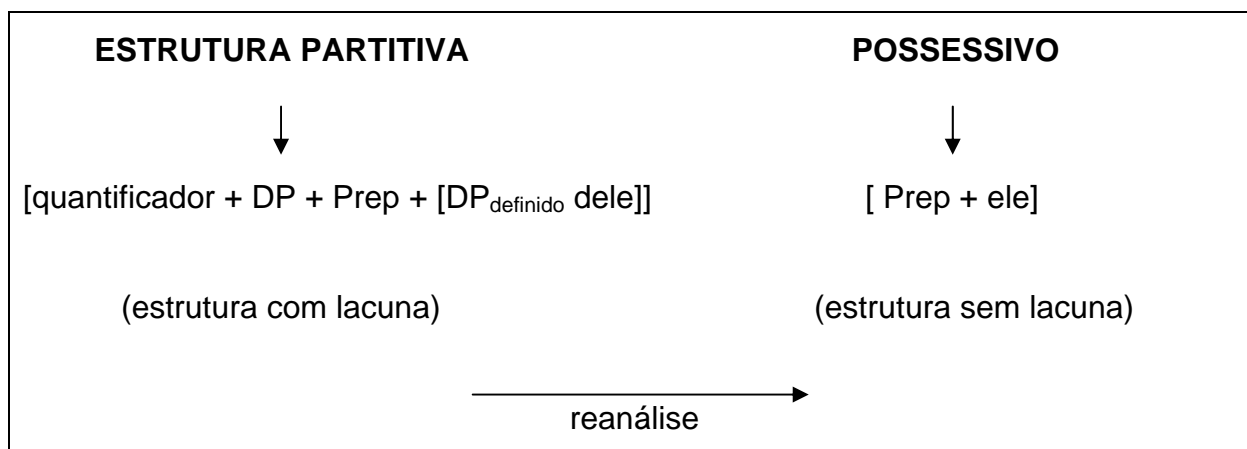
Este gráfico mostra que, do século XIV para o século XV, ocorreu um aumento muito significativo na frequência de uso do item 'dele' como possessivo. Esse aumento foi acompanhado por uma queda no número de ocorrências de 'dele' como partitivo. Nesta seção, argumentaremos a favor da reanálise do partitivo 'dele' como possessivo de terceira pessoa. Iniciaremos nossa discussão apresentando as etapas que teriam constituído a reanálise do item 'dele'.

#### 4.3.2.1. As Etapas da Reanálise

Sauerland & Yatsushiro (2004) propõem, a partir de exemplos do inglês, que a estrutura partitiva, ao ser constituída por dois NPs, apresentaria o

apagamento de um ou de ambos os nomes que a constituem. Essa proposta será adotada em nossa análise.

Vamos argumentar aqui que 'dele' teria sido inicialmente parte de um sintagma partitivo e posteriormente teria sido reanalisado como possessivo. Mais exatamente, teríamos tido o seguinte processo diacrônico:



Se esta hipótese estiver correta, vamos encontrar no *corpus* testemunhos das seguintes etapas no processo diacrônico de uso do 'dele':

1<sup>a</sup>. Etapa: presença dos dois NPs realizados fonologicamente;

2<sup>a</sup>. Etapa: presença do primeiro ou do segundo NP realizado fonologicamente e o outro apagado;

3<sup>a</sup>. Etapa: ambos apagados;

4<sup>a</sup>. Etapa: reanálise do sintagma preposicional como possessivo.

É importante lembrar que essa hipótese foi formulada com o propósito de explicar por que, no *corpus*, 'dele' ocorre inicialmente em construções partitivas e, posteriormente, em construções não-partitivas.

A análise dos dados presentes no *corpus* nos mostrou o seguinte em relação a cada uma das etapas previstas:

1ª. Etapa: presença dos dois NPs realizados fonologicamente

Não foi encontrada, em todo o *corpus*, nenhuma ocorrência de construção partitiva com os dois NPs realizados fonologicamente.

2ª. Etapa: presença do primeiro ou do segundo NP realizado fonologicamente e o outro apagado

(243) E outrossy, das suas rendas, deu a algu~us delles **mais terras das** que tiinham e outros que as ataaly non ouveron deulhes terras novamente. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

Tem-se aqui [mais terras das ~~terras~~ que tinham] = [quantificador + DP + Prep + Ø<sub>DP</sub>].

(244) E quando **alguu dos alcaydes** leyxar outro en seu logar, que iuyge assy como ya dito. (Foro Real / Século XIII in FERREIRA, 1987)

Já aqui se tem [algum ~~aleaide~~ dos alcaides] = [quantificador + Ø<sub>DP</sub> + Prep + DP<sub>definido</sub>].

3ª. Etapa: apagamento do segundo NP, deixando uma seqüência [dos de], que possibilitaria o processo fonológico de haplologia

(245) Estando el rey en aquel cerco, veo nas gentes do arreal dos crista~aos tam gram te~pestade de moscas que nenhu~u **dos da** hoste no~ podia comer cousa en que ellas non caissem. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

4ª. Etapa: reanálise do sintagma preposicional como possessivo

[quantificador + Ø<sub>DP</sub> indicador de parte] > [de Ø<sub>DP</sub> indicador do total do conjunto + de locativo] >  
[quantificador + Ø<sub>DP</sub> indicador de parte + de locativo] = NP complexo > NP simples

(246) [...] q(ue) ue~ de q(ua)trocent(os) (e) t(re)s A~nos (e) deusse delas por bem pago (e) o d(i)to Mon(steiro) (e) o p(ri)ol (e) **be~e~s del.** (Textos Notariais / Século XIV in MARTINS, 1994)

Em resumo, temos um processo em que um NP complexo foi reanalisado como NP simples. Assim, [de + eles], que indicava total de um conjunto, passou a ser analisado como possuidor.

O sintagma preposicional [de + DP], mesmo quando não pronominalizado, foi reanalisado. Assim, [de + DP<sub>indicador do total do conjunto</sub>] e também [de+ DP<sub>locativo</sub>] passaram ambos a ser interpretados como 'de + DP<sub>possuidor</sub>'.

Vejam-se os seguintes dados:

(247) E ma~do O casal de lourosela meu A la Ordin dauis. E ma~do quraenta liuras por **Almas dos de nauarra** . (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(248) E ficou el rey e~ **poder dos de Valhadolide**, os quaaes ho criaro~, ataa que ouve #XIIIlo a~nos. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

(249) Eu Antonyo p(er)jz Tabalio~ ssob(re)d(i)to ha rrogo (e) ha **ma~dado dos de ssusso djtos** esta Ca(r)ta esc(re)puy co~ mj~a ma~ho p(ro)pya (e) meu sjnal y. puy (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

A seguir, apresentamos quantitativamente a presença de cada uma das etapas que constituem o processo diacrônico de uso do item 'dele' no *corpus*:



Tabela 31 – Etapas da reanálise do item ‘dele’ nos séculos XIII, XIV e XV

Etapas da reanálise	N.º	%
1ª. Etapa: presença dos dois NPs realizados fonologicamente	0	0
2ª. Etapa: presença do primeiro ou do segundo NP realizado e o outro apagado	137	27.4%
3ª. Etapa: apagamento do segundo NP, deixando a seqüência [dos de]	21	4.2%
4ª. Etapa: reanálise do sintagma preposicional como possessivo ‘dele’	342	68.4%
Total	500	100%

Em relação à primeira etapa, como já dissemos anteriormente, não foi encontrada nenhuma ocorrência com a presença dos dois NPs realizados fonologicamente. Já para a segunda etapa, há 137 ocorrências com o primeiro ou o segundo NP realizados fonologicamente. Para a terceira etapa, encontramos 21 ocorrências em que o apagamento do segundo NP levou à seqüência [dos de]. Por fim, representado a quarta e última etapa da reanálise, atestamos 342 ocorrências do item ‘dele’ como possessivo nos séculos XIII, XIV e XV.

Com base na descrição das etapas da reanálise, explicaremos, na próxima seção, por que ‘dele’ ocorre inicialmente em construções partitivas e, posteriormente, em construções não-partitivas.

#### 4.3.2.2. O Conteúdo da Categoria D°

Conforme mostrado no capítulo II, no português arcaico, 'dele' possessivo podia figurar DPs possessivos [+ definidos] e [- definidos]. No primeiro caso, 'dele' apresenta sempre uma interpretação semelhante à do possessivo pré-nominal, funcionando como um artigo e exibindo um papel delimitador. Já quando o nome, seguido por 'dele', não aparece precedido por artigo definido, encontramos ocorrências que mantêm uma interpretação delimitadora e ocorrências que licenciam uma leitura partitiva. Para facilitar nossa análise, exemplificamos novamente aqui esses três casos:

(250) ÉI rey foy sobre a vyla de Guardamar e tomoua e **o castelo dela**. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

DP possessivo com artigo definido antes do nome com interpretação específica

(251) [...] q(ue) todo he do Moesteyro das Donas da Chelas o q(ua)l foy de do~ Rejnaldo (e) de dona Meny~a ssa molh(er) (e) caeu en partiço~ deposs **Morte deles**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

DP possessivo sem artigo definido antes do nome com interpretação específica

(252) [...] ne~ out(ro)s home'és no~ faça~ Çeleyros ne~ adegas en Mo(esteiro)s ne~ en Eij(re)ias. ne~ en se(us) Adros. seno~ Abbades. ou **cl(er)igos delas**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

DP possessivo sem artigo definido antes do nome com interpretação ambígua

Em (250), temos uma interpretação específica, já que o possessivo ‘dela’ se refere claramente ao NP possuidor ‘vyla de Guardamar’. Já em (251), embora ocorra em um DP possessivo [- definido], ‘deles’ apresenta uma interpretação também específica, já que se refere ao NP possuidor [+ específico] ‘do~ Rejnaldo (e) dona Meny~a’. Por outro lado, vemos que, em (252), o possessivo ‘delas’ permite uma interpretação ambígua, licenciando uma leitura possessiva, sendo co-referente ao possuidor, ou uma leitura partitiva, sendo co-referente ao possuído. Prova disso é a existência de paráfrases como:

(253) [...] ne~ out(ro)s home´e´s no~ faça~ Çeleyros ne~ adegas en Mo(esteiro)s ne~ en Ejj(re)ias. ne~ en se(us) Adros. seno~ Abbades. ou **cl(er)igos delas**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(253') [...] ne~ out(ro)s home´e´s no~ faça~ Çeleyros ne~ adegas en Mo(esteiro)s ne~ en Ejj(re)ias. ne~ en se(us) Adros. seno~ Abbades. ou **cl(er)igos que as Igrejas posuem**.  
(interpretação possessiva)

(254) [...] ne~ out(ro)s home´e´s no~ faça~ Çeleyros ne~ adegas en Mo(esteiro)s ne~ en Ejj(re)ias. ne~ en se(us) Adros. seno~ Abbades. ou **cl(er)igos delas**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(254') [...] ne~ out(ro)s home´e´s no~ faça~ Çeleyros ne~ adegas en Mo(esteiro)s ne~ en Ejj(re)ias. ne~ en se(us) Adros. seno~ Abbades. ou **cl(er)igos dentre todos os clérigos**.  
(interpretação partitiva)

O que chama a atenção nos dados apurados é a presença de um considerável número de ocorrências em que o item ‘dele’, mesmo ocorrendo em DPs possessivos sem artigo definido antes do nome, apresenta uma interpretação específica semelhante à do possessivo pré-nominal, funcionando como um artigo e exibindo um papel delimitador. Conforme vimos no capítulo III, a variante ‘dele’ era favorecida, nos séculos XIII e XIV, pelo uso do artigo definido no DP possessivo. Esse favorecimento confirma, desse modo, a não categoricidade do uso do artigo definido com ‘dele’ possessivo.

Repetiremos aqui a tabela 9, apresentada no capítulo II, em que se vê a freqüência de uso do item ‘dele’ nos três contextos exemplificados acima:

Tabela 9 – Freqüência do item ‘dele’ em DPs possessivos com e sem artigo antes do nome

	N.º	%
‘Dele’ em DPs possessivos com artigo definido antes do nome, com interpretação delimitadora	33	49.3%
‘Dele’ em DPs possessivos sem artigo definido antes do nome, com interpretação delimitadora	31	46.3%
‘Dele’ em DPs possessivos sem artigo definido antes do nome, com interpretação ambígua	3	4.4%
Total	67	

Diante desse quadro, resta explicar por que o item ‘dele’, no português arcaico, podia apresentar uma interpretação delimitadora mesmo em contextos [-definidos], caracterizados pela ausência de artigo definido. A análise das 31 ocorrências de ‘dele’ que figuram em DP possessivo sem artigo definido antes do nome e que apresentam uma interpretação delimitadora revela que o item ‘dele’ atuaria como um pronome demonstrativo, apresentando um valor dêitico. A dêixis é definida por Lyons (1979:290) da seguinte maneira:

“Todo enunciado lingüístico se realiza num lugar particular e num tempo particular: ocorre numa situação espaço-temporal.(...) A noção de dêixis – que é simplesmente a palavra grega que exprime a ação de ‘apontar’ ou ‘indicar’, e veio a ser um termo técnico da teoria gramatical – foi introduzida para indicar os traços ‘orientacionais’ da língua que se relacionam com o tempo e o lugar do enunciado. Os chamados pronomes pessoais – eu, tu (você), ele, etc – constituem apenas uma classe dos elementos da língua cujo significado se determina pela referência às ‘coordenadas dêiticas’ da situação típica do enunciado”

Com base na noção de dêixis proposta por Lyons (1979), vemos que [ Prep + ele] apresentava um valor dêitico ao apontar, em contextos sem artigo definido, o NP possuidor. Vejamos o valor dêitico do item ‘dele’ nas paráfrases abaixo:

(255) [...] q(ue) todo he do Moesteyro das Donas da Chelas o q(ua)l foy de **do~ Rejnaldo (e) de dona Meny~a<sub>i</sub>** ssa molh(er) (e) caeu en partiço~ deposs *Morte* **deles<sub>i/k</sub>**. (Textos Notariais / Século XIII in MARTINS, 2000)

(255') [...] q(ue) todo he do Moesteyro das Donas da Chelas o q(ua)l foy de **do~ Rejnaldo (e) de dona Meny~a<sub>i</sub>** ssa molh(er) (e) caeu en partiço~ deposs *Morte de do~ Rejnaldo (e) de dona Meny~a<sub>i</sub>*.

(256) Depoys da prisa~m e desbarato do conde de Pena Broche, foyse el rey pera a vila de Santo Andre, que he e~ Bizcaya, e fez armar **quare~eta naaos<sub>i</sub>**. E era *capita~ dellas<sub>i/k</sub>* Ruy Diaz de Roxas. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

(256') Depoys da prisa~m e desbarato do conde de Pena Broche, foyse el rey pera a vila de Santo Andre, que he e~ Bizcaya, e fez armar **quare~eta naaos<sub>i</sub>**. E era *capita~ das quare~eta naaos<sub>i</sub>* Ruy Diaz de Roxas. (Crónica Geral de Espanha de 1344 / Século XIV in CINTRA, 1951)

Em (255), o item 'deles' aponta para o NP possuidor 'do~ Rejnaldo (e) dona Meny~a'. O mesmo ocorre em (256), já que 'dellas' também aponta para um NP possuidor [+ específico], representado por 'quare~eta naaos'.

Como já mostramos neste trabalho, através de gráficos e tabelas, houve do século XIII para o século XV um aumento muito expressivo no uso do artigo definido diante das formas possessivas. Vimos, nesse caso, que havia uma competição entre as formas átonas e os artigos definidos pela posição de núcleo da categoria D e que essa competição levou à queda dos possessivos átonos.

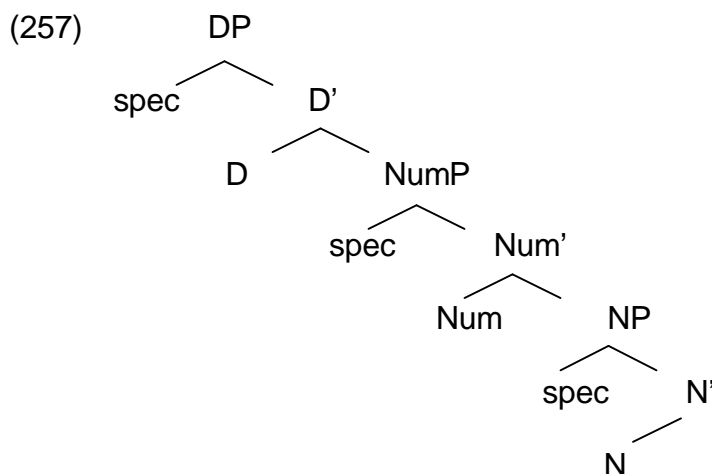
Roberts & Roussou (2003), em um trabalho recente, analisam o conteúdo da categoria funcional D, decompondo os traços que a constituem. Com o propósito de analisar essa categoria, os autores descrevem o processo de reanálise dos demonstrativos latinos 'ille, illa, illud' como artigos definidos.

Roberts & Roussou (2003) assumem que os artigos definidos, embora sejam dêiticos e apresentem traços de concordância, não precisam ser

lexicalmente representados como [+ específico]. Na verdade, o traço [+ específico] seria adquirido estruturalmente pelos artigos definidos, já que eles ocupam a categoria D. Já os demonstrativos ocorreriam em uma posição mais baixa do NP e se moveriam para SpecDP. Ao serem reanalisados como artigos, se moveriam para D.

Para explicar como os itens que originalmente apresentam o traço [+ demonstrativo] passam a ocupar a posição de núcleo de D, os autores se baseiam no trabalho de Renzi (1997), que considera que os artigos definidos e os demonstrativos teriam em comum os traços [+ específico] e [+ dêitico]. Em relação ao traço [+ dêitico], a única diferença entre os artigos definidos e os demonstrativos seria o fato de estes poderem ser usados anaforicamente, o que já não é possível com os artigos.

Além dos traços [+ específico] e [+ dêitico] em D<sup>0</sup>, Roberts & Roussou (2003), com base no trabalho de Ritter (1991, 1995), assumem a presença da categoria NumP, responsável por marcar o número, entre DP e NP:



Segundo Heycock & Zamparelli (2000), a categoria NumP seria responsável também por indicar especificidade, uma vez que expressa traços de concordância (número) e traços de referencialidade que levam a uma interpretação [+ específica].

Com base na análise do conteúdo da categoria funcional D, vemos que os artigos definidos são interpretados como [+ dêiticos] e [+ específicos], levando a uma interpretação delimitadora. Uma prova disso é a ocorrência, no português contemporâneo, de enunciados como ‘SrX e a mulher’ e ‘Dona Maria e o filho’, em que há a presença do artigo definido e a omissão do possessivo ‘dele’. Vejamos:

(258) O Sr. João e **a mulher** saíram cedo.

(258’) O Sr. João e **a mulher dele** saíram cedo.

(259) Onde você viu a Dona Maria e **o filho**?

(259’) Onde você viu a Dona Maria e **o filho dela**?

Vemos, portanto, que no português atual a interpretação [+ específica] e [+ dêitica] do artigo definido dispensa o uso do possessivo. Por outro lado, no português arcaico, encontramos esse tipo de interpretação [+ específica] e [+ dêitica] no item ‘dele’, que podia ocorrer em DPs possessivos [+/- definidos], com a presença ou a ausência de artigo definido.



A presença de uma interpretação [+ específica] e [+ dêitica] para o item ‘dele’ mesmo em DPs possessivos [- definidos] indica que esse item teria sido interpretado, em um primeiro momento, como demonstrativo, já que caberia a ele apontar no discurso um referente [+ específico].

Conforme vimos no capítulo III, houve um aumento muito significativo no uso do artigo definido com a variante ‘dele’, já que as formas tônicas e os artigos não competiam pela mesma posição estrutural. Repetiremos aqui a tabela 27, em que se vê o aumento na freqüência de uso do artigo definido com a variante ‘dele’:

Tabela 27 – Freqüência das variantes antecedidas por artigo definido

	Variantes átonas de ‘seu’		Variantes tônicas de ‘seu’		Variante ‘dele’	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Século XIII	28/593	4.7%	46/730	6.3%	15/33	45.5%
Século XIV	35/235	14.9%	105/814	12.9%	18/31	58.1%
Século XV	9/42	21.4%	626/1632	38.4%	221/278	79.5%
Total	72/870	8.3%	777/3176	24.5%	254/342	74.3%

Esta tabela confirma o aumento significativo no uso do artigo definido com ‘dele’. Esses resultados levam, portanto, a considerar que, na reanálise partitivo > possessivo, o item ‘dele’, que podia ocorrer tanto em contextos com artigo definido como sem artigo definido, atuaria, em um primeiro momento, como um demonstrativo, apontando no discurso um referente [+ específico] diante da

ausência do artigo definido. Conseqüentemente, o aumento no uso do artigo definido, que é por natureza [+ específico] e [+ dêitico], teria levado o próprio artigo definido a apontar no discurso um referente [+ específico], fazendo com que o item 'dele' fosse interpretado como possessivo.

Na reanálise 'dele' partitivo > 'dele' possessivo teria havido, desse modo, uma etapa intermediária, em que 'dele' seria interpretado como demonstrativo e apresentaria o traço [+ dêitico]. Essa conclusão permite voltar a uma discussão à qual demos início nos capítulos II e III: a possibilidade de se estabelecer um paralelo entre o português arcaico e o latim em relação ao uso da variante 'dele' e dos demonstrativos latinos 'eius, earum e eorum'.

Conforme vimos, no latim clássico 'suus, sua, suum' eram reflexivos, sendo empregados se o possuidor fosse o próprio sujeito da oração. Caso contrário, com NPs possuidores não sujeitos, eram usadas as formas demonstrativas 'eius, eorum, earum'. No capítulo III, mostramos que a variante 'dele' era favorecida por contextos em que o NP possuidor não exercia a função de sujeito. O paralelo entre 'dele' e 'eius, earum e eorum' fica mais evidente quando consideramos que, assim como as formas latinas 'eius, eorum, earum', 'dele' seria interpretado também como demonstrativo e apresentaria um valor dêitico.

A seguir, com base na análise do conteúdo da categoria D°, apresentaremos algumas conclusões acerca da reanálise 'dele' partitivo > 'dele' possessivo.

- a) Conclusão 1:** o 'dele' possessivo mantém o traço de especificidade presente no 'dele' partitivo

De acordo com Enç (1991), Sleeman (1996) e Martinho (1998), os partitivos incluídos num conjunto estabelecido no domínio do discurso são sempre específicos, o que quer dizer que a partitividade se encontra associada a uma leitura específica. Os autores assumem que a partitividade envolve a especificação de um subconjunto em relação ao conjunto de referência, ou seja, concebem que os partitivos estariam associados a uma interpretação de quantificação específica.

A presença de uma interpretação delimitadora para o item 'dele' mesmo em DPs possessivos [- definidos] confirma que, na reanálise 'dele' partitivo > 'dele' possessivo, foi mantido o traço especificidade, já que, como vimos, em um primeiro momento, 'dele' seria interpretado como demonstrativo e apresentaria um valor dêitico.

- b) Conclusão 2:** a queda dos possessivos átonos, que ocupariam a posição de núcleo de D e que seriam, portanto, [+ dêiticos], teria levado à implementação de um possessivo que mantivesse os traços [+ específico] e [+ dêitico]

Como vimos, Roberts & Roussou (2003), ao analisarem o conteúdo da categoria funcional D, estabelecem que ela seria constituída pelos traços [+ específico] e [+ dêitico] e pela categoria NumP, responsável também por indicar

especificidade, uma vez que expressa traços de concordância (número) e traços de referencialidade, que levam a uma interpretação [+ específica].

Vimos também que as formas átonas de 'seu' concorriam com os artigos definidos pela posição de núcleo da categoria D. Portanto, os possessivos átonos, ao ocuparem a posição de núcleo de D, seriam, assim como os artigos definidos, [+ específicos] e [+ dêiticos]. Conforme discutimos na seção 4.1.2., a competição entre possessivos átonos e artigos definidos pela posição de núcleo de D e o aumento na frequência de uso do artigo definido teriam levado à queda dos possessivos átonos.

A análise do conteúdo da categoria D revela, portanto, que a queda dos possessivos átonos, que seriam [+ dêiticos] e [+ específicos], teria levado à implementação de uma forma possessiva que mantivesse os traços [+ específico] e [+ dêítico].

- c) Conclusão3:** a queda dos possessivos átonos teria concorrido para a implementação do possessivo 'dele', forma que recuperaria, nesse contexto de mudança, uma relação de concordância até então apresentada pelos possessivos 'se' e 'sse'

Na reanálise 'dele' partitivo > 'dele' possessivo, há ainda outra questão que merece destaque. Conforme já discutido na seção 4.1.2., a queda dos possessivos átonos, decorrente do aumento na frequência dos artigos definidos, teria concorrido para a implementação de uma forma possessiva que recuperaria,

nesse contexto de mudança, uma relação de concordância até então apresentada pelos possessivos 'se' e 'sse': o possessivo 'dele', assim como as formas 'se' e 'sse', apresenta concordância como o NP possuidor, e não com o NP possuído. Portanto, como já vimos anteriormente, 'dele' partitivo, que era co-referente ao possuído, foi reanalisado como 'dele' possessivo, co-referente ao possuidor.

#### **4.4. Conclusões**

Neste capítulo, analisamos a reanálise 'dele' partitivo > 'dele' possessivo. Conforme vimos, a implementação do possessivo 'dele' estaria diretamente relacionada à queda dos possessivos átonos, que competiam com os artigos definidos pela posição de núcleo da categoria D. Como possessivos átonos e artigos definidos se encontram em distribuição complementar, o aumento na frequência de uso do artigo diante das formas possessivas acabou levando à queda de 'se', 'sse', 'sa' e 'ssa'.

Com base na Hipótese da Proporção Constante (Constant Rate Hypothesis), proposta por Kroch (1994), vimos que a queda dos possessivos átonos foi acompanhada pelo aumento na frequência dos possessivos tônicos, já que estes não competiam com os artigos pela mesma posição estrutural.

Além disso, mostramos que o redobro dos possessivos de terceira pessoa não pode ser tratado simplesmente como um recurso de desambigüização, como

propõem Silva (1982, 1991) e Maia (1986). Na verdade, o redobro representaria, no português arcaico, uma manifestação superficial de uma mudança no conteúdo de D°.

Diante das evidências, propusemos, então, que a reanálise de ‘dele’ partitivo como possessivo teria envolvido quatro diferentes etapas. Nesse caso, foi possível verificar também que, em um primeiro momento, o item ‘dele’, ao ser reanalisado, comportava-se como demonstrativo e apresentava um valor dêitico, já que, mesmo em DPs possessivos [- definidos], sem a presença de artigo definido antes do nome, podia haver uma especificação do referente no discurso. Essas evidências permitiram confirmar o paralelo entre ‘dele’ e ‘eius, earum e eorum’, uma vez estes também são demonstrativos e dêiticos.

A análise do conteúdo da categoria D se mostrou crucial na definição desse processo de mudança, já que vimos que os artigos definidos e os possessivos átonos, ao ocuparem a posição de núcleo de D, seriam também [+ dêiticos] e [+específicos].

Vimos, portanto, que queda dos possessivos átonos, que ocupariam a posição de núcleo de D e que seriam, portanto, [+ dêiticos], teria levado à implementação de um possessivo que mantivesse os traços [+ específico] e [+ dêitico]. Além disso, o fato de o possessivo ‘dele’ recuperar, nesse contexto de mudança, uma relação de concordância até então apresentada pelos possessivos ‘se’ e ‘sse’ serviu de base para corroborar que a queda dos possessivos átonos estaria diretamente relacionada à reanálise ‘dele’ partitivo > ‘dele possessivo’.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme destacado desde o início do trabalho, a distribuição dos possessivos de terceira pessoa, embora seja um tema bastante estudado, apresenta ainda muitas questões a serem discutidas e reavaliadas. Esta foi, portanto, a intenção desta tese, já que analisamos os principais trabalhos que tratam do tema, identificamos suas principais lacunas e apresentamos uma análise voltada para questões que ainda não haviam sido tratadas pela literatura.

O primeiro ponto que chamou a atenção foi a ausência de trabalhos que tratem sistematicamente dos possessivos ‘seu’ e ‘dele’ antes do século XV. Silva (1982) realiza um estudo diacrônico desses itens, mas o faz em relação a *corpora* produzidos entre os séculos XV e XX. A análise da autora não trata, desse modo, de duas questões altamente relevantes: a introdução do item ‘dele’ como possessivo na língua portuguesa e a distribuição das variantes átonas de ‘seu’.

Nosso trabalho, desse modo, avança em relação ao trabalho de Silva (1982) ao discutir os fatores que concorreram para a queda dos possessivos átonos e ao analisar a implementação de ‘dele’ como possessivo, identificando os contextos que favoreciam essa variante. Conforme vimos, havia uma competição nítida entre as variantes átonas e os artigos definidos pela posição de núcleo da categoria funcional D, fazendo com que o aumento na frequência do artigo diante

de possessivo no português arcaico levasse conseqüentemente à queda das variantes átonas de 'seu'. Enquanto as formas átonas competiam com artigos pela mesma posição, a variante 'dele' era favorecida por contextos [+ específicos], caracterizados pela presença de artigo definido. A realização deste trabalho permitiu, dessa forma, não apenas descrever os contextos favorecedores das formas variantes, mas principalmente determinar os contextos em que ocorreu a entrada da variante 'dele' no sistema.

Além disso, esta tese mostrou que a ocorrência de construções com redobro envolve questões mais complexas do que as que foram discutidas por Silva (1982:233) e Maia (1986). As autoras assumem que a estrutura possessiva duplicada seria decorrente da ambigüidade apresentada pelo possessivo 'seu', já que, quando havia alguma ambigüidade a ser esclarecida na referência a possuidores humanos, o falante acrescentaria a forma 'dele' para desambigüização, sem, contudo, omitir a forma 'seu', que era a única aceita, até então, para humanos. No entanto, com base nos trabalhos de Kato (2002) e Moraes de Castilho (2001, 2004, 2005), verificamos que o redobro dos possessivos de terceira pessoa indica a transição do processo de mudança em estudo neste trabalho, uma vez que marca o momento em que o item 'dele' foi reanalisado como possessivo diante da queda dos possessivos átonos.

Esta tese permitiu também reenquadrar alguns pontos da análise de Negrão & Müller (1996) e de Müller (1997, 1998). Vimos que Müller (1997, 1998) apresenta uma distinção bastante nítida entre os possessivos pré-nominais e pós-nominais no que diz respeito à interpretação semântica, já que na posição pré-nominal os possessivos apresentariam uma função delimitadora, semelhante a



que caracteriza os artigos definidos, e na posição pós-nominal eles possuiriam um valor predicativo.

Entretanto, mostramos que, no período arcaico, o possessivo 'dele', mesmo ocupando a posição pós-nominal, pode apresentar uma interpretação semelhante à do possessivo pré-nominal, funcionando como um artigo e exibindo um papel delimitador, mesmo com a ausência de um artigo definido antes do nome.

Nosso trabalho permitiu também avançar em relação à análise de Magalhães (2004), que discute o uso variável do artigo diante do possessivo em *corpora* produzidos em Portugal entre os séculos XVI e XIX.

Com base na proposta Schoorlemmer (1998), que considera que há movimento de Pos para D nas línguas em que o possessivo não ocorre com o artigo, a autora conclui que, no português europeu, até o final do século XVIII, haveria uma competição de gramáticas, já que os possessivos podiam se mover para D, nos casos em que eles eram usados sem artigo, ou opcionalmente permanecer na sua posição de base quando eram usados com artigo. Ao selecionarmos como amostra *corpora* anteriores ao século XVI, pudemos identificar uma nítida competição entre a tonicidade do possessivo e a presença do artigo.

A esse respeito, comprovamos que os possessivos átonos são favorecidos pela ausência de artigo no DP possessivo e que as variantes tônicas, por outro lado, são favorecidas por sua presença, já que não competem pela posição de núcleo da categoria funcional D. Como vimos, o aumento na frequência do artigo definido no português arcaico e a competição entre as formas átonas e os artigos definidos pela mesma posição seriam responsáveis pela definição de um amplo

quadro de mudança, caracterizado pela queda dos possessivos átonos e pelo favorecimento das formas tônicas.

Portanto, consideramos que este trabalho reitera a importância que análises diacrônicas podem ter na compreensão da língua, uma vez que a recuperação de sincronias pretéritas pode revelar informações relevantes para que se conheça o presente. No caso específico dos possessivos de terceira pessoa, a análise das variantes em *corpora* anteriores ao século XV validou conclusões apresentadas por trabalhos já realizados bem como reenquadrou questões que são de suma importância no estudo das formas possessivas.

Como a distribuição dos possessivos se mostrou altamente complexa quando avaliada do ponto de vista diacrônico, delinearemos, a seguir, tópicos de pesquisa futura que visam a complementar a análise realizada neste trabalho.

Propomos a realização de uma pesquisa que leve em conta também a distribuição dos possessivos de primeira e de segunda pessoas no português arcaico. A partir de uma análise da distribuição das formas variantes, será possível verificar se, assim como ocorreu com os possessivos de terceira pessoa, a queda das formas átonas estaria relacionada à definição de um perfil ascendente para as formas tônicas em função de sua competição com os artigos definidos.

Com esta pesquisa, confirmaremos se o quadro de mudança apresentado pelos possessivos de terceira pessoa se estende ou não para as demais formas possessivas. Ou seja, comprovaremos que a mudança verificada em relação aos possessivos de terceira pessoa não é isolada, mas está, nos termos de Labov (1972, 1982), encaixada na matriz de um processo de mudança muito mais amplo, que estaria diretamente relacionado ao conteúdo da categoria D<sup>o</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

### **Corpora analisados**

BROCARD, M. T. (ed.) (1994) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*. Tese de Doutorado. Lisboa: F.C.S.H.

CINTRA, L. F. L. (ed.) (1951) *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, I.N.C.M.

CINTRA, L. F. L. (1990), *Boletim de Filologia*, vol. Xxxi

FERREIRA, J. A. (ed.) (1987) *Afonso X, Foro Real*, Lisboa, i.n.i.c.

GARVÃO, M. H. (ed.) (1992) *Foros de Garvão. Edição e Estudo Lingüístico*. Dissertação de Mestrado, Lisboa, f.l.u.l.

MALER, B. (ed.) (1956) *Orto do Esposo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

MARTINS, A. M. (ed.) (1994) *Clíticos na História do Português - Apêndice Documental*, vol. 2, Tese de Doutorado, Lisboa.

MARTINS, A. M. (ed.) (2000) *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*. Edição digitalizada.

NETO, J. A. S. (ed.) (1997) *Duas Leituras do Tratado Ascético-Místico Castelo Perigoso*. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

PIEL, J. (ed. crit.) (1944) *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda Sela*. Lisboa: Bertrand.

RODRIGUES, M. C. M. (1992) *Dos Costumes de Santarém*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, F.L.L.b

## Bibliografia consultada

ABAURRE, M. B. M. & GALVES, C. (1996) Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. T., de e BASÍLIO, M. (orgs.). *Gramática do português falado, vol. IV - Estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP.

ABNEY, S. (1987) *The English Noun Phrase in Its Sentential Aspect*. Doctoral dissertation, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge.

ALEXIADOU, A. & WILDER, Ch. (eds) (1998) *Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam: Benjamins.

ALMEIDA, A. B. (1993) *Pronomes possessivos de 3.<sup>a</sup> pessoa no português falado de São Paulo*. (mimeo).

BARKER, C. (1997) Partitives, double genitives, and anti-uniqueness. *Natural Language and Linguistic Theory* 16/4:679–717.

BEALS, K. et alii. (orgs) (1994) *Papers from the 30th regional meeting of the Chicago Linguistic Society. Parasession on variation and linguistic theory*.

BECHARA, E. (1985) *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática.

CÂMARA JR., J. M. (1975) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

CARDINALETTI, A. (1998) On The Deficient/Strong Opposition in Possessive Systems'. In: ALEXIADOU, A. & WILDER, Ch. (eds) *Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam: Benjamins.

CART, A. et alii. (1986) *Gramática Latina*. São Paulo: EDUSP.

CASTILHO, A. (org) (1993) *Gramática do Português Falado, vol. 3*. Campinas: UNICAMP, FADESP.

\_\_\_\_\_. & BASÍLIO, M. (orgs.) (1996) *Gramática do português falado, vol. IV - Estudos descritivos*. Campinas: editora da UNICAMP.

CERQUEIRA, V. C. (1993) A forma genitiva “dele” e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.

\_\_\_\_\_. (1996) *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. Campinas: UNICAMP/IEL. Tese de Doutorado.

CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.

\_\_\_\_\_. (1989) *Some Notes on Economy of Derivation and Representation*. MIT Working Papers in Linguistics 10.

\_\_\_\_\_. (1994) Bare phrase structure. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 5.

COETZEE, A. et alii (eds.) (2000) NELS 30. Amherst: University of Massachusetts, GLSA.

COHEN, M. A. A. M. & RAMOS, J. M. (orgs.) (2002) *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança* lingüística. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.

COUTINHO, I. de L. (1976) *Gramática Histórica*. 7 ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico.

CULICOVER et alii. (eds.) (1977) *Formal Syntax*. New York: Academic Press.

DA HORA, D. (org.) (1997) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia.

ENÇ, M. (1991) *The Semantics of Specificity*. *Linguistic Inquiry* 22: 1-25.

ERNOUT, A. (1945) *Morphologie historique du latin*. Paris: C. Klincksieck.

FLICKINGER, D. et alii. (eds.) (1982) *Proceedings of WCCFL 1*. ed., Stanford, Calif.

FUKUI, N. & SPEAS, M. (1986). *Specifiers and Projection*. MIT Working papers in Linguistics, 8.

HEYCOCK, C. & ZAMPARELLI, R. (2000). Plurality and NP-coordination. In: COETZEE, A. et alii (eds.) NELS 30. Amherst: University of Massachusetts, GLSA.

HOEKSEMA, J. (1996) Introduction. In: HOEKSEMA, J. *Partitives: Studies on the Syntax and Semantics of Partitive and Related Constructions*. Berlin: Mouton de Gruyter.

\_\_\_\_\_. (2003) Partitivity, degrees, and polarity. In: *Verbum*, Tome XXV, No. 1, University of Groningen.

HOPPER, P. J. (1991) On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.) *Approaches to Grammaticalization I*, Amsterdam: John Benjamins.

HOLTUS, J. et alii (eds.) (1997) *Italica et Romanica. Festschrift für Max Pfister zum 65. Geburtstag*, Niemeyer, Tübingen.

IHSANE, T. (2000) Three Types of Possessive Modifiers. *Generative Grammar in Geneva*, 1.

\_\_\_\_\_. (2005) On the Structure of French du/des 'of.the' constituents. In: *Generative Grammar in Geneva*. Vol. 4 (no prelo).

JACKENDOFF, R. (1968). Possessives in English. *Studies in Transformational Grammar and Related Topics*, AFCRL-68.

\_\_\_\_\_. (1977) *X' Syntax: A Study of Phrase Structure*. Linguistic Inquiry Monograph Two. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

\_\_\_\_\_. (2002): Pronomes fortes e fracos na gramática do Português Brasileiro. *Revista Portuguesa de Filologia*, no prelo.

KAYNE, R. (1975) *French syntax*. Cambridge: The MIT Press.

KIM, J-B. (2002) On the Structure of English Partitive NPs and Agreement. *Studies in Generative Grammar* 12.2, 309-338.

KROCH, A. (1994) Morphosyntactic variation. BEALS, K. et al. (orgs) *Papers from the 30th regional meeting of the Chicago Linguistic Society. Parasession on variation and linguistic theory*.

KUPFERMAN, L. (1979) L'article partitif existe-t-il. *Le français moderne* 47, 1-16.

LABOV, W. (1972) *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

\_\_\_\_\_. (1982) Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

\_\_\_\_\_. (1994) *Princípios del cambio lingüístico*. vol. 1. Trad. de Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos.

\_\_\_\_\_. (2001) *Principles of Linguistic Change*. Vols. 1 e 2. Malden/Mass.Blackwell.

LADUSAW, B. (1982) Semantic constraints on the English partitive construction. In: FLICKINGER, D. et alii. (eds.) *Proceedings of WCCFL 1*. ed., Stanford, Calif.

LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds) (1968). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press.

LLOYD, P. M. (1993) *Del latín al español*. Fonología e morfología históricas de la lengua española. Madrid: Editorial Gredos.

LYONS, J. (1979) *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Nacional.

MAGALHÃES, T. M. V. (2004) *O uso do artigo definido diante do pronome possessivo em textos portugueses do século XIV a XIX*. Inédito.

MAIA, C. de A. (1986) *História do galego-português. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

MARTÍ GIRBAU, N. (1999) 'Towards a unitary analysis of partitive and quantitative constructions', *Oxford University Working Papers in Linguistics, Philology & Phonetics*, vol. 4.

\_\_\_\_\_. (2003) *Partitives: one or two nouns?* XXIX Incontro di Grammatica.

MARTINHO, F. (1998) *A elipse nominal em Português e em Francês*. Thèse de 3<sup>o</sup> Cycle, Faculdade de Letras do Porto.

MARTINS, A. M. (1994) *Clíticos na história do português*. Dissertação de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa.

MATHESON, C. (1990) *Syntax and Semantics of English Partitive Noun Phrases: A Phrase Structure Account*. PhD Dissertation. Edinburgh: University of Edinburgh.

MATTOS E SILVA, R. V. (2001) *Para a História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas, Vol. II, Tomo 1.

MAURER JR., T. H. (1959) *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

MILNER, J-C. (1978) *De la syntaxe à l'interprétation*. Paris: Seuil.

MORAES DE CASTILHO, C. M. (2001). *Seria quatrocentista o português implantado no Brasil? Estruturas sintáticas duplicadas em textos portugueses do*

século XV. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.) *Para a História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas, Vol. II, Tomo 1.

\_\_\_\_\_. (2004) *Primeiras histórias sobre a diacronia do dequeísmo: o clítico 'en' e o dequeísmo das orações relativas no português medieval*. Texto apresentado no VI Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro.

\_\_\_\_\_. (2005) *O processo de redobramento sintático no português medieval: formação das perífrases com 'estar'*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.

MOULTON, K. & WOLF, M (eds.) (2004) *Proceedings of NELS 34*. GLSA, University of Massachusetts, Amherst.

MÜLLER, A. L. (1997) *A Gramática das formas Possessivas no Português do Brasil*. CAMPINAS: UNICAMP. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. (1998) *O significado da ordem dos pronomes possessivos no sintagma nominal*. Revista da ANPOLL. , v.4.

NARO, A. J. (2003) Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.

NEGRÃO, E. V. & MÜLLER, A. L. (1996) As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de forma? *DELTA*, Vol. 12, n.º 1.

NEVES, M. H. M. (1993) Possessivos. In: CASTILHO, A. (org) *Gramática do Português Falado*, vol. 3. Campinas: UNICAMP, FADESP.

NUNES, J. J. (1956) *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Clássica Editora.

OKRENT, A. & BOYLE, J. (eds.) (2000) *Papers from the Thirty-Sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: University of Chicago.

PENNA, H. M. M. M. (2002) O emprego do *ele*-acusativo: do português brasileiro ao latim. In: COHEN, M. A. A. M. & RAMOS, J. M. (orgs.) *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança* linguística. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.

PERINI, M. (1985) O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *D.E.L.T.A.*, 1. n.º 1 e 2: 1-16.

PINTZUK, S. (1988) *Varbrul Programs*. Inédito.



PIZZANELLI, N. L. F. (1998) *Os pronomes clíticos em duas variantes de línguas românicas: o português do Brasil e o espanhol do Rio de la Plata*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

POGGIO, R. M. G. F. (2002) *Processos de gramaticalização de preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA.

RAMOS, J. M. (1997) O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: DA HORA, D. (org.) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia.

RENZI, L. (1997) *Fissione di lat. ILLE nelle lingue romanze*, in HOLTUS, J. et alii (eds.) *Italica et Romanica. Festschrift für Max Pfister zum 65. Geburtstag*, Niemeyer, Tübingen.

RITTER, E. (1991) Two Functional Categories in Noun Phrases: Evidence from Modern Hebrew. In: ROTHSTEIN, S. (ed.), *Syntax and semantics vol.25: Perspectives on Phrase Structure: Heads and Licensing*. Academic Press, San Diego.

\_\_\_\_\_. (1995) On the syntactic category of pronouns and agreement. *Natural Language and Linguistic Theory* 13:405-443.

ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.) (1993) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.

ROBERTS, I. & ROUSSOU, A. (2003) *Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalisation*. Cambridge: Cambridge University Press.

ROTHSTEIN, S. (ed.) (1991) *Syntax and semantics vol.25: Perspectives on Phrase Structure: Heads and Licensing*. Academic Press, San Diego.

SAID ALI (1976) *Investigações Filológicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo.

SAUERLAND, U & YATSUSHIRO, K. (2004) A Silent Noun in Partitives. In: MOULTON, K. & WOLF, M (eds.) *Proceedings of NELS 34*. GLSA, University of Massachusetts, Amherst.

SAUSSURE, F. de. 1977 [1916] *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.

SCHOORLEMMER, M. (1998) Possessors, Articles and Definiteness. In: ALEXIADOU, A. & WILDER, Ch. (eds) *Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam: Benjamins.

SELKIRK, E. (1977) Some remarks on noun phrase structure. In: CULICOVER et alii. (eds.) *Formal Syntax*. New York: Academic Press.

SILVA, G. M. de O. (1982) *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. (1984) Variação no sistema possessivo de terceira pessoa. *Tempo Brasileiro* (78/79).

\_\_\_\_\_. (1991) Um Caso de Definitude. *Organon*. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (1998a) de Estertores da forma *seu* de terceira pessoa na língua oral. In: SILVA, G. M. de & SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

\_\_\_\_\_. (1998b) Estertores da forma *seu* de terceira pessoa na língua oral: resultados sociais. In: SILVA, G. M. de & SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

\_\_\_\_\_. & SCHERRE, M. M. P. (1998) *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

SILVEIRA BUENO, F. (1955) *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

SLEEMAN, P. (1996) *Licensing Empty Nouns in French*. PhD Dissertation. University of Amsterdam.

STORTO, G. (2000) Double Genitives Aren't (Quite) Partitives. In: OKRENT, A. & BOYLE, J. (eds.) *Papers from the Thirty-Sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: University of Chicago.

SZABOLSCI, A. (1983) The possessor run away from home. *The Linguistic Review* 3:89-102.

TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.) (1991) *Approaches to Grammaticalization I*, Amsterdam: John Benjamins.

VÄÄNÄNEN, V. (1968) *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Editorial Gredos.

WEINREICH, U., LABOV, W. HERZOG, M. (1968) Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press.

ZAMPARELLI, R. (1998) A theory of kinds, partitives and OF/Z possessives. *Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam: John Benjamins.